

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA –
PPGSCA

YANDREI SOUZA FARIAS

O RITUAL DE RECOMENDAÇÃO DE ALMAS NO INTERIOR DO AMAZONAS:
entre a resistência e o preconceito

MANAUS – AM

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA –
PPGSCA

YANDREI SOUZA FARIAS

O RITUAL DE RECOMENDAÇÃO DE ALMAS NO INTERIOR DO AMAZONAS:
entre a resistência e o preconceito

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de pesquisa: Aspectos Simbólicos e Manifestações Socioculturais

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto

MANAUS – AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F224r Farias, Yandrei Souza
O Ritual de Recomendação de Almas no interior do Amazonas : entre a resistência e o preconceito / Yandrei Souza Farias . 2023
106 f.: 31 cm.

Orientador: Caio Augusto Teixeira Souto
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Interdisciplinaridade. 2. Recomendação das Almas. 3. Amazônia. 4. Resistência. 5. Religião. I. Souto, Caio Augusto Teixeira. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

BANCA EXAMINADORA

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de pesquisa: 1) Aspectos Simbólicos e Manifestações Socioculturais

Professor Dr. Caio Augusto Teixeira Souto - UFAM
(Presidente)

Professora Dra. Rosimay Correa - IFAM
(Membro)

Professora Dra. Iraildes Caldas Torres - UFAM
(Membro)

DEDICATÓRIAS

Àquelas que um dia viveram ao meu lado

Leonilza Gadelha e Goreth Gadelha

(In Memoriam)

Às minhas inspirações de vida

Luzia Gadelha e Elizeu Sicsú

Aos meus grandes parceiros e irmãos

Alef Farias, Elian Farias e Olivian Farias

A todos os recomendadores de almas do Amazonas

“É preciso um caos dentro de si para dar à
luz uma estrela cintilante”
Frederich Nietzsche

AGRADECIMENTOS

Aos que estiveram ao meu lado, com amor e coragem,

Neste momento, gostaria de expressar minha gratidão, não apenas a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado, mas também a mim mesmo, por ter encontrado a força para perseverar, por não ter desistido em face dos desafios e dificuldades que se apresentaram ao longo dessa jornada.

Agradeço à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) por proporcionarem um ambiente acadêmico rico e desafiador, que permitiu o desenvolvimento deste trabalho. O apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi fundamental para a concretização deste estudo.

Aos meus estimados professores, Caio Augusto Teixeira Souto e Iraildes Caldas Torres, expressei minha sincera gratidão por sua orientação, paciência e valiosas contribuições ao longo desta jornada acadêmica. Seus insights e orientações foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha mãe, Luzia Gadelha, e à minha família, quero agradecer por todo o apoio inabalável que me deram nesta fase desafiadora da minha vida. Suas palavras de incentivo e compreensão foram uma luz constante nas horas mais sombrias.

Aos meus amigos, que compartilharam a sensibilidade e o conforto nos momentos difíceis, saibam que sua presença e amizade foram verdadeiramente inestimáveis.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão aos Recomendadores de Almas, personagens fundamentais desta pesquisa, que compartilharam suas histórias, conhecimentos e práticas religiosas, enriquecendo este estudo.

Este trabalho não teria sido possível sem a contribuição de cada um de vocês. Saibam que sua dedicação e apoio são profundamente apreciados. Muito obrigado por fazerem parte desta jornada.

Com gratidão,

Yandrei Souza Farias

Resumo: Esta pesquisa interdisciplinar busca uma compreensão abrangente e enriquecedora das complexidades culturais, simbólicas e filosóficas presentes no ritual de recomendação das almas em Parintins - AM, no contexto da religiosidade popular amazônica. A abordagem envolve contribuições fundamentais da antropologia, das ciências da religião e, de maneira crucial, da filosofia, que desempenha um papel essencial ao ajudar a tematizar o problema da morte neste contexto específico. Os objetivos incluem explorar os significados da morte para os recomendadores, destacar elementos de cultura e religiosidade populares, e descrever o ritual, especialmente os cânticos e rezas, dentro da tradição regional. A metodologia inclui pesquisa de campo com visitas a rituais, observações etnográficas detalhadas e entrevistas com alguns recomendadores de almas. O estudo abrange as raízes e a diversidade da prática, enfocando a centralidade da música, das rezas e a comunicação entre vivos e mortos. Entrevistas com praticantes revelam devoção, mas também falta de compreensão e apoio. A análise da pesquisa sobre a recomendação das almas na Amazônia oferece uma visão aprofundada da complexidade dessa tradição religiosa, destacando sua importância cultural e os desafios de marginalização enfrentados pelos praticantes.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Recomendação das Almas; Amazônia; Resistência; Preconceito.

Abstract: This interdisciplinary research seeks a comprehensive and enriching understanding of the cultural, symbolic, and philosophical complexities present in the ritual of “Recommendation of souls” in Parintins - AM, in the context of popular Amazonian religiosity. The approach involves fundamental contributions from anthropology, the sciences of religion and, crucially, philosophy, which plays an essential role in helping to thematize the problem of death in this specific context. The objectives include exploring the meanings of death for the recommenders, highlighting elements of popular culture and religiosity, and describing the ritual, especially the songs and prayers, within the regional tradition. The methodology includes field research with visits to rituals, detailed ethnographic observations and interviews with some soul recommenders. The study covers the roots and diversity of the practice, focusing on the centrality of music, prayers and communication between the living and the dead. Interviews with practitioners reveal devotion but also a lack of understanding and support. Analysis of research into the “Recommendation of souls” in the Amazon offers an in-depth look at the complexity of this religious tradition, highlighting its cultural importance and the challenges of marginalization faced by practitioners.

Keywords: Interdisciplinarity; Soul Recommending; Amazon; Resistance; Prejudice.

Resumen: Esta investigación interdisciplinaria busca una comprensión integral y enriquecedora de las complejidades culturales, simbólicas y filosóficas presentes en el ritual de “Recomendación de almas” en Parintins - AM, en el contexto de la religiosidad popular amazónica. El enfoque involucra contribuciones fundamentales de la antropología, las ciencias de la religión y, fundamentalmente, la filosofía, que juega un papel esencial para ayudar a tematizar el problema de la muerte en este contexto específico. Los objetivos incluyen explorar los significados de la muerte para los recomendadores, resaltar elementos de la cultura y religiosidad popular y describir el ritual, especialmente los cantos y oraciones, dentro de la tradición regional. La metodología incluye investigación de campo con visitas a rituales, observaciones etnográficas detalladas y entrevistas con algunos recomendadores de almas, el estudio abarca las raíces y la diversidad de la práctica, enfocándose en la centralidad de la música, las oraciones y la comunicación entre vivos y muertos. Las entrevistas con los practicantes revelan devoción pero también falta de comprensión y apoyo. El análisis de la investigación sobre el ritual de “Recomendación de almas” en la Amazonia ofrece una mirada en profundidad a la complejidad de esta tradición religiosa, destacando su importancia cultural y los desafíos de marginación que enfrentan sus practicantes.

Palabras clave: Recomendación de Almas; Amazonía; Resistencia; Prejuicio.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	CAPÍTULO I – A EXPRESSÃO CULTURAL DA RELIGIOSIDADE POPULAR	19
2.1	Os aspectos politeístas das crenças amazônicas	19
2.2	Catolicismo popular na Amazônia.....	23
2.3	Recomendadores de Almas em Oriximiná – PA e em Parintins – AM.....	28
2.4	Os Recomendadores das Almas e os Cânones de penitência	33
2.5	Os sentidos da morte na visão dos Recomendadores das Almas.....	41
3.	CAPÍTULO II – O RITUAL DE RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS	51
3.1.	As rezas, ladainhas e cantorias	51
3.2.	As vestimentas, instrumentos e simbologias	56
3.3.	A chamada das almas no cemitério	62
4.	CAPÍTULO III – TRAJETÓRIA DE VIDA DOS RECOMENDADORES DE ALMAS	74
4.1.	O “padre” chefe do grupo	74
3.2.	Seu Alberto e o remorso na descontinuidade da recomendação das almas	79
3.3.	Leonir Cavalcante e a preservação do ritual de recomendação das almas	85
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
6.	REFERÊNCIAS	103

1. INTRODUÇÃO

A dissertação que se segue mergulha nas profundezas da rica e diversificada tapeçaria cultural do interior do Amazonas, onde o "Ritual de Recomendação das Almas" desempenha um papel de destaque. Este ritual é um verdadeiro microcosmo da resistência cultural e religiosa em meio a um contexto de crescente preconceito e marginalização. Neste texto introdutório, exploraremos os aspectos históricos, símbolos, canções, rezas, ladainhas e vestimentas que compõem essa prática religiosa singular, evidenciando sua importância na preservação das tradições culturais na região amazônica. Ao longo deste estudo, foi abordado as seguintes discussões:

O Capítulo I estabelece um cenário abrangente da diversidade cultural e religiosa da região amazônica. É enfatizado como as crenças e práticas populares desempenham um papel crucial na vida das comunidades locais, mesmo que não estejam alinhadas estritamente com os dogmas da Igreja Católica. O sincretismo religioso é destacado como um fenômeno cultural distintivo da região. As crenças em seres encantados, como o Curupira e o Boto, são ressaltadas como elementos da mitologia local. O estudo também sublinha a relevância das práticas religiosas populares para a preservação das tradições culturais e identidade das comunidades.

O Capítulo II nos aprofunda na prática da Encomendação das Almas, destacando como os rituais de recomendação têm raízes profundas na cultura brasileira. As rezas desempenham um papel fundamental nesse ritual, agindo como um canal de comunicação entre o mundo dos vivos e o espiritual. A musicalidade é um componente enriquecedor, com instrumentos e cânticos que contribuem para a ambientação sonora do rito. O capítulo também destaca a relação de lealdade e proteção entre os rezadores e as almas dos mortos, demonstrando o comprometimento e a devoção presentes na prática.

O Capítulo III nos fornece uma visão prática da recomendação das almas através de entrevistas com Mário Jorge, Seu Alberto e Seu Leonir. Embora o texto não revele marginalização direta contra esses praticantes, ele aponta para desafios significativos que enfrentam para manter viva a tradição. A falta de interesse da geração mais jovem, a ausência de apoio formal da Igreja Católica e a incompreensão de alguns sobre as práticas espirituais dos mais velhos são destacados como fatores que podem levar à marginalização.

O "Ritual de Recomendação das Almas" é uma prática religiosa que ocorre no interior do Amazonas, especificamente na cidade de Parintins, e em comunidades rurais adjacentes. Este ritual tem raízes profundas na religiosidade popular e no catolicismo tradicional português que chegou ao Brasil durante a Idade Média. No entanto, ao longo dos séculos, essa prática

religiosa incorporou elementos da cultura local, criando uma manifestação única de fé e espiritualidade que é indissociável da identidade cultural das comunidades onde é realizada.

Os aspectos históricos deste ritual remontam aos primórdios da colonização da região amazônica, quando a influência da cultura europeia, africana e indígena se entrelaçou para criar uma religiosidade popular distintamente amazônica. A presença de seres encantados, como o Curupira e o Boto, é parte integrante da mitologia local e frequentemente relacionada a fenômenos naturais e catástrofes, ilustrando a estreita ligação entre o sobrenatural e a realidade na Amazônia.

O cerne deste ritual é a comunicação com os mortos e a busca pela salvação de suas almas. Isso é realizado por meio de canções, rezas e ladainhas que são entoadas pelos praticantes, conhecidos como "Recomendadores de Almas." As letras dessas canções narram histórias religiosas, exaltam figuras sagradas e servem como pedidos às almas, esperando receber bênçãos em troca. O uso de instrumentos musicais, como a matraca, o berra-boi, a sanfona e a viola, enriquece a ambientação sonora do ritual, criando uma experiência espiritual única.

A Recomendação¹ das Almas é um ritual religioso, que está relacionada às práticas católicas da Europa durante a Idade Média. Este ritual difundiu-se por várias partes do mundo, no Brasil, por exemplo, esta prática está presente no catolicismo popular em várias regiões (EUFRÁSIO; ROCHA, 2016). O ato de “recomendar” ou rezar para as almas é uma prática de fé trazida pelos colonizadores portugueses e atualmente é praticada de forma bastante similar ao modo como a manifestação ocorre em Portugal. Neste sentido, Pereira (2005), assinala o ritual de recomendação de almas como uma manifestação do folclore religioso brasileiro. Por sua vez, como apontou o autor, este ritual sofreu adaptações em várias partes do país, de norte a sul, que apesar de sofrerem variações, apresenta objetivos similares.

As vestimentas dos Recomendadores de Almas também são elementos simbólicos importantes. Tradicionalmente, eles se vestem de branco, usando toalhas na cabeça que simbolizam a pureza de intenção e um papel pacífico como intercessores pelas almas. As velas, a cruz e outros objetos rituais têm significados específicos relacionados à fé na ressurreição e à esperança na misericórdia divina.

Este ritual é mais do que uma manifestação religiosa; é uma expressão viva da resistência cultural e espiritual nas comunidades do interior do Amazonas. Em meio ao

¹ Este termo pode variar de contexto para contexto. Na Europa medieval, o termo utilizado era Encomendação de Almas. No Brasil, especialmente em Parintins, é utilizado a *Recomendação das Almas*.

preconceito e à marginalização, o Ritual de Recomendação das Almas permanece como um farol de identidade cultural e espiritual, preservando as tradições e a memória coletiva das comunidades que o praticam. Nos capítulos subsequentes, exploraremos mais a fundo a dinâmica dessas práticas, suas implicações sociais e culturais, e as histórias de vida dos Recomendadores de Almas que desempenham um papel vital na manutenção desta tradição única.

No entanto, apesar da riqueza cultural e espiritual que o Ritual de Recomendação das Almas representa, ele enfrenta desafios significativos relacionados ao preconceito e à marginalização. À medida que a modernização, a urbanização e a influência de religiões majoritárias se expandem na região amazônica, essa prática tradicional muitas vezes fica à margem da sociedade e, em alguns casos, é alvo de incompreensão e preconceito.

O preconceito emerge em parte devido à complexidade das crenças e práticas envolvidas no Ritual de Recomendação das Almas. Muitos, especialmente os mais jovens, podem não compreender completamente o significado por trás das músicas, das vestimentas e dos rituais, o que pode levar à desvalorização e à estigmatização da prática. Além disso, a coexistência de elementos católicos tradicionais com crenças populares e até mesmo politeístas, como a presença de seres encantados, torna o ritual um alvo de perplexidade para aqueles que não estão familiarizados com essa mistura única de espiritualidade.

A marginalização deste ritual também é evidenciada pela diminuição do número de praticantes. As equipes de rezadores, que costumavam ser numerosas, estão diminuindo à medida que as gerações mais jovens mostram menos interesse em continuar essa tradição. A falta de apoio direto da Igreja Católica, apesar da contribuição significativa dos Recomendadores de Almas para a comunidade, sugere uma falta de reconhecimento e apoio oficial, o que pode agravar ainda mais a marginalização da prática.

O estudo deste ritual é crucial para diversas partes interessadas. Primeiramente, a pesquisa contribuirá para a compreensão das complexidades da religiosidade popular e das tradições culturais na região amazônica, oferecendo uma oportunidade de esclarecer os aspectos muitas vezes mal compreendidos dessas práticas religiosas.

Apesar de comungar dos mesmos ideais, a prática deste grupo não é aceita pelo catolicismo, levantando uma barreira conflituosa entre religião e costumes tradicionais. Neste sentido, este projeto de pesquisa busca realizar um levantamento sobre o ritual de recomendação de almas feita por católicos no município de Parintins, com o intuito de assinalar como esses rezadores sobrevivem na modernidade e em uma sociedade preconceituosa, uma vez que o ritual é pouco conhecido e está se adaptando para sobreviver na sociedade moderna.

Para o desenvolvimento deste estudo levantou-se a seguinte questão norteadora: como os Recomendadores de Almas conseguem manter viva a prática secular de recomendação das almas em meio à discriminação e preconceito religioso na sociedade moderna? Por meio desse questionamento será possível assinalar quem são os Recomendadores de Almas, qual é o objetivo do ritual, como acontece e quem pode participar.

Neste estudo, pretendo verificar em que sentido a recomendação das almas realizado no município de Parintins - AM compõe um ritual de cultura popular no contexto amazônico, dando ênfase aos aspectos do politeísmo e cristianismo no âmbito da religiosidade. Para isso, temos como objetivos específicos: discutir em que dimensão se apresentam os sentidos da morte para os recomendadores das almas, destacando os aspectos das crenças politeístas na Amazônia; identificar os elementos de cultura e religiosidade popular presentes no ritual de recomendação das almas, apontando aspectos do preconceito e da marginalização dos recomendadores de almas; e descrever o ritual de recomendação das almas, situando os cânticos e as rezas no campo da tradição.

Acredito que este estudo possa contribuir para o conhecimento e a valorização da recomendação das almas como uma expressão cultural e religiosa da Amazônia, bem como para a compreensão da diversidade e da complexidade das formas de lidar com a morte e a vida na região.

O "Ritual de Recomendação de Almas no Interior do Amazonas: Entre o Preconceito e a Resistência" é um tema profundamente significativo que merece uma análise aprofundada. A problematização desse assunto envolve considerações multifacetadas, que afetam diretamente várias partes interessadas, desde a ciência até as comunidades em questão, passando pelos próprios Recomendadores de Almas e os pesquisadores que buscam compreender e documentar essa prática religiosa única.

A marginalização é um aspecto crucial dessa problemática. Os praticantes do ritual de recomendação de almas frequentemente se encontram à margem da sociedade, uma vez que suas crenças e práticas espirituais se afastam do catolicismo predominante. Eles podem ser estigmatizados e excluídos, o que levanta questões sobre justiça social e respeito à liberdade religiosa. Compreender como essas comunidades são marginalizadas e como elas respondem a essa marginalização é fundamental.

Além disso, o preconceito é uma questão intrincada nesse contexto. A prática de recomendação de almas é frequentemente vista com desconfiança e desdém, especialmente nas áreas urbanas onde influências religiosas dominantes podem levar à intolerância. A resistência

a esses preconceitos é parte integrante da luta dos Recomendadores de Almas para manter suas tradições vivas e deve ser considerada na análise.

A dimensão histórica da recomendação de almas também é fundamental. Suas raízes remontam à chegada do catolicismo no Brasil, misturado com influências indígenas, africanas e locais. Compreender o desenvolvimento histórico desses rituais é essencial para contextualizar as práticas atuais e assinalar como elas evoluíram ao longo do tempo.

A diversidade religiosa no Amazonas é um componente-chave a ser abordado. A região abriga uma variedade de crenças, incluindo o politeísmo e a adoração de seres como os "bichos do fundo", visagens e santos católicos. Essa coexistência de crenças diferentes torna a região única, mas também pode gerar tensões entre tradições religiosas divergentes. A interação e os conflitos entre essas crenças destacam a complexidade da diversidade religiosa e as questões relacionadas ao preconceito e à marginalização.

Tendo em vista essas complexidades, este estudo visa aprofundar a compreensão do ritual de recomendação de almas no Amazonas, reconhecendo sua importância tanto para a ciência, que busca desvendar as riquezas culturais e religiosas do Brasil, quanto para os próprios Recomendadores de Almas, que lutam para preservar suas tradições. Além disso, o estudo oferecerá insights valiosos para pesquisadores que desejam conduzir análises etnográficas no campo, compreendendo as dinâmicas sociais e culturais presentes nas comunidades em que esses rituais ocorrem. Finalmente, ele servirá como uma oportunidade de sensibilização para a comunidade em geral, promovendo o respeito e a valorização das tradições religiosas únicas da região amazônica.

Portanto, a análise e a documentação do "Ritual de Recomendação de Almas" no interior do Amazonas são de importância crucial para diversas partes interessadas, destacando a necessidade de respeito à diversidade religiosa, combate ao preconceito e promoção da tolerância, enquanto também ressalta a importância de preservar as tradições culturais e religiosas que enriquecem o tecido da sociedade amazônica.

A pesquisa proposta sobre o "Ritual de Recomendação de Almas no Interior do Amazonas: Entre o Preconceito e a Resistência" apresenta uma relevância significativa para diversas partes interessadas, incluindo a comunidade científica, os próprios recomendadores de almas, pesquisadores e a comunidade em geral.

Religião está presente na vida de muitas pessoas, e para mim, que sempre tive curiosidade acerca de diversas manifestações religiosas, procurei assinalar de que forma a religiosidade funciona e contribuem de forma positiva e negativa na vida das pessoas. Participei de diversos ritos religiosos, sendo eles a Umbanda, Santo Daime, Catolicismo e o

Protestantismo na tentativa de compreender as suas experiências no mundo espiritual. Dessa forma, durante a graduação, soube da existência do grupo de rezadores “Recomendadores de Almas”, que existem em diversas regiões do Brasil, que usam de suas orações, ladainhas e cânticos fúnebres para libertar e “encomendar” a alma de diversas pessoas que faleceram precocemente ou não.

Por se tratar de uma manifestação religiosa que vive à margem da igreja católica tradicional e por tratarem de assuntos considerados tabus, como a morte e a comunicação com o mundo dos mortos, a prática de recomendar a almas sofre preconceitos pela própria igreja, padres, fiéis da igreja protestante e católica, já que, em sua visão, só quem comunica com os mortos é o próprio Deus, e portanto, eles estariam se comunicando com o Diabo. Em vista disso, o estudo visa dar maior visibilidade à prática, pois, as pessoas que por ventura não conheçam os recomendadores de almas podem compreender o papel que eles desenvolvem no âmbito da fé católica, quebrando assim certos preconceitos que existem acerca do que eles praticam, principalmente porque tratam sobre a morte, pois na visão de muitos, pode ser considerado algo estranho.

Para isso, é importante se embasar em autores da antropologia, religião, sociologia e filosofia para compreender esse fenômeno de forma coerente e explicar de forma científica a importância desse grupo marginalizado, abordando temas como a morte, tradição e resignificação, cultura e religiosidade popular na visão de Norbert Elias (2001), Francisco Jordão (1993), Agnaldo Cuoco (2012), Marcel Mauss (2003) e Clifford Geertz (2008).

Para a comunidade científica, esta pesquisa contribuirá para a ampliação do conhecimento sobre as práticas religiosas e culturais presentes no interior do Amazonas, especialmente no que diz respeito à recomendação de almas. A região amazônica é rica em diversidade cultural e espiritual, mas ainda é relativamente subexplorada em termos acadêmicos. Este estudo ajudará a preencher essa lacuna, fornecendo informações valiosas sobre as tradições religiosas únicas da região. Além disso, ele promoverá uma abordagem multidisciplinar, incluindo aspectos da antropologia, sociologia, religião e história, enriquecendo o entendimento geral da diversidade religiosa brasileira.

Para os recomendadores de almas, esta pesquisa é de suma importância, uma vez que destaca e valoriza suas práticas religiosas e culturais. Muitas vezes, essas práticas são marginalizadas e mal compreendidas, até mesmo dentro de suas próprias comunidades. Ao documentar e analisar profundamente essas tradições, esta pesquisa contribui para a preservação e promoção da cultura e espiritualidade dos recomendadores de almas. Além disso,

ao destacar o desafio do preconceito e da marginalização, a pesquisa pode dar voz às preocupações desses praticantes e ajudá-los a buscar um maior respeito e reconhecimento.

Para pesquisadores interessados em temas de diversidade religiosa e cultural, este estudo oferece insights valiosos sobre como as práticas religiosas tradicionais coexistem com religiões mais dominantes e como resistem a formas de preconceito e marginalização. A metodologia proposta, que combina pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, pesquisa etnográfica e entrevistas, pode servir como um modelo para futuras pesquisas que abordem práticas culturais e religiosas semelhantes em contextos diversos.

Por fim, a comunidade em geral se beneficiará desta pesquisa ao promover uma maior compreensão e respeito pelas práticas religiosas presentes no interior do Amazonas. À medida que o Brasil se torna cada vez mais diversificado em termos de religião e cultura, é fundamental promover a tolerância religiosa e o respeito pelas diferentes tradições espirituais. Esta pesquisa ajudará a educar o público sobre a existência e importância das práticas de recomendação de almas, incentivando uma apreciação mais profunda da riqueza cultural da região. A conscientização sobre o preconceito e a marginalização enfrentados pelos recomendadores de almas também pode levar a uma mudança de atitude e à promoção da inclusão religiosa.

Em resumo, o estudo proposto tem implicações significativas para uma ampla gama de partes interessadas, incluindo a comunidade científica, os recomendadores de almas, pesquisadores e a comunidade em geral, ao enriquecer o conhecimento sobre práticas religiosas únicas da região amazônica e promover a compreensão, respeito e inclusão religiosa.

A dissertação de mestrado intitulada "O Ritual de Recomendação de Almas no Interior do Amazonas: Entre o Preconceito e a Resistência" adota uma metodologia abrangente que combina pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, pesquisa etnográfica e entrevistas semiestruturadas. Este estudo busca compreender as complexas dinâmicas culturais, religiosas e sociais relacionadas à prática da recomendação de almas na região de Parintins, Amazonas. A pesquisa bibliográfica é fundamental, servindo como alicerce teórico que norteará todo o estudo. Nesse contexto, serão explorados temas que vão desde a história e origens da recomendação de almas no contexto amazônico até as teorias de resistência cultural e religiosa, passando pela compreensão do papel da religião e espiritualidade na região do Amazonas.

A pesquisa qualitativa será uma abordagem vital, permitindo uma investigação aprofundada das crenças, práticas e desafios enfrentados pelos rezadores de almas. Os dados coletados serão oriundos principalmente da pesquisa de campo, que envolverá visitas a rituais de recomendação de almas em 2 de novembro (Dia de Finados) e Páscoa e em outras comunidades interioranas de Parintins. Durante essas visitas, o pesquisador e participei ativamente

dos rituais, registrando detalhes sobre as práticas, a participação da comunidade e a atmosfera geral dos eventos. A pesquisa de campo também permitiu a coleta de dados de primeira mão, cruciais para uma pesquisa etnográfica robusta.

A pesquisa etnográfica se baseou em uma técnica conhecida como "descrição densa", um conceito desenvolvido por Clifford Geertz (1978). Esta abordagem implicará uma imersão profunda na cultura e nas práticas dos rezadores de almas. O pesquisador se tornou um observador participante, interagindo com os membros da comunidade, participando de rituais e registrando minuciosamente as observações. Isso garantiu uma compreensão profunda e contextualizada das práticas e crenças dos rezadores de almas, revelando nuances muitas vezes imperceptíveis por meio de outros métodos.

Além disso, a metodologia inclui entrevistas semiestruturadas com três rezadores de almas: Alberto de Oliveira, Leonir Cavalcante e Mário Jorge. Estas entrevistas abordaram uma série de questões, incluindo as histórias pessoais dos rezadores, suas motivações para a prática, suas crenças religiosas, os desafios que enfrentam e suas experiências de preconceito ou marginalização. Os relatos pessoais desses praticantes contribuíram significativamente para o entendimento holístico da experiência dos rezadores e das complexas relações entre a recomendação de almas e a sociedade em que estão inseridos.

Por fim, a pesquisa seguiu estritos princípios éticos, garantindo o consentimento informado dos participantes e preservando sua privacidade. Além disso, foi vital abordar a pesquisa de forma sensível e respeitosa, reconhecendo a importância das tradições religiosas estudadas e evitando qualquer forma de preconceito ou marginalização em relação a essas práticas. Espera-se que esta dissertação contribua significativamente para a compreensão da prática da recomendação de almas no interior do Amazonas, bem como para a análise da resistência dos rezadores de almas diante do preconceito e da marginalização. Essa pesquisa também poderá servir como referência para acadêmicos que desejam estudar práticas religiosas e culturais em diferentes contextos, promovendo uma abordagem multidisciplinar e sensível às questões de diversidade religiosa e cultural em suas pesquisas.

2. CAPÍTULO I – A EXPRESSÃO CULTURAL DA RELIGIOSIDADE POPULAR

2.1 Os aspectos politeístas das crenças amazônicas

A Amazonia é uma região multifacetada, sempre cercada de mitos e mistérios que mexem com o imaginário homem amazônico e de pessoas que vivem em outras regiões. Por todo os lugares existem comunidades ribeirinhas que expressam de muitas formas sua identidade cultural, seja ela pelas suas crenças religiosas, mitos e os costumes indígenas ainda presentes em muitas delas. São nessas comunidades, assim como nos centros urbanos, que os habitantes vivem suas vidas, educam seus filhos, formam grupos políticos, adoram seus deuses e acreditam em seus mitos e creem em suas diversas superstições e regras, tudo isso de acordo com a cultura de cada uma.

Embora a Amazônia tenha se desenvolvido em vários aspectos, principalmente quando falamos em inovações tecnológicas, ainda é muito evidente a presença de elementos tradicionais da cultura popular da região. Seja qualquer que seja o local, é comum ouvirmos histórias e lendas sobre os bichos da floresta, os seres encantados que protegem a comunidade e a floresta e punem aqueles que quebram as regras de uma determinada comunidade. São narrativas de visagens, boto, curupira ou a mulher de branco que mantém vivo o rico imaginário homem amazônico.

Além dos bichos do fundo e as visagens, a Amazonia é marcada por inúmeras outras crenças que deixam ainda mais evidente essa característica multifacetada de seus povos. É na prática de religiões de matriz africana, como a Umbanda que comunidades e grupos marginalizados buscam a explicação para fenômenos incompreendidos, é pela prática das benzedeadas que pessoas buscam a cura para doenças não curadas pela medicina tradicional, é por ela também que se livram no mau olhado, da “panema” e da falta de sorte pelas coisas que acontecem no cotidiano amazônico.

São essas e muitas outras crenças que fazem da Amazônia uma região multicultural, pois nelas estão presentes aspectos de culturas diversificadas como a do colonizador português, dos indígenas brasileiros, do negro africanos e de muitos outros povos que vieram ao Brasil. Nesse sentido, a crença amazônica é também muito diversificada, já que existe um pouco de cada povo que colonizou o país durante toda a sua existência, são religiões derivadas do próprio catolicismo que se desvencilharam de sua origem e se tornaram crenças independentes, porém

com elementos de sincretismo, ou seja, há um politeísmo religioso na crença do povo da Amazônia.

Disto isso, é preciso que façamos uma discussão acerca da cultura e catolicismo popular, para compreender um pouco mais desse conceito e das múltiplas crenças presentes na região. Além disso é preciso também descrever os aspectos do politeísmo da região amazônica, pois, como foi observado, a Amazonia é maraca por uma vasta gama de crenças, graças aos vários povos que construíram a identidade do povo brasileiro e consequentemente da região amazônica.

Para se falar sobre religiosidade popular, primeiro é importante a tentativa de conceituar a religião, uma vez que não é uma tarefa fácil, em vista de ser um tema bastante complexo. Um dos problemas que se coloca perante o fenômeno religioso é que ele é um fato histórico ou que surgiu na vida do indivíduo por razões estranhas. Cuoco (2012), diz que “seu principal desafio é a diversidade de fenômenos aos quais se pode aplicar esse termo, o conceito é tão vasto, que sua intenção parece desaparecer” (CUOCO, 2012, p. 216).

Embora Cuoco defenda a ideia que não é possível discutir a religião, sem antes falar do conceito de Deus, pois o próprio conceito de Deus está carregado de paradoxos, há algumas definições defendidas por diferente autores que exemplificam bem esse sentido. Por isso, assinala-se que “a religião é uma busca que determina a verdade de muitas pessoas e que as liga em torno de si, enfatizando que a religião é um sistema que oferece uma salvação, ou seja, um tipo de bem estar profundo” (CUOCO, 2012, p. 218 apud SWINBURNE, 2005, p. 159)

Para Jordão (1993), a religião nasce de uma complexidade e forças contrastantes que atuam dentro de cada indivíduo, e por não conseguir controlar essas forças ou não conseguir respostas para fenômenos estranhos da natureza, o leva a acreditar num ser divino que tudo cria e controla.

Nesse sentido, para Geertz (2008) a religião pode ser:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de faturalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2008, p. 67)

Portanto, a religião liga à necessidade de contornar as forças indomáveis da natureza, que fazem depender do dinamismo incontrolável do psiquismo humano.

Seguindo esse pensamento os recomendadores realizam sua ladainhas nos setores mais pobres da cidade, comunidades rurais ou onde exista um fiel que acredite nos conceitos por

eles defendidos, para que a prática não desapareça, se fortaleça cada vez mais, se adaptando as adversidades e ainda sim levar a mensagem da religiosidade popular a lugares que a igreja não realiza nenhuma atividade religiosa, mantendo assim, os dogmas católicos, pois a própria manifestação religiosa popular, ajuda a preservar algumas características que antes eram praticada pela igreja tradicional, como explica Suess (1979):

Muitas coisas que hoje se atribui a cultura popular e também ao catolicismo popular, antigamente eram bens de cultura oficial. Muitos cantos, danças, costumes e dialetos que hoje são tidos como folclore, são “bens de cultura que desceu”. Em muitos lugares, o catolicismo popular serve como invólucro de crisália conservador de um catolicismo outrora oficial. Em muitos louvores irracionais do catolicismo popular, encontramos ainda a memória de uma cultura perdida: algo entre saudade e saudosismo do passado perdido. [...] devido ao retardamento cultural, a sua imagem do mundo pode ser completamente inadequada, popular-católica. (SUESS, 1979, p. 36)

Dessa forma, essa experiência da fé pelos leigos e organizada a partir das referências que eles têm, não são referências nem cultas e nem ortodoxas, eles não seguem as normas da igreja ou os seus dogmas. Dessa forma, abre-se uma possibilidade para o catolicismo popular fazer a fusão de suas crenças com outras que não seriam permitidas caso fosse mediada pela instituição cristã, ou até mesmo permitindo a convivência no meio de crenças comuns em comunidades isoladas, como os mitos provenientes da cultura indígena, negra e demais religiões.

Galvão (1957), destaca que o catolicismo do homem amazônico² é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de “santos de

² De acordo como Deborah Lima (1999), na antropologia, a definição objetiva de caboclo é como camponeses amazônicos, distinguindo os habitantes tradicionais dos imigrantes recém-chegados de outras regiões do país. A definição coloquial de caboclo está associada a um estereótipo negativo porque é decorrente da representação negativa do indivíduo ou grupo que ocupa uma posição social inferior. A construção histórica do termo caboclo reflete a história da formação da sociedade amazônica porque surgiu no contexto de uma estrutura social altamente hierarquizada, como foi a sociedade amazônica colonial, e foi usado para referir-se à classe inferior e definir suas qualidades e seu valor. Além disso, o termo inicialmente denotava o índio genérico, destribalizado, passando posteriormente a significar o híbrido, o miscigenado, processo em que se formou o segmento camponês amazônico.

O caboclo é um tipo humano descrito na literatura amazônica e é definido como "um grupo de sangue misto resultante do casamento entre os ameríndios e os primeiros colonos portugueses e, mais tarde, nordestinos". Na fala coloquial, o caboclo é uma categoria de classificação social complexa que incluem dimensões geográficas, raciais e de classe. Considerando a dimensão geográfica, o caboclo é reconhecido como um dos "tipos" regionais do Brasil e é reconhecido pelos brasileiros em geral como o tipo humano característico da população rural da Amazônia. Na literatura amazônica, o caboclo é retratado como um símbolo do "fracasso humano" e associado à pobreza, embora a associação entre o caboclo e o meio ambiente amazônico seja ambivalente e representada de maneiras contraditórias. Dessa forma, neste estudo este termo será banido e passo a usar a definição de homem amazônico.

devoção”, a exemplo dos recomendadores de almas, no qual todos os anos são chamados por moradores de comunidades ribeirinhas para orar em nome dos santos que cuidam de sua comunidade.

Para Charles Wagley (1957) O Brasil possui uma herança cultural formada pela fusão das culturas da Europa, da África e do Ameríndio, possui uma parcela bem características de crenças populares e práticas de magia:

A região amazônica, isolada por tanto tempo dos centros das técnicas e da ciência, conservou muitas crenças e magias dessas três tradições. Certas crenças medievais ibéricas permaneceram muito tempo após terem desaparecido em Portugal e números conceitos e costumes de origem ameríndia ainda são hoje conservados na Amazônia, os costumes da África também influíram sobre as crenças populares da região. Em muitos casos, pode-se facilmente atribuir uma determinada série de crenças a uma dessas três culturas. (WAGLEY, 1957, p. 295)

Outro exemplo também é exposto por Wagley:

Por exemplo, os conceitos e práticas peculiares ao feiticeiro ou charlatão, ou o pajé, como é chamado na Amazônia, são de origem nitidamente ameríndia. Há, porém, outros elementos e complexos que parecem ter sido originados por mais de uma herança cultural. Dão a impressão de haverem fundido nas práticas e costumes de duas ou três dessas tradições, passando a assumir as feições características da cultura popular da Amazônia. A crença em Matintapereira, indivíduo que, à noite, se transforma em fantasma, para citar só um exemplo, é provavelmente uma combinação da crença europeia em lobisomens com os conceitos dos índios amazonenses sobre os temíveis espíritos das selvas. (WAGLEY, 1957, p. 296)

Galvão (1957), compactua com a ideias de Walgey ao esclarecer que a religião dos povos ribeirinhos da Amazônia tem forte influência ameríndia, a exemplo dos “bichos visagentos” Curupira, Boto, Matinta Perera, Cobra Grande, todos os seres encantados que fazem parte da mitologia e folclore local. São associados, muitas vezes, a acontecimentos de catástrofes ou fenômenos naturais, como enchentes, vazantes, terras caídas, mulheres grávidas etc. além fenômenos “mágicos” como a “panema” uma espécie de força mágica que incapacita o indivíduo para a realização de suas empreitadas (azar na pesca e na caça ou até mesmo conquistar mulheres) e a pajelança em geral, que tem muito a ver com a cura de pessoas doentes.

É interessante observar que os santos e visagens têm papéis diferentes na religião dos homens amazônicos, e ao contrário do que pensam, na crença deles não há um sincretismo religioso tal como as religiões de matriz africanas. Os santos exercem o papel de proteger e livrar a comunidade do mal, porém existem coisas do qual fogem ao seu controle, é o caso das

forças malignas do boto, da panema e de todo o mal proveniente dos bichos visagentos, embora ambos façam parte de um mesmo sistema religioso.

Galvão esclarece também que o nivelamento das diferenças entre várias sociedades tribais foi promovido pela difusão de uma linguagem comum e pelo controle exercido pelos missionários, portanto, essa mistura de elementos religiosos, funcionou, em certa medida como mecanismo de controle, principalmente dos povos indígenas que viviam em nossa região, e que hoje se tornou o catolicismo do homem amazônico.

2.2 Catolicismo popular na Amazônia

Quando discutimos sobre cultura e catolicismo popular, se torna uma tarefa muito difícil, uma vez que, o tema é norteador por diversas concepções e principalmente por apresentar uma variedade de significados a depender de onde a expressão cultural é realizada. E quando falamos do catolicismo popular, as coisas também não se tornam fáceis, já que, no contexto amazônico, ela pode apresentar hibridismos, devido a pluralidade da região.

A religiosidade popular é um fenômeno cultural profundamente enraizado na história da humanidade, manifestando-se em diversas sociedades ao redor do mundo. Essa forma de expressão espiritual é caracterizada por sua natureza informal, transmitida oralmente de geração em geração e enraizada nas tradições, crenças e costumes de um povo. Ao contrário das religiões institucionalizadas, a religiosidade popular é marcada por uma espontaneidade que a torna única e diversa em suas práticas e manifestações.

A religiosidade popular pode abranger uma ampla gama de práticas e rituais que refletem a conexão íntima entre a fé e a vida cotidiana das comunidades. Entre as práticas mais comuns, estão as festividades religiosas, que muitas vezes são celebradas em honra a santos, divindades ou acontecimentos históricos considerados sagrados. Essas festas são marcadas por rituais coloridos, danças, músicas, processões e oferendas, proporcionando uma experiência de comunhão entre os fiéis e o sagrado.

O religioso quando pensado em um contexto popular, pode definir o modo que muitos povos se posicionam, suas opiniões, seus desejos ou seu modo de viver. No interior do Amazonas, a igreja católica tem grande influência, com isso, a cultura local possui um aspecto cultural que é baseado em muitos conceitos cristãos. Então, para compreender a cultura popular desse meio, devemos antes assinalar o lado religioso, a devoção e as crenças que a região abriga.

Conforme Geertz (2008), “os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica e, ao fazê-lo sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro” (GEERTZ, 2008, p. 67).

As peregrinações também são uma característica marcante da religiosidade popular, onde os devotos viajam para locais considerados sagrados, como santuários ou pontos de interesse religioso, em busca de bênçãos, cura ou aprofundamento espiritual. Essas jornadas são muitas vezes vistas como oportunidades de purificação e renovação da fé. Além disso, a religiosidade popular inclui uma rica variedade de devoções a santos e entidades espirituais específicas. A figura do santo assume um papel central nesse contexto, com fiéis buscando intercessão e proteção através de orações e oferendas. Cada santo é frequentemente associado a uma função ou atributo específico, tornando-se patrono de determinadas causas, profissões ou doenças.

Após a expulsão dos jesuítas da região amazônica, permanece a presença de católicos leigos, com suas rezas, danças, festas e ritos coletivos, que misturam o sagrado e profano, no qual o poder da igreja se dilui na presença dos praticantes autônomos da crença. Surge uma oportunidade para que as pessoas vivam a sua religiosidade sem muita instrução normativa, elas não sabem muito bem o que é o catolicismo romano tradicional pensado pelos teólogos. Nasce a partir do pouco convívio que as pessoas têm com as instâncias institucionais.

Dessa maneira, a colonização portuguesa e espanhola nas Américas, veio com o objetivo de criar uma cristandade sob a tutela das coroas lusitana e hispânica. Os missionários trabalhavam em nome das coroas e buscavam a conversão dos nativos à fé cristã. O projeto colonial foi bem-sucedido por quase 300 anos, mas enfrentou crises devido a ideias liberais e movimentos de independência. Após divergências, a Igreja no Brasil buscou maior autonomia, o que desagradou a Roma. A Igreja Romana, então, tentou impor a romanização, centralizando o poder na instituição eclesiástica. Essa mentalidade perdurou até o pontificado de Pio XII.

No entanto, nos anos 50, surgiu uma abertura com o Concílio Vaticano II, que promoveu a compreensão da Igreja como "povo de Deus", preocupado com questões humanas e a serviço de todos os povos. Na América Latina, surgiram novos projetos de Igreja com foco nos pobres e na libertação. A opção preferencial pelos pobres foi reafirmada, reconhecendo-os como parte viva da Igreja. Essa abordagem voltada às origens da Igreja primitiva tem sido vitoriosa. Atualmente, há uma tendência em retomar o modelo tridentino, mas é importante garantir que a caminhada da Igreja Latino-Americana, preocupada com os pobres, não sofra retrocessos.

Segundo Campos (1995), as festas populares de cunho religioso que ocorriam em várias regiões do Brasil, mas que ao longo do tempo perderam parte de suas características originais.

Essas festas eram voltadas para devoções a santos como S. Lázaro, N. S. da Saúde, Santa Luzia, Divino Espírito Santo, entre outros. Elas eram organizadas e realizadas pelos próprios leigos da comunidade, não dependendo muito da presença de padres.

Antes da realização das festas, os organizadores percorriam as localidades em canoas, arrecadando donativos do povo, que seriam utilizados para alimentar os participantes e para o leilão que ocorria durante a festa. Quando havia um padre presente, ele era convidado para celebrar missas, ouvir confissões e realizar casamentos e batizados, mas não tinha grande influência na organização e na arrecadação de recursos.

As festas começavam com uma procissão aquática, com barcos e canoas decoradas e iluminadas, e seguiam com a realização de diversas cerimônias religiosas, como as folias e rezas dos foliões. Também havia espaço para as barracas de comidas típicas e para as vendas de produtos da região. Apesar de serem eventos alegres e populares, algumas desavenças e até mesmo violência podiam ocorrer devido ao consumo excessivo de bebida por parte de algumas pessoas desordeiras. No entanto, os organizadores geralmente conseguiam manter a ordem e a moralidade durante as festas.

No final da festa, acontecia o corte do mastro, um poste de madeira com prêmios, frutas e dinheiro na ponta, e quem segurasse a bandeira que estava no topo seria o próximo responsável pela festa no próximo ano. Esse tipo de catolicismo popular, organizado pelos leigos, foi uma herança do antigo catolicismo luso-brasileiro, que se baseava em lideranças leigas e suas organizações.

Segundo Campos (1995), os missionários do PIMI trouxeram a ideia de formar sacerdotes e cristãos nativos que assumiriam a igreja local, mas, na prática, não conseguiram se integrar completamente à cultura dos nativos e caboclos. A mentalidade predominante era a de que a cultura e religião europeias eram superiores às locais, e a romanização visava substituir as práticas do catolicismo popular por movimentos religiosos organizados, como a Congregação Mariana, o Apostolado da Oração e outros.

[...] Roma tentou implantar, em substituição ao de cristandade, o projeto de “romanização ou europeização” fundamentado no Concílio de Trento, reforçado pelo dogma da infalibilidade papal séc. XIX), sendo o chefe da Igreja Romana o “centro irradiador da verdade da salvação para o mundo”, onde a salvação não se dá mais pela incorporação a ideia de nação, mas está “incorporada à instituição eclesiástica”. A expressão “fora da Igreja não há salvação” é entendida “fora da Igreja hierárquica romana, não há salvação”. Essa mentalidade perdurou até o pontificado de Pio XII’ (Campos, 1995, p. 110)

Essa mudança causou conflitos com as práticas anteriores, e os líderes leigos do catolicismo popular foram substituídos por membros dos novos movimentos religiosos. A presença constante dos missionários e a pressão para a adoção dos novos padrões contribuíram para a imposição do catolicismo romanizado.

Algumas tentativas de integração entre as cerimônias do catolicismo popular e o catolicismo romanizado foram feitas, mas, em muitos casos, as antigas festas populares foram suprimidas ou perderam sua importância. Houve casos em que as disputas entre as comunidades romanizadas e as comunidades mais tradicionais levaram até mesmo à destruição de igrejas.

Com o tempo, os santos padroeiros perderam destaque em algumas localidades, sendo substituídos por outros santos mais alinhados com o catolicismo romanizado. Esse processo de decadência do catolicismo popular foi marcado pela substituição das lideranças leigas por líderes romanizados, controle rígido por parte do clero e diminuição do papel dos santos padroeiros nas festas religiosas.

Em suma, a chegada dos missionários do PIMI na região de Parintins trouxe consigo a tentativa de romanização do catolicismo, levando à mudança e, em alguns casos, à extinção do catolicismo popular, com suas festas e práticas tradicionais.

Outra concepção sobre o catolicismo popular, é encontrado no Estudos de Heraldo Maués (1990), realizado em Itapuã, região do Salgado, e outras áreas da Amazônia tem sua base na crença e culto dos santos, combinando o sagrado e o profano em festas religiosas. Os principais santos venerados são Nossa Senhora de Nazaré, São Benedito, o Menino Deus e São Pedro. Nossa Senhora de Nazaré é especialmente importante, tendo sua devoção iniciada no século XVII e se estendido ao Círio de Nazaré, evento de grande importância na Amazônia. São Benedito é considerado milagroso e invocado por pescadores em caso de avaria mecânica ou perda das redes de pesca. O Menino Deus, padroeiro local, é cultuado como um santo e não como membro da Trindade, refletindo a distância percebida entre Deus e o povo. São Pedro é visto como um companheiro de trabalho, não esperando-se muitos milagres dele.

Os santos são vistos como aqueles que viveram e se santificaram após a morte, relacionando a santidade com a prática do bem e conservação dos corpos santos. O poder das imagens dos santos varia, sendo influenciado pelos prestígios dos "donos" das imagens em suas comunidades.

Além disso, o catolicismo popular apresenta crenças nos "encantados", seres que se "encantaram" e não morreram, como os santos. Eles habitam lugares abaixo da superfície terrestre, podendo assumir diversas formas e manifestar-se de maneiras intrigantes. Ao

contrário dos santos, nunca são representados por imagens. Os rituais xamanísticos, realizados pelos pajés ou curadores, são essenciais para se comunicar com os encantados e promover curas.

Essa religiosidade sincrética é rica em tradições e influências culturais, resultado da interação entre crenças indígenas, africanas e europeias. A combinação do sagrado com o lúdico e o profano nas festas religiosas é uma característica marcante do catolicismo popular, diferenciando-o dos crentes/protestantes. Com suas particularidades regionais, essas crenças e práticas refletem a rica diversidade cultural da Amazônia e sua complexa formação histórica e social.

Compreendendo um pouco do histórico do Catolicismo popular praticado na região de Parintins, assinala-se que o catolicismo popular é uma manifestação religiosa enraizada nas tradições e cultura de diferentes comunidades ao redor do mundo, especialmente naquelas influenciadas pela religião católica. Essa forma de religiosidade se desenvolveu ao longo dos séculos, incorporando elementos locais, crenças indígenas, africanas e outras influências culturais, além das práticas e rituais da Igreja Católica.

Na crença e na prática religiosa, Geertz (2008), assinala que os costumes de um povo tornam-se compreensíveis, pois demonstra representar um significado adaptado a atualidade conforme sua visão de mundo, principalmente porque esse modo de ver os significados das coisas torna-se emocionalmente convincente como uma imagem verdadeira.

Segundo Souza (2013), os adeptos da religiosidade popular popular, são fiéis que exercem seus cultos à margem da igreja, ou com certa autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus praticantes se situam geralmente, nos setores mais pobres e menos escolarizados da população, muitos deles oriundos de comunidades rurais, criando uma característica bem peculiar no cenário religioso popular.

Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, são transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural. O Catolicismo Popular se caracteriza, principalmente, por apresentar espiritualidade festiva sem sacramentos, pois quem faz os sacramentos são os padres e estes, aparecem raramente nas comunidades isoladas para fazer o que chamam de “desobrigas” que são os eventos especiais da igreja como os casamentos, batismos, missas especiais etc.

Esses indivíduos vivem a sua espiritualidade a partir de uma intuição, o que permite o nascimento de um catolicismo com uma certa autonomia, misturado, hibridizado, sincretizado sem interferências da igreja tradicional, portanto é uma experiência da fé sem mediação dos

dogmas católicos, mas guiado principalmente pelas suas experiências. Há uma valorização dessas manifestações populares porque há um entendimento de que é uma forma individual de viver o catolicismo, ou seja, é melhor viver o catolicismo dessa forma particular do que se converter a outra religião.

Caracterizado por uma devoção fervorosa aos santos padroeiros, a Virgem Maria e outras figuras religiosas, o catolicismo popular está intimamente ligado às festas e celebrações tradicionais, muitas vezes ocorrendo em datas específicas do calendário religioso. Essas festas são marcadas por procissões, danças, cantos, missas especiais e rituais que evocam uma espiritualidade profunda e uma conexão com o sagrado.

Para Maués (1990), o catolicismo popular é frequentemente praticado por leigos, que assumem um papel ativo na organização e condução das festividades, e é transmitido de geração em geração, mantendo vivas as tradições e expressões religiosas únicas de cada comunidade. Embora o catolicismo popular tenha sido uma força unificadora para muitas pessoas e comunidades, também enfrentou mudanças e desafios ao longo dos anos, incluindo influências da Igreja Católica oficial, debates sobre a hierarquia e controle das festas populares, bem como adaptações às mudanças sociais e culturais.

Dessa maneira, destaco a natureza e a importância do catolicismo popular como uma expressão vibrante da religiosidade nas comunidades onde está enraizado. A partir dessa base, é possível explorar mais a fundo as características específicas do catolicismo popular em diferentes regiões e como ele continua a evoluir e se adaptar em um mundo em constante transformação.

A igreja tradicional cria um distanciamento de cultos religiosos que não seguem seus padrões arcaicos e conservadores, isso faz que muitos costumes religiosos, como a recomendação de almas, tradição que se estabelece à margem da igreja, seja desacreditada por grande parte da sociedade. A consequência dessa não aceitação, cumina no enfraquecimento da prática, mas não o desaparecimento das crenças populares que não são reconhecidas pela igreja tradicional.

2.3 Recomendadores de Almas em Oriximiná – PA e em Parintins – AM

Há poucos estudos relacionados à recomendação de almas na região amazônica, porém, Ana Cristina (2012), evidencia a Epistemologia da Encomendação das Almas em Oriximiná-Pará, buscando compreender a origem do ritual no município e o perfil dos encomendadores de

almas. A pesquisa é fundamentada nas vozes dos encomendadores e dos moradores de Oriximiná, combinadas com os ensinamentos de teóricos da educação, cultura e saberes. O autor levanta a hipótese de que a cultura religiosa oriximinaense pode ter sido influenciada pelos rituais católicos dos frades franciscanos da Piedade que chegaram à Amazônia no século XVII.

Os encomendadores de almas são vistos como intermediadores divinos, que levam as orações ao divino mestre da salvação, Deus. O uso do manto, da vela e do sino durante o ritual possui significados simbólicos importantes e estão associados a elementos presentes nos ritos católicos. Acredita-se que a Encomendação das Almas seja uma tradição ligada ao catolicismo popular, embora a igreja católica oficial não a reconheça como tal. Os recomendadores apresentam aspectos do sincretismo religioso presente na cultura amazônica, especialmente na região de Oriximiná. O sincretismo é a fusão de elementos de diferentes tradições religiosas em uma nova forma de religião ou prática espiritual. No caso descrito, há uma mescla de elementos do catolicismo, ritos africanos e crenças indígenas, resultando em uma religiosidade mestiça.

Esse sincretismo é evidente no ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná, onde elementos católicos são incorporados aos costumes e crenças locais. A exemplo de coroinhas, puxadores de terço e paroquianos no ritual de pajelança, demonstrando a fusão entre práticas católicas e rituais indígenas. Em Oriximiná há importância do respeito e da fé durante o ritual, pois acredita-se que Deus e as almas estão ouvindo as orações e que o desrespeito pode acarretar reprimendas das almas. O respeito pelos encomendadores das almas é destacado pela população local, que muitas vezes evita olhar diretamente para eles, por medo ou desconhecimento do ritual.

As experiências e instituições sociais são discutidas, mostrando como as crenças e práticas religiosas se integram à vida cotidiana da comunidade. O sincretismo religioso é percebido como uma característica marcante da cultura amazônica, influenciando os mitos, símbolos e práticas ritualísticas presentes no ritual de Encomendação das Almas. Este, que faz um contrato com as almas para rezar por elas durante sete anos. Esse papel de intermediário entre as almas e os vivos é considerado sagrado e deve ser cumprido com respeito e dedicação. O abandono desse compromisso antes dos sete anos é visto como um desrespeito e pode acarretar consequências negativas na vida do indivíduo.

A Encomendação das Almas de Oriximiná é uma tradição religiosa secular que possui raízes na colonização da região norte do Brasil, especialmente na Amazônia. A prática foi introduzida pelos missionários católicos que percorreram o interior da Amazônia em busca de converter as pessoas ao cristianismo. O ritual da Encomendação das Almas tem origem nas

comunidades ribeirinhas do município de Oriximiná, na região interiorana, e posteriormente se expandiu para a cidade.

Os encomendadores, que são aqueles que conduzem o ritual, são responsáveis por rezar pelas almas, sejam elas benditas ou almas em sofrimento, buscando a intermediação dos santos e de Deus para a salvação dessas almas. O ritual envolve rezas, ladainhas e o uso de símbolos católicos, como a Cruz Bendita e o Rosário de Maria. O contrato com as almas é uma prática em que o rezador faz um compromisso de rezar e acender velas para as almas toda semana em troca de ajuda e proteção. Porém, esse contrato exige responsabilidade, pois caso o rezador falhe em cumprir suas obrigações, pode sofrer punições por parte das almas. A Encomendação das Almas é vista como uma tradição cultural importante para o município de Oriximiná, e a atual gestão da Secretaria de Cultura tem se esforçado para valorizar e promover essa prática, incluindo-a nos temas transversais das escolas.

Devido à falta de registros escritos sobre o assunto, a tradição foi transmitida principalmente pela oralidade, sendo repassada de geração em geração pelos encomendadores. A cultura ribeirinha desempenha um papel significativo na preservação dessas tradições, e a população cabocla se esforça para manter vivos os aspectos culturais de suas origens. Dessa maneira, é uma manifestação cultural e religiosa que tem desempenhado um papel importante na vida da comunidade local, fornecendo uma crença na continuidade da existência após a morte e buscando a intercessão divina para a salvação das almas dos mortos.

Parece que a relação intergeracional e a transmissão de conhecimentos relacionados à Encomendação das Almas na comunidade de Jarauacá, em Oriximiná, têm raízes profundas e remontam a várias gerações. Muitos desses recomendadores mencionam que suas famílias estão envolvidas no ritual há quatro gerações, começando com seu bisavô, passando pelo avô e seu pai, até eles mesmo.

Essa transmissão de conhecimento oral e cultural é condizente com as ideias de Thompson (1998) sobre a cultura popular tradicional, que se fixa e é propagada ao longo do tempo através de narrativas exemplares transmitidas oralmente. Loureiro (1995) também ressalta que a cultura ribeirinha, à qual pertence a comunidade em questão, está envolvida em um ambiente onde a oralidade é predominante, refletindo a relação do homem com a natureza e privilegiando o sentido estético dessa realidade cultural.

Vannucchi (2006) destaca que o ser humano é um agente de cultura, e toda ação humana na natureza e com a natureza é cultura. Os saberes presentes na Encomendação das Almas podem ser identificados como produtos dessa cultura, um sistema simbólico que é transmitido e interpretado de geração em geração. A ideia de cultura como um sistema estruturado,

mencionada por Vannucchi (2006) e também por Brandão (2002), está relacionada ao imaginário social e ao arcabouço mitológico que identifica os grupos sociais e sua relação com a natureza. Nesse contexto, a Encomendação das Almas pode ser considerada como uma expressão artística mentalmente elaborada, que promove concepções morais dentro do grupo, construída historicamente ao longo do tempo.

Quanto à origem do ritual de Encomendação das Almas em Oriximiná, não há uma resposta definitiva. Acredita-se que tenha sido trazido pelos frades capuchos da Piedade há mais de trezentos anos, como mencionado por Soares (2007, a Recomendação das Almas em Oriximiná é uma tradição cultural transmitida ao longo de várias gerações, com raízes profundas no imaginário social e cultural da comunidade. Essa transmissão oral dos saberes e costumes, aliada ao entrecruzamento de elementos simbólicos e imaginários locais, promove uma relação de convivência e educação que enriquece o conhecimento social, cultural, econômico, religioso e político do povo de Oriximiná.

O ritual de recomendação de almas varia dependendo da região onde é feito, em algumas localidades a cerimônia se compõem em orações, ladainhas e acompanhamento de instrumentos musicais. E em Parintins, o ritual tem leves modificações, como por exemplo o uso de matracas que é muito usado nos rituais de recomendação de almas em outras regiões do Brasil, em Parintins, por exemplo, esse instrumento não é mais utilizado. Pereira (2005), descreve que a matraca era muito utilizada para chamar tanto as almas dos falecidos, como também as pessoas que outrora ficavam trancadas em suas casas. Em Parintins, o instrumento usado para chamar essas almas é o sino. A matraca “convida” os habitantes da proximidade para “acordar e lembrar das almas do purgatório”. Inicia-se, então, o canto que dura quase meia hora. (PEREIRA, 2005, p. 146)

As variantes dessa manifestação folclórica religiosa ocorrem de acordo com a região onde se propagou como forma de adaptação da cultura local. E isso também se torna bastante evidente em relação a participação de crianças e mulheres nessa prática religiosa. Antigamente a participação de mulheres era estritamente proibida nesse ritual, pois era uma prática exclusivamente masculina. Pereira (2005) explica como funcionava nessa época

E ai daquela que se atrever sair de casa ou abrir a porta na hora da procissão! Será castigada severamente pelos disciplinadores, penitentes que agem isoladamente, dilacerando o próprio corpo, comum jogo de lâminas atados a um cordel (PEREIRA, 2005, p.145)

Em Parintins o grupo “Caminhando com o Espírito Santo” permite a presença de mulheres e crianças, uma vez que a esposa e filho do recomendador de almas Alberto de

Oliveira participam dos rituais e orações desse grupo religioso. Considerando as práticas tradicionais de recomendação de almas, este trabalho preocupou-se também em descrever a permanência das referidas práticas na modernidade contemporânea. Deste modo, para se manter viva às futuras gerações, alguns costumes religiosos tiveram que se adaptar ao longo dos tempos. Por um período, o ritual de recomendação das almas era composto de penitência via autoflagelo, hoje em dia, orações e ladainhas são ofertadas as almas, mas, mesmo com as mudanças, o ritual tem o mesmo peso cultural e simbólico do que os realizados anteriormente.

O catolicismo popular é uma expressão cultural, além de religiosa, e muda de forma e de composição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo do qual faz parte. É dinâmico e é historicamente constituído, não sendo necessariamente avesso à modernidade, como alguns de seus estudiosos mais conservadores querem fazer acreditar. Por outro lado, algumas de suas manifestações mais arcaicas sofrem radicalmente o impacto da modernidade, e chegam mesmo a desaparecerem sob este impacto, o que impede que pontes e mecanismos de adaptação sejam criados (SOUZA, 2013 p. 6)

A recomendação de almas é um costume de caráter tradicional, realizado desde a idade média na Europa, como afirma Eufrásio e Rocha (2016). O ritual era praticado por católicos mais extremistas, que por vezes incluída até o autossacrifício, todavia, a forma que o ritual é executado hoje diverge com os realizados no passado. Partindo desse pressuposto é correto afirmar que a tradição de um ponto de vista não morre, apenas se moderniza para se incluir nos padrões atuais da sociedade.

Ruth Maria Friedrich Marquette (2009) ressalta em seu artigo que a tradição embora seja um deslumbre do passado, é um ato presente, está veiculada ao tempo, às memórias e a inventividade. Marquette afirma também que as tradições são antigas baseadas nas ideias de povos originais, servem de base para se assinalar o passado e tem grande influência no presente.

As tradições aparentam ser antigas e baseadas na ideia de um povo original. [...] a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência (...) para o presente. Vinculada ao futuro, as tradições são remodeladas a partir das representações do passado e do presente. Sua preservação e continuidade se dão pelos rituais que, reinventados, reformulados e reincorporados, são entendidos como mecanismos da memória coletiva e das verdades tradicionais (MARQUETTO, 2009 p. 3).

O rezador tem grande influência na manutenção dos costumes tradicionais da igreja católica, mas também ajuda a dar novos ares no que se refere à fé dos católicos, pois ele é o

indivíduo que vive a margem da igreja. Os recomendadores, entretanto, levam sua palavra a qualquer lugar onde haja um fiel que necessite de suas rezas levando consigo o catolicismo a áreas que a igreja católica não se estabeleceu, como comunidades rurais, vilas ou pequenos interiores que não possuem nenhum edifício religioso.

Júlio César Schweickardt (2002), no livro *Magia e religião na modernidade os rezadores em Manaus*, ressalta que a magia ou a fé não poder ser explicado pela ciência, é interpretada de diferentes formas dependendo do conceito ideológico que ela é analisada. Na Amazônia ela aparece no pensamento social de seus povos, principalmente quando envolve a questão da doença e da cura, nesse terreno o pajé autorizado socialmente para manipulação de elementos que envolvem o espírituale seres encantados que habitam o mundo espiritual e natural. Para os Jesuítas as doenças físicas e da alma é vista de maneira racional, que busca interpretar a doença prioritariamente a partir dos aspectos naturais.

Segundo Schweickardt (2002), não se questiona os métodos que os médicos, padres ou pajés interpretam a doença, mas quem tem o monopólio da interpretação sobre ela, a beira desta disputa, se fortalecem grupos populares, como os rezadores por exemplo, que fazem uma verdadeira bricolage com as diferentes tradições que colocam os conhecimentos da medicina, conhecimentos indígenas acerca da flora e da fauna, orações católicas ou traços das religiões africanas que se estabeleceram no Brasil, em prol da população carente que necessita da cura.

Os Recomendadores de Almas são rezadores por essência, levam suas ladainhas e orações as comunidades próximas de Parintins, acudindo os fiéis que buscam a cura de suas doenças do corpo e da alma, pois o ritual de recomendação ajuda não só os espíritos que buscam seu caminho, mas também ameniza as dores dos familiares que sofrem com as perdas dos entes queridos.

2.4 Os Recomendadores das Almas e os Cânones de penitência

O Recomendadores de Almas são homens, que durante os dias da Semana Santa ou finados se reúnem para praticar o ritual de recomendação das almas no cemitério e em regiões rurais em diversos locais do Brasil. Trajados com seus uniformes brancos e com uma toalha sobre a sua cabeça, eles realizam a procissão dos mortos pelas ruas desertas e escuras no interior de Parintins. Apesar de parecer um fato muito curioso e causar medo em muitas pessoas, a

prática está ligada ao catolicismo tradicional português, logo após a sua chegada no Brasil durante a idade média.

Além disso, os Recomendadores de Almas são pessoas simples, que vivem como qualquer um, muitas vezes em situações de subemprego ou marginalizados pela sociedade, porém devemos analisar esses sujeitos como indivíduos produtores de discurso e detentoras de poderes ou micropoderes, uma vez que, essas pessoas têm um conhecimento profundo acerca da morte, religiosidade católica popular e dominam seus pares por meio de seus discursos religiosos.

Desse modo, é importante verificarmos teorias de autores como Foucault (1970) e Bourdieu (1989), pois a partir deles será possível compreender alguns conceitos como a formação do discurso e do sujeito na sociedade e a noção de poder e micropoderes, que estão presentes, também, em qualquer indivíduo na sociedade e não seria diferente com os Recomendadores de almas, já que eles são vistos como autoridades no assunto religioso.

Antes de mais nada é preciso assinalar como o discurso constitui o sujeito diante de vários elementos históricos, já que na visão de Foucault, o sujeito é construído a partir dos discursos já pré-existentes na sociedade e não o contrário, como muitos autores afirmam.

Para Foucault, o discurso pode ser a reflexão de uma verdade da visão do sujeito, é visto como um discurso materialmente existente que pode ser escrito ou falado, são enunciados que assumem conceitos de “verdades” e, portanto, passam a ser aceitas como “leis” ou “regras” para determinar um comportamento. Desse modo, “a noção de discurso pode ser ainda definida como um conjunto de regras invisíveis e históricas determinadas no espaço e tempo de uma dada época e em um determinado espaço social, econômico e até mesmo linguística” (FOUCAULT apud SILVA e JÚNIOR, 2016, p. 201).

Assinala-se ainda também que o discurso em si é um acontecimento histórico, portanto muito difícil de determinar que o produziu, porém essa produção discursiva não é feita de maneira aleatória, pois obedece aos interesses dos órgãos, instituições, igrejas, políticos etc. portanto, pertence às relações de poder que as produz. Além disso, pelo discurso ser um elemento material, criado nos processos sócio-históricos, podem se materializar nas práticas dos indivíduos que o pronunciam e, portanto, pode produzir efeitos neles mesmos.

Nessa perspectiva podemos trazer uma breve reflexão acerca dos recomendadores de almas como sujeitos produtores e reprodutores de discursos, uma vez que, esses indivíduos levam a palavra de Deus até o interior do município de Parintins por meio do discurso já produzido pela igreja católica tradicional, no entanto, é inserido alguns elementos do contexto popular característico da convivência que esse grupo teve ao longo de sua vida. Desse modo,

esse discurso religioso é produzido tanto pela igreja tradicional, quanto pelo próprio grupo dos recomendadores de almas, no entanto, de uma forma bastante peculiar adaptada aos que eles conhecem como religioso. Foucault (2013) assinala que:

a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2013, p.9)

A partir disso, podemos observar que a produção do discurso é controlada e proferida por aqueles considerados “habilitados” para fazê-la, só é possível percebê-las por sujeitos que detêm um status social capaz de reproduzir essas falas, portanto é um conjunto de enunciados que formam essas relações de poder. Nesse sentido, alguns discursos também complementam o que já está posto na sociedade, perpetuando ainda mais certos conceitos, principalmente quando falamos sobre a religião, já que na igreja existem os dogmas. “Deter as “verdades” sobre um determinado campo de saber, disciplina ou ciência, significa ser detentor de poder, isto é, poder de controlar a produção sobre determinada área de conhecimento” (SILVA e JÚNIOR, 2016, p. 205)

Portanto ao perceber o discurso, deve-se levar sempre em consideração o momento histórico em que estamos vivendo, pois só a partir deles será possível compreender o que o sujeito quer dizer em seus discursos. Dessa forma, seria diferente analisar os recomendadores de almas da idade média, já que naquela época suas práticas eram bem diferentes do que acontecem agora, uma vez que as condições históricas mudaram e devemos levar em conta as mudanças culturais, regionais, políticas e religiosas de uma determinada época.

Já quando falamos de poder, podemos observar várias concepções sobre o mesmo, a noção é explicada tanto por Foucault quanto por Bourdieu. Em uma observação mais superficial, Foucault assinala que o poder é um conjunto de forças, originadas a partir de todas as relações que constroem a realidade social do indivíduo. Embora exista essa classificação por parte do autor, ele acredita que o poder em si não existe, uma vez que, são relações de poderes que se desdobram nas camadas sociais, ou seja, não há exatamente um verdadeiro “detentor de poder”, já que todos os indivíduos podem expressar de alguma forma certos micropoderes dentro de determinado grupo social.

Nesse sentido, Foucault assinala que o indivíduo é construído a partir dos desdobramentos das relações de poder, o discurso emanado por diversas instancias atuam

justamente na construção do sujeito, dessa forma ele é classificado, denominado e atribuído uma função a partir desses discursos.

Um ponto importante a se observar é que, apesar das instituições “superiores” detentoras dos discursos, como a igreja oficial, o Estado, as escolas e a medicina serem, em sua maior parte donas dos discursos em seus respectivos assuntos, Foucault esclarece que outros discursos contrapostos são produzidos pela minoria, aquelas consideradas não oficiais. Por esse motivo que devemos considerar que o poder não é necessariamente pertencente as instancias oficiais. E é nesse aspecto que surgem os Recomendadores de almas, uma vez que, ao mesmo tempo que são marginalizados pela igreja tradicional, são também produtores de discurso, controlando, de certa forma, os que não conhecem sobre os assuntos que eles dominam. Portanto o poder é estritamente ligado às relações humanas e pode se apresentara em pequenas situações do cotidiano social, e pode se apresentar tanto pelo lado dos dominadores, quando pelo lado dos dominados.

Portanto Foucault não buscou em seus estudos conceituar necessariamente o poder e sim uma tentativa de explicar a construção dos sujeitos na sociedade por meio das relações estabelecidas pelo poder. Na sua concepção, a maioria dos discursos proferidos são aqueles com a ideia de “docilizar” o indivíduo, fazer com que as pessoas, aquelas nas classes mais baixas, não pudessem ver o que está escondido atrás da cortina de fumaça criada pelos discursos pacificadores que preservam o status quo da sociedade. É por meio das oposições, lutas de classes, dominante e dominado que o sujeito é criado. Essas lutas que vão definir quem somos, pois os contradiscursos criados pelas classes dominadas que formam a nossa identidade como indivíduos.

Ao observar os recomendadores de almas como sujeitos, podemos assinalar que a construção desses rezadores como indivíduos é constantemente mudada em determinadas épocas, desde a chegada da prática aqui no Brasil durante a idade média até hoje. O ritual e os próprios sujeitos tiveram que se adaptar às situações culturais e regionais para ainda se manter presente no meio em que eles vivem. Antigamente, o ritual tinha um cunho muito mais macabro do que hoje em dia, mas tendo em vista o discurso de oposição de outras pessoas e também da própria igreja tradicional, a prática sofreu mudanças e conseqüentemente os indivíduos também mudaram, já que parte desses discursos opostos foram absorvidos e incorporados por eles durante todo o tempo de existência do ritual. Desse modo, a identidade do sujeito está em um constante processo de transformação, pois os indivíduos estão em um ambiente cheio de diferenças sociais, conflitos políticos e religiosos.

O poder é também discutido por Pierre Bourdieu, principalmente em seus livros “O poder simbólico” e “A dominação Masculina”, pondo em questão principalmente as características de dominação que certas instituições ou mesmo pessoas detentoras desse poder influenciam sobre outras. Para ele, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumpricidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 8).

O autor caracteriza o campo de produção simbólica como um pequeno universo da luta entre as classes sociais, cada uma delas só servem os seus interesses na luta interna do campo de produção simbólica. Isso se aplica a todos os diferentes grupos sociais, sejam eles políticos, étnicos e religiosos, o que explica o fato da igreja católica tradicional e outras formas de religião, consideradas já impostas na sociedade, graças ao capital simbólico que possuem, marginalizarem a prática de recomendação das almas que também são praticadas por pessoas com menor poder de capital e simbólico desse meio. Além disso, os fiéis que participam das cerimônias da igreja tradicional, reproduzem esse universo simbólico criado pela igreja, o que ajuda a perpetuar ainda mais o preconceito entre as religiões. Dessa forma, Bourdieu (1989) esclarece que:

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: a fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por meio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sem desviar em se proveito o poder de definição do mundo social que detém por delegação: a fracção dominada (letrados ou intelectuais e artistas, segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização. (BOURDIEU, 1989, p. 12)

Embora a igreja católica oficial obtenha um maior acúmulo de capital simbólico, tendo em vista todo o seu processo sócio-histórico e séculos de exploração de outras crenças consideradas “não oficiais”, grupos marginalizados como os Recomendadores de Almas, como já foi exposto por Foucault, também possuem um certo acúmulo de capital simbólico, mesmo que caracterizado como um micropoder, uma vez que exercem esse poder dentro dos dogmas estabelecidos pela igreja tradicional.

Uma característica interessante a ser observada no grupo de recomendação das almas é que, apesar de não serem muito reconhecidos no ambiente urbano da cidade, eles apresentam em certa medida um apreço maior em setores rurais do município. É muito comum que pessoas residentes na zona rural da cidade se desloquem até a área urbana, apenas para convidar os Recomendadores de Almas para fazer suas orações em suas respectivas comunidades, tendo em

vista que essas comunidades, apesar de serem predominantemente católicas, não possuem um líder religioso como o padre. Nesse sentido os Recomendadores se apresentam como autoridades no assunto religioso nessas comunidades mais isoladas.

O papel de líder sempre teve uma tarefa muito importante durante a construção da história da humanidade. É só apenas observarmos para trás e iremos perceber que a humanidade sempre seguiu os passos de um líder, como por exemplo o próprio Jesus Cristo, quem em sua época influenciou milhares de pessoas com o seu conhecimento acerca da religiosidade.

Esse aspecto não está apenas presente na religião, podemos observar também na política, com os nossos representantes presidenciais ou até mesmo os reis e rainhas presentes em alguns países e em determinados tempos históricos. É importante assinalar também que essa característica está muito além da cultura humana, pois, como os próprios humanos inventam esse sistema de organização, os animais também se organizam a partir de um líder para conseguir sobreviver no mundo.

[...] eles são dotados de um sistema organizacional próprio e ainda uma estrutura sólida mantida com base na competência reconhecida de seu líder, qual seja, fazer com que todo o grupo permaneça e reaja junto a caminho da sobrevivência. Esta capacidade superior do líder animal depende principalmente do conhecimento que o mesmo tem da vida, e de como enfrentar os perigos e assimilar as oportunidades. Estas características o fazem apto a mandar no grupo, e ainda o fazem ser respeitado pelos demais (A Liderança Entre Os Animais de Diferentes Espécies | Cultura Mix – acesso, 21/01/2022)

No contexto cultural humano, essa liderança não surgiu do nada, principalmente quando falamos em líderes religiosos, onde sempre há uma força mágica por trás desses fenômenos, nesse sentido podemos compreender a partir de Weber, que essa liderança política, cultural e religiosa é vista como um poder legitimado pelo carisma.

Antes de mais nada é importante esclarecer como carisma surge em uma pessoa. Para Weber, o carisma se cria a partir de fenômenos irracionais e também a partir de um momento de crise ou instabilidade, onde normalmente as pessoas carecem de esperanças e buscam respostas em eventos sobrenaturais. Nesse sentido, o carisma pode ainda ser entendido como uma forma de poder sobrenatural com características consideradas pelos seguidores do líder como fora do comum, então não é apenas alguém com um acúmulo de capital simbólico, mas alguém com poderes sobre-humanos.

Nesse sentido, Maliska (2016):

Assinala por carisma a qualidade insólita de uma pessoa que parece dar provas de um poder sobrenatural, sobre-humano ou pelo menos desusado, de sorte que ela aparece como um ser providencial, exemplar, ou fora do comum e, por essa razão, agrupa em torno de si discípulos ou partidários. O comportamento carismático não é peculiar apenas à atividade política, pois pode ser igualmente observado em outros campos, como os da religião, da arte, da moral e mesmo da economia, conquanto, segundo Weber, um dos traços do carisma consista em permanecer estranho ou hostil ao jogo econômico normal. (MALISKA, 2016, p.23)

É nesse ponto que Weber observou que o carisma não estava presente apenas na política, mas também na religião dado o fato das características sobrenaturais da liderança, observando que esse carisma se dava de forma irracional.

É nesse sentido que há uma espécie de dominação entre os Recomendadores de Almas e seus seguidores, uma vez que o grupo além de possuir o poder simbólico e detentor de um discurso religioso poderoso, eles também um poder sobrenatural que é acreditado por seus pares nas comunidades rurais de Parintins. O poder sobrenatural dos Recomendadores é observado principalmente no sentido da intervenção que eles possuem com as almas do purgatório, já que em sua concepção, podem se comunicar com elas e indicarem seu caminho até o céu e o inferno por meio de suas orações, ladainhas e cânticos que falam justamente sobre a morte.

Assim como Foucault entendia que são as relações de poder que determinavam a construção do sujeito na sociedade, Weber define que o processo de legitimação do carisma também se caracteriza como um processo das relações de poder, no qual a religião tem um papel importante na dominação dos indivíduos. Apesar de Weber criar três tipos de dominação, a carismática aqui se faz mais necessária, pois está relacionada ao sobrenatural, nesse sentido, para Weber (2001):

Dominação carismática em /virtude da devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extracotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam constituem a fonte da devoção pessoal. Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo. (WEBER, 2001; p.134-5).

É importante salientar também que esse carisma, além de sobrenatural, se sobressai principalmente com aqueles que são os leigos sobre determinado assunto, nesse caso os Recomendadores de Almas, como autoridades máximas sobre o assunto em determinada área rural, ajuda no sentido de legitimar o seu poder sobre esses indivíduos, desprovidos, em certa medida, dos conhecimentos acerca da sua própria expressão religiosa.

Não são apenas os aspectos sobrenaturais, acúmulo de poder simbólico e detenção do discurso dominador que os caracterizam como líderes carismáticos, há ainda o fator emocional que contribui nessa relação entre dominantes, no caso os Recomendadores de almas e os dominados, que são seus seguidores, são obedientes aos líderes e o seguem de forma passiva sem questionar seus conceitos sobre o mundo religioso e da própria vida individual.

Além das características citadas anteriormente, para que alguma pessoa seja considerada um líder carismático é preciso ainda que essa pessoa demonstre de alguma maneira, provas, por meios de experiências vividas, que ele já realizou fenômenos sobrenaturais reais, uma vez que, eles não podem se autoconsiderar como aptos para ser esse líder, além do mais, é um dom que Deus dá a quem foi escolhido por ele.

A figura desse ator social é “divina”, pois o carisma, não é ensinado, não é adquirido de maneira burocrática por meio de estudos, mas dado por “Deus”. Porém, para que seja reconhecido e se torne legítimo, (...) “aquele que possui o carisma precisa, então, realizar milagres, concretizar atos heroicos, e acima de tudo, provar que ele é um enviado pelos deuses”. (Ramos, 2011, p.104)

Mais uma vez, podemos observar por meio dos escritos de Weber, que os Recomendadores de Almas, são líderes carismáticos por diversos motivos, entre esses motivos podemos citar que eles apresentam poderes sobrenaturais, pois lidam com as almas do purgatório, depois podemos citar que eles “se dão” esses poderes sobrenaturais como dom pelo próprio Deus Cristão e por último, existem as características mais visíveis neles que é o fato de conhecerem muito sobre o assunto e exercem certo poder por seus seguidores, uma vez que estes, os escolhem como suas autoridades no assunto católico particular em cada comunidade.

Além do próprio poder de carisma que os Recomendadores de almas possuem, o processo de dominação e de legitimação desse poder pode ser vista nas suas práticas sobrenaturais sobre a morte. Assinalamos que lidar com a morte, ao longo de vários séculos sempre teve um tratamento diferente e em um determinado momento foi utilizado pela igreja católica como forma de controlar seus fiéis por meio do medo, uma vez que foram criadas diversas alegorias sobre esse assunto, como o céu, purgatório e principalmente o inferno que é o local de punição para aqueles que não viveram uma vida essencialmente cristã. “A aflição diante da morte é proporcional à crescente popularização da ideia de julgamento individual, após o qual a alma poderia seguir um dos três caminhos: o paraíso, o purgatório ou o inferno, a depender do estilo de vida que levou na terra” (SILVA, 2012, p. 57).

No próximo eixo de discussão irei abordar alguns aspectos sobre o processo sócio-histórico sobre a morte e os sentidos que ela representa para o grupo de recomendação das

almas no município de Parintins, já que eles trabalham com o conceito de céu, inferno e purgatório, por meios de suas orações e ladainhas.

2.5 Os sentidos da morte na visão dos Recomendadores das Almas

O homem dotado de complexidades, sempre se questionou acerca de muitas questões, que por muito tempo pareceram ter nenhuma explicação ou sentido em sua vida. O significado da morte ou o seu sentido é uma dessas questões que nos faz refletir sobre esse tema. Disto isso, lentamente vão surgindo as grandes indagações metafísicas: de onde viemos? Para onde vamos? Qual o sentido da vida ou da morte?

É muito comum que durante certo momento de nossas vidas escutarmos que não temos certeza de nada e que, na verdade, a única certeza seria a morte. É por esse motivo que a morte esteve presente em todas as rodas de conversas, sejam elas entre familiares, amigos ou até mesmo entre as pesquisas científicas. O assunto já teve diversas abordagens a depender do contexto em que era presente, outrora, por exemplo, o tema era falado com mais tranquilidade entre os entes queridos, pois não era recalcada e conseqüentemente era tratada como algo natural.

Quando chegamos no campo religioso, vemos que a morte é tratada já como algo sobrenatural, pois é inserido aí alguns conceitos do cristianismo, como o céu, inferno e o purgatório e o destino de cada indivíduo é jugado de acordo com suas práticas em vida terrena. Já na Amazônia, quando falamos de morte, devemos levar em consideração o que já tratei anteriormente nesse capítulo, que são os aspectos politeístas das crenças, uma vez que, devido à pluralidade dessas crenças, a morte pode apresentar outros significados a depender do que eles acreditam.

É muito comum, por exemplo, que os residentes da região amazônica acreditem em visagens, ou fantasmas ou na própria transformação de pessoas em outras formas de vida após a morte, por meio do “ingerimento” eles se transformam em animais ou plantas. Isso pode ser observado na própria lenda do guaraná e na lenda da mandioca, onde indígenas de certas aldeias se transformaram nesses vegetais que hoje ainda são amplamente consumidos pelos nativos da região.

A ideia sobre a existência de fantasmas, por exemplo, foi difundida primeiramente pela igreja católica, eles difundiam a ideia de que a existências desses seres assombrados dificultavam a passagem da vida para a morte dos moribundos em seu leito de morte. Porém,

hoje em dia, relatos de fantasmas ainda são muito presentes no nosso cotidiano e na maioria das vezes estão relacionados à morte.

A morte é um tema que muitas vezes evitamos discutir, pois nos confronta com a nossa finitude e a nossa ignorância sobre o que nos espera após o último suspiro. No entanto, a morte é também uma parte essencial da vida, pois nos lembra do valor de cada momento e da importância de honrar os que se foram. Em diferentes culturas e épocas, a morte foi compreendida de diversas formas, desde uma passagem para outra dimensão, até uma extinção definitiva da existência. Algumas sociedades mantêm uma relação estreita com os seus mortos, acreditando que eles podem influenciar o destino dos vivos, seja para o bem ou para o mal. Outras sociedades preferem se distanciar dos seus mortos, considerando-os como uma fonte de contaminação ou de sofrimento. O que todas essas visões têm em comum é a tentativa de dar sentido à morte e de lidar com o luto e a saudade.

Ariès (2012) divide sua análise em quatro fases: a morte domada, a morte selvagem, a morte proibida e a morte interdita. Na primeira fase, que vai da Idade Média até o século XVII, a morte era vista como algo natural e familiar, integrada à vida cotidiana e à religião. As pessoas morriam em casa, cercadas de parentes e amigos, e aceitavam seu destino com resignação e esperança na salvação. A segunda fase, que vai do século XVIII até o início do século XX, é marcada pelo surgimento da medicina moderna e pelo aumento da expectativa de vida. A morte passa a ser vista como algo violento e cruel, que interrompe a vida e causa sofrimento. As pessoas morrem em hospitais, isoladas e anônimas, e tentam negar ou adiar sua morte com tratamentos e remédios.

A terceira fase, que vai do início do século XX até os anos 1960, é caracterizada pelo tabu e pelo silêncio em torno da morte. A morte é proibida de ser mencionada ou mostrada em público, pois é considerada uma ofensa à vida e à felicidade. As pessoas morrem em asilos ou clínicas, longe dos olhos da sociedade, e são rapidamente sepultadas ou cremadas sem cerimônias ou rituais. A quarta fase, que vai dos anos 1960 até os dias de hoje, é definida pela reapropriação e pela contestação da morte. A morte é interdita de ser imposta ou aceita sem questionamento, pois é vista como uma violação dos direitos humanos e da dignidade. As pessoas morrem em casa ou em hospitais, assistidas por equipes médicas e psicológicas, e buscam formas alternativas de lidar com sua morte, como a eutanásia ou a doação de órgãos.

A região do Baixo Amazonas é um espaço de diversidade cultural e social, onde diferentes grupos étnicos e sociais convivem e interagem com o ambiente natural. Esses grupos possuem modos de conhecimento próprios, que se expressam em suas práticas religiosas, como a Recomendação das Almas e o Curandeirismo. Essas práticas revelam a crença na

comunicação com os mortos, que são considerados como agentes que influenciam a vida dos vivos.

Na pesquisa, busco analisar como esses grupos constroem e ressignificam seus valores e conhecimentos sobre os mortos (almas e encantados) em contextos de interação na região amazônica. Para isso, realizo uma pesquisa de campo em Parintins, interior do Amazonas, onde observo as manifestações rituais da Recomendação das Almas e do Curandeirismo, bem como as narrativas dos rezadores e curadores que recorrem aos mortos para se definirem como fazedores dessas práticas. A partir dessa abordagem, pretendo contribuir para o entendimento da complexidade e da riqueza cultural da região do Baixo Amazonas.

A relação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos é um tema fascinante que atravessa diversas culturas e religiões. Neste texto, vamos explorar como essa relação se manifesta na região do Baixo Amazonas, onde os rituais de cura e de rezas envolvem uma comunicação constante com os mortos. Para compreender essa visão de mundo, é preciso levar em conta que, para os habitantes dessa região, não há uma separação radical entre os dois mundos, mas sim uma continuidade e uma interdependência.

Os mortos não são vistos como seres distantes e temidos, mas como potências que podem ajudar ou prejudicar os vivos, dependendo da forma como são tratados. Por isso, é necessário manter um vínculo afetivo e respeitoso com os antepassados, honrando sua memória e seguindo seus ensinamentos. Os mortos também podem ser fontes de conhecimento e de cura, pois eles possuem uma visão mais ampla da realidade e podem intervir nas causas espirituais das doenças.

Os rituais de cura e de rezas são momentos em que os vivos se conectam com os mortos, através de cantos, orações, oferendas e gestos simbólicos. Esses rituais têm como objetivo restabelecer o equilíbrio entre os dois mundos, harmonizando as forças da vida e da morte. Assim, os vivos reconhecem sua dependência dos mortos e sua responsabilidade em cuidar deles. Essa visão de mundo pode ser contrastada com outras perspectivas que enfatizam a oposição entre o natural e o sobrenatural, o racional e o emocional, o vivo e o morto.

Essas perspectivas tendem a negar ou a marginalizar as experiências que transcendem a lógica e a materialidade do mundo físico. No entanto, como veremos neste trabalho, a visão sincrônica do Baixo Amazonas nos mostra que há outras formas de compreender a realidade, que valorizam a dimensão afetiva, mítica e espiritual da existência humana.

Segundo Soares (2013), na região do Baixo Amazonas, encontram-se duas crenças distintas sobre o destino dos mortos e sua relação com os vivos. A primeira crença é a da encantaria, que afirma que os mortos se transformam em seres encantados que podem se

comunicar com os vivos por meio dos curadores, que são capazes de curar doenças, inveja e feitiço. A segunda crença é a do catolicismo, que sustenta que os mortos têm poder sobre os vivos e que a salvação da alma depende da reza dos vivos. Essas duas crenças se manifestam em duas práticas rituais: a Encomendação das Almas e o curandeirismo.

A autora busca compreender como essas crenças e práticas se originaram e se desenvolveram na região do Baixo Amazonas, que tem uma longa história de ocupação humana, desde o período pré-colombiano até os dias atuais. Para isso, ela utiliza o método da pesquisa etnográfica, que consiste em observar e registrar o comportamento dos indivíduos e grupos da sociedade estudada, buscando assinalar o sentido que eles atribuem às suas ações. A autora também recorre a referenciais teóricos da Sociologia e da Antropologia para analisar os dados coletados.

A partir dessas leituras pode-se construir os modos de conhecimento da região amazônica a partir da visão de mundo sobre o destino dos mortos e suas aparições entre os vivos, levando em conta as duas tradições discursivas que coexistem na região: a encantaria e o catolicismo. A ideia é mostrar como essas duas tradições de conhecimento se articulam e se influenciam mutuamente, criando uma cultura singular no Baixo Amazonas.

Dessa maneira, o ritual dos Recomendadores de Almas é uma tradição que se mantém viva em algumas comunidades da região amazônica, especialmente em Oriximiná, onde ocorre durante a Semana Santa. Durante três noites consecutivas, um grupo de pessoas se reúne para rezar pelas almas dos que já partiram, acreditando que assim podem aliviar o seu sofrimento e obter a sua proteção.

A pesquisa etnográfica realizada com os participantes desse ritual revelou que há uma diversidade de formas e significados envolvidos nessa prática, que variam de acordo com a origem, a idade e a experiência dos rezadores. Um aspecto comum entre eles é a capacidade de estabelecer uma comunicação com o outro mundo, seja através da sensação da presença das almas durante as rezas, seja através de sonhos que trazem mensagens dos antepassados.

Os rezadores mais velhos, por exemplo, afirmam ter uma relação mais próxima com os seus parentes falecidos, que lhes orientam e aconselham sobre como conduzir o ritual e a sua vida. Dessa forma, os Encomendadores de Almas demonstram uma forma singular de lidar com a morte e com a memória, que expressa a sua cosmovisão e a sua identidade cultural.

Assim como esses aspectos das crenças populares fazem parte da crença sobre a morte na Amazônia, o Catolicismo também exerce uma influência muito grande sobre o que esses indivíduos acreditam sobre a morte. A ideia principal, é aquela que todos já conhecemos, que é sobre a vida pós morte. Dessa forma os Recomendadores de Almas, como agente

populares e difusores das ideias da Igreja católica, apresentam por meio de suas rezas e ladainhas seus conceitos sobre o assunto nessas comunidades.

Ainda sim, os principais conceitos trabalhados pelos recomendadores de almas são pertencentes à igreja católica oficial, pois o inferno e purgatório foram criados por eles durante a idade média para exercer um poder maior em seus féis, pois isso os colocava em uma perspectiva de dominação por meio da penitencia, peca e a salvação e que mais tarde culminou no nascimento do purgatório.

A promessa de expurgação no pós-morte fez crescer a campanha pela confissão auricular, tida agora pela igreja como um item essencial na busca pela salvação. O crescimento da importância da autoincriminação e da penitencia, como forma de evitarem-se as penas do pecado, oportunizou à igreja caminhar decisivamente no rumo da pedagogia do medo (RODRIGUES, 2005 apud SILVA, 2012, p. 57)

Com a criação da existência do purgatório, as pessoas gradualmente deixariam de lado a importância da vida na terra, uma vez que o temor de enfrentar as consequências negativas de morrer e do inferno eram muito grandes. De acordo com Silva (2012, p. 57) O desenvolvimento pessoal e o acumulo de bens na vida terrena não eram mais julgados necessários, pois os mesmos eram contraditórios em relação à vida no paraíso. Estabelece-se a crença no julgamento individual, que gradualmente se sobrepõe a visão de julgamento do fim dos tempos. Esses aspectos ajudaram na perpetuação e na aceitação mais simples da “pedagogia do medo” estabelecida pela igreja.

Além destes conceitos, sempre foi comum a presença de rituais referente a morte que variam de tempo para tempo ou de determinada região, pois os mesmos funcionam como válvula de escape no rumo da salvação das almas. podemos observar esses rituais, como o sacramento, a confissão, uma simples oração pedindo proteção contra as forças malignas ou até mesmo os rituais mais complexos que envolvem cânticos em latim ou autoflagelos que imitam a crucificação de Jesus Cristo.

É nesse ponto que os Recomendadores de Almas assumem sua posição de autoridades que lidam com a morte, os mesmos, com seu ritual de recomendação das almas atua diretamente na comunicação com os mortos, é por meios de suas orações, ladainhas e cânticos que eles intercedem por essas almas, que muitas vezes estão presas no purgatório. Normalmente, essas almas são de pessoas que em vida cometeram certos crimes considerados pecados com maior ou menor grau de gravidade na visão desses rezadores, como morte por assassinato, morte por

cremação, morte por afogamento e a morte por suicídio, esta última considerada imperdoável, pois quem tira sua própria vida não merece o perdão de Deus.

É importante assinalar que a morte apresenta vários significados dependendo do contexto em que ele se insere, no campo religioso, por exemplo, mesmo sendo um campo mais específico, ainda há múltiplos sentidos sobre o assunto, pois há inúmeras crenças presentes no Amazonas que interpretam símbolos dentro de seu contexto. Geertz (2008) já entendia que a cultura tinha que ser analisada dentro de seu grupo cultural, pois um símbolo, como a morte, apresenta significados diferentes. Assinala-se então que é impossível atribuir um sentido fixo a esses elementos, pois dependendo da época ou contexto esse símbolo pode ser ressignificado.

Dentre os que tratam sobre a morte e seus assuntos diversos, são os recomendadores de almas, presentes em diversas regiões do Brasil e inclusive no interior do Amazonas, que utilizam de orações, ladainhas e cânticos para se comunicar com as almas durante seus rituais de recomendação.

O ritual de recomendação das Almas é um rito de cunho religioso composto de cantos lamentosos, geralmente de caráter lúgubre. Os participantes rezam pelas almas de seus familiares já falecidos ou pelas almas de muitos outros tipos de mortos que consideram ainda necessitar de orações, como por exemplo, as almas do purgatório, as almas de determinado cemitério, as almas dos afogados e vários outros necessitados.

Ocorre tradicionalmente em diversas regiões do Brasil durante determinados dias da quaresma e durante o período que compreende a Semana Santa. Tradições religiosas como a dos recomendadores de almas seguem conceitos do catolicismo. Apesar de compartilhar dos mesmos ideais, a prática não é aceita pela igreja católica, levantando uma barreira entre religião e costumes tradicionais.

A recomendação de almas não é apenas o ato de recomendar as almas, mas também o gesto de lembrar dos entes queridos já falecidos como partes importantes de suas vidas. No dia 2 de novembro, o feriado católico apelidado de “dia de finados”, é a data de se lembrar destes entes, presenteando seus túmulos com flores e velas, um gesto de amor realizado anualmente.

Por isso, para os recomendadores de almas, a morte tem um significado além do vocacional, eles acreditam que além de estarem contribuindo com o bem estar de familiares de amigos e afins, também estão minimizando as dores emocionais de quem os procura. Mauss (2003), discutiu acerca “da dádiva e, em particular, da obrigação de retribuir os presentes”. Para ele, as relações primitivas são caracterizadas pela troca de presentes, reguladas por três obrigações que estão ligadas: dar receber e retribuir.

(...) o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, (...) Enfim, essas prestações e contra-prestações se estabelecem de uma forma sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública (MAUSS, 2003, p. 191).

Desse modo, assinala-se que o ritual de recomendação das almas, funciona como uma dádiva, uma vez que quem participa do ritual, acredita que está ajudando alguém, seja recomendando a alma a encontrar seu caminho até o inferno ou o céu ou até mesmo confortando os sentimentos de quem está vivo, pois acreditam que a alma de seu ente querido está indo para um lugar melhor além da vida. Elias (2001), acreditava que um dos problemas mais comuns da nossa sociedade seria nossa incapacidade de dar conforto aos moribundos:

(...) a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte. A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem uma muralha contra a ideia de sua própria morte (ELIAS, 2001, p. 16)

E o que os recomendadores ganham em troca, é a sensação de dever cumprido, pois acreditam ter um dever com as santas almas, uma vez que elas intercedem por eles, proporcionando para o grupo saúde, proteção e bem estar no mundo material.

Um dos problemas que se coloca perante o fenômeno religioso é que ele é um fato histórico ou que surgiu na vida do indivíduo por razões estranhas, o mesmo se remete a morte, pois sempre esteve ligado a religião. Elias (2001), entendia que “nas sociedades avançadas os grupos sempre insistiram muito em que apenas sua crença sobrenatural e seus rituais podem garantir a seus membros uma vida eterna depois da vida terrena” (ELIAS, 2001, p. 12)

Não há apenas um tipo de morte, segundo o rezador Alberto de Oliveira, cada morte tem um significado e para cada uma delas há um tipo de oração específica no qual a alma pode ser salva ou não. Então é por meio das ladainhas que eles fazem o pedido para a salvação dessas almas conforme descrevo a seguir.

O primeiro pedido é para Jesus Cristo, a quem os rezadores reverenciam, rezando e cantando durante as três noites da semana santa. O segundo pedido é para as almas benditas, que são aquelas que já estão perto de Deus. O terceiro tipo é para os pais e mães falecidos, que são as almas de todos os pais e todas as mães. Eles acreditam que as almas dos pais estão no céu. O quarto é para as almas necessitadas, que são aquelas que morrem devendo dinheiro,

que furtam e que morrem pela mão dos outros, tal como cita seu Alberto, “são as pessoas que morrem assassinadas por faca ou arma de fogo”.

O quinto pedido é para as almas que morrem no rio; segundo o rezador Mário Jorge, “a alma mais penada é a que morre afogada”. O sexto tipo é para as almas do fogo do purgatório, que os rezadores dizem ser os assassinos, sendo para muitos, o pior tipo de alma. O último é para as almas que tem pecado mortal e que ainda vagam pelo purgatório, são os indivíduos que cometem suicídio ou outro ato que o cristianismo considere um pecado imperdoável.

Elias (2001), entendia que a única fuga possível da culpa e da angústia em torno da vontade de morrer, seria uma crença especificamente muito forte na ideia de imortalidade, ainda que tenhamos ciência da fragilidade dessa crença (ELIAS, 2001, p. 17). Por isso, assinala-se que o ritual de recomendação das almas se apoia a essa ideia de punição, uma vez que nas religiões em geral, principalmente no cristianismo, é difundido que depois da morte vem a punição pelo grande Pai pelos seus pecados.

A resposta à pergunta sobre a natureza da morte muda no curso do desenvolvimento social, correspondendo a estágios. Em cada estágio, também é específica segundo os grupos. Ideias de morte e os rituais correspondentes tornam-se um aspecto da socialização. Ideias e ritos comuns unem pessoas; no caso de serem divergentes, separam grupos (ELIAS, 2001, p. 12).

É o que ocorre no ritual de recomendação das almas, como vimos, existe uma série de tipos de morte e para cada uma delas existe uma oração ou ladainha, na qual pode haver punição ou não para essa alma, isso depende exclusivamente ao pecado que a pessoa cometeu em vida. “Grupos religiosos são menos capazes de assegurar sua dominação pelo medo de ir pro inferno” (ELIAS, 2001, p. 23).

A discussão em torno da morte representada no ritual de recomendação das almas, gira em torno da ideia de salvação, uma vez que a morte sempre esteve ligada a religiosidade das pessoas e também ao fato do ritual “curar” as dores sentimentais de familiares de pessoas falecidas.

Os recomendadores de almas existem a séculos e sobrevivem no nosso meio, pois levam suas orações e ladainhas às comunidades do interior do Amazonas, pois, segundo seus relatos, têm mais prestígio e atenção do povo, que necessitam confortar a si próprios e a alma dos entes queridos falecidos, pois eles falam sobre a morte de uma forma que todos entendam e levam mensagens de conforto e paz em uma linguagem simples.

Desmistificar preconceitos acerca da prática de recomendação é importante, pois muitos não sabem que os mesmos são católicos, porém vivem à margem da igreja, daí sujam os estereótipos ruins acerca do grupo. Além de esclarecer dúvidas e desconstruir alguns preconceitos relacionados ao ritual, esclareço que não se trata de uma prática demoníaca na qual algumas pessoas o denominam, mas sim uma atividade religiosa secular. O intuito é levantar novos questionamentos acerca de grupos marginalizados que retratam sobre a morte por meio da cultura e tradição de seu povo.

A morte é um fenômeno universal que afeta todos os seres vivos. Mas como os humanos compreendem e lidam com a morte ao longo da história? Segundo Philippe Ariès (2012), há diferentes formas de encarar a morte desde a Idade Média até os tempos atuais, mostrando como as mudanças culturais e sociais influenciaram as atitudes diante da finitude da vida.

Com a Revolução Industrial e o surgimento da sociedade moderna, os cemitérios passam a ser afastados das cidades, tornando-se lugares mais assépticos e impessoais. A morte, que antes era vivenciada na intimidade da família e dos amigos, torna-se um fenômeno cada vez mais distante e despersonalizado, sendo tratada apenas como mais um processo burocrático.

Atualmente, a morte é ainda mais distante do cotidiano das pessoas, sendo que muitos evitam ao máximo falar sobre o assunto. No entanto, é importante lembrar que a morte faz parte da vida e que, ao reconhecermos nossa finitude, podemos buscar viver de maneira mais plena e consciente.

Além disso, é fundamental repensarmos a forma como tratamos o fim da vida, buscando humanizar os espaços de cuidados paliativos e respeitar as diferentes crenças e desejos dos indivíduos em relação à sua própria morte. Dessa forma, poderemos lidar de forma mais saudável e respeitosa com esse processo natural e inevitável da vida.

Hoje em dia, embora o culto as sepulturas e cemitérios ainda seja existente, há uma maior preocupação com a preservação do meio ambiente, além de uma mudança nas crenças e tradições religiosas. Novos rituais surgiram, como a cremação e o sepultamento em locais específicos para urnas funerárias, como os jardins da saudade. A arte funerária também evoluiu, com estilos mais modernos e menos sombrios, refletindo a noção de que a morte deve ser encarada com naturalidade e leveza.

Apesar dessas mudanças, o culto as sepulturas e cemitérios permanece como uma forma de honrar e lembrar os entes queridos que partiram. É um lugar de reflexão e meditação, onde as pessoas podem prestar homenagens e manter vivas as memórias daqueles que já se foram. Através das sepulturas e monumentos, é possível assinalar um pouco da história e cultura de uma sociedade, além de refletir sobre a fragilidade e efemeridade da vida.

No século XX, o culto aos mortos e ao luto tomou novas formas, influenciado pela psicanálise e pelas mudanças nas relações familiares e sociais. O luto passou a ser visto como um processo pessoal, que exigia do enlutado um tempo para expressar a sua dor e seguir em frente. A arte funerária, por sua vez, passou a refletir essa nova visão, se afastando do tom sombrio e pesado do século anterior. Os túmulos passaram a ser mais simples e discretos, e as mensagens gravadas neles eram mais pessoais e emocionais. A morte, porém, continuava sendo um tema recorrente na arte e na cultura, como uma forma de lidar com o seu mistério e a sua inevitabilidade. A poesia, a música e outras formas de expressão artística continuam a explorar os muitos sentimentos e reflexões que a morte suscita, dando voz às emoções e pensamentos que muitas vezes ficam guardados silenciosamente dentro de nós.

Os conceitos aqui apresentados buscaram trazer um diálogo com os autores sobre a religiosidade e os sentidos da morte no ritual de recomendação das alma, procurando estabelecer uma relação entre as teorias e o ritual em si. Assinala-se que a morte e seus ritos estão sempre presentes no imaginário de um povo e suas ações refletem na religiosidade do seu meio. Por meio de rituais fúnebres surge uma forma de lidar com a morte de acordo com o costume de um povo.

3. CAPÍTULO II – O RITUAL DE RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS

3.1. As rezas, ladainhas e cantorias

A Encomendação das Almas no Brasil é uma prática ritualística marcada por uma notável diversidade e adaptabilidade às diferentes regiões e cosmovisões das comunidades que a praticam. O cerne desses rituais reside nas rezas entoadas, as quais desempenham um papel central na comunicação entre os vivos e o mundo espiritual. Estas rezas, muitas vezes cantadas, constituem o elemento sonoro fundamental para a realização do ritual, estabelecendo um canal de contato entre a esfera terrena e as entidades sobrenaturais, que incluem tanto as almas dos falecidos quanto as divindades mencionadas nos cânticos.

Ao lado das rezas, a musicalidade é enriquecida pela presença de diversos instrumentos, como berra-boi, sanfona, violão e viola, que contribuem para a ambientação sonora do rito. No entanto, é importante notar que, segundo os próprios encomendadores, esses instrumentos são considerados complementares em relação aos cânticos, não detendo o mesmo grau de centralidade na prática. Assim, enquanto os instrumentos agregam à atmosfera musical do ritual, são as rezas cantadas que carregam a principal responsabilidade de estabelecer a ponte entre os participantes e o plano sobrenatural.

Esta pesquisa revela a existência de distintas categorias de rezas, classificadas por Carolina Pedreira (2009) em sua investigação na Chapada Diamantina. Estas categorias incluem os "Benditos de entrada", "Bendito-louvado-seja" e "Benditos hagilógicos". Cada uma delas possui uma função específica no contexto do ritual, narrando histórias religiosas e exaltando figuras sagradas, como Cristo, santos, santas e Nossas Senhoras. É interessante observar como a prática dessas categorias pode variar entre diferentes localidades, demonstrando a não uniformidade dessa tradição, mesmo em áreas geograficamente próximas.

Além disso, destaco a relevância do canto/reza de pedido, que é entoado como a primeira prece diante de qualquer parada durante o ritual. Este momento não apenas estabelece os procedimentos e intenções do rito, mas também serve como o principal meio de comunicação entre os encomendadores e os devotos que participam do ritual do interior de suas residências. Esta característica é significativa, pois os devotos, por tradição, são impedidos de sair de casa ou de observar o cortejo, sendo essencial que participem através das rezas/cantos de pedido.

A Encomendação das Almas, portanto, representa uma prática rica e complexa que transcende a mera execução de cânticos. Ela incorpora elementos simbólicos e místicos que se entrelaçam com o contexto cultural e as crenças religiosas que a fundamentam. Ao fazer isso,

o ritual se torna um ponto focal para a comunicação entre os mundos visível e invisível, criando um canal vital para as preces alcançarem o divino. Essa pesquisa proporciona uma visão detalhada e esclarecedora dessa manifestação cultural única e multifacetada que permeia as tradições religiosas no Brasil.

O papel dos rezadores em rituais de três noites, onde realizam orações em benefício das almas dos mortos. A crença central é que ao fazerem isso, promovem uma ordem no mundo dos falecidos e, em troca, recebem benefícios como saúde e proteção. Essa prática é encarada como uma forma de alcançar equilíbrio na vida, levando alguns rezadores a superar vícios como o consumo de álcool. A relação entre os rezadores e as almas é marcada por lealdade e proteção, semelhante à devoção a santos em outras tradições. Através das rezas, os rezadores fazem pedidos às almas, esperando receber bênçãos em troca, tanto a curto quanto a longo prazo. Acredita-se que as almas, ao serem aliviadas do sofrimento, também contribuem para a ordem na vida dos rezadores.

Essas práticas ritualísticas são percebidas como uma forma de sacrifício, um ato de penitência, em que os rezadores pedem por bênçãos em troca das preces feitas. Acredita-se que as almas escutam e respondem a essas preces, proporcionando saúde, emprego e proteção. A maioria dos grupos de rezadores é composta por parentes, sugerindo a crença de que as bênçãos se estendem à família, tanto aos vivos quanto aos falecidos. Além disso, os rezadores rezam pelas almas dos pais falecidos, esperando que elas recebam bênçãos de Jesus e descansem ao lado dele. As almas benditas, que estão próximas a Deus após a morte, são vistas como capazes de conceder bênçãos, enquanto aquelas que ainda estão no purgatório não podem fazê-lo, pois estão em processo de purificação. Portanto, a prática dos rezadores desempenha um papel significativo na crença de que as almas podem interceder e trazer benefícios para aqueles que as lembram e rezam por elas.

Durante o ritual, os rezadores iniciam com um acendedor de velas, seguido pela ladainha e orações, buscando aliviar o sofrimento das almas e promover ordem no mundo dos mortos. Acredita-se que, ao rezar pelas almas, os rezadores recebem bênçãos em troca, como saúde e proteção. A casa assume um papel central nesse ritual, sendo o local de encontro entre os rezadores e os moradores. As almas são entendidas como acompanhantes dos rezadores, saindo do mundo dos mortos e entrando nas casas durante o ritual. Os moradores são convidados a se unir às preces, criando uma interação entre os vivos e os mortos.

O momento da comensalidade é crucial no ritual, pois representa a troca entre os participantes. Os moradores oferecem comida e bebida aos rezadores como forma de retribuição pelas preces. Essa ação é vista como uma forma de sacrifício, onde os rezadores esperam

receber bênçãos das almas em troca. A comida também é ofertada às almas, demonstrando um cuidado simbólico com os mortos. Segundo Soares (2013), alguns grupos consomem bebida alcoólica durante o ritual, acreditando que ajuda a fortalecer a voz para as preces. No entanto, há precauções para evitar excessos e garantir a concentração durante as rezas. Alguns rezadores preferem não ingerir álcool durante o ritual, evitando possíveis conflitos dentro do grupo.

A prática da Encomendação das Almas é uma expressão religiosa em que os rezadores realizam preces em benefício das almas dos mortos, buscando bênçãos em troca. A casa se torna um ponto central nesse ritual, onde ocorre a interação entre os vivos, os rezadores e as almas. O momento da comensalidade representa a troca entre os participantes, e a oferta de comida e bebida é vista como uma forma de sacrifício e retribuição. Além disso, o consumo de bebida alcoólica durante o ritual é uma prática comum para alguns grupos, embora seja feito com moderação para manter a concentração nas preces.

Os cânticos e ladainhas proferidos durante o ritual são elementos sonoros fundamentais para a comunicação entre os vivos e os mortos, expressando a fé, a devoção e a solidariedade dos encomendadores. Os cânticos e ladainhas são geralmente entoados em forma de responsório, ou seja, um solista canta uma estrofe e o coro responde com um refrão. As melodias são simples e repetitivas, facilitando a memorização e a participação dos fiéis. As letras são compostas por versos rimados, que narram histórias bíblicas, invocam santos e anjos, pedem perdão pelos pecados e rogam pela salvação das almas.

Os cânticos e ladainhas são acompanhados por instrumentos musicais rústicos, como a matraca, o berra-boi, a campainha e o sino. Esses instrumentos produzem sons estridentes e ritmados, que servem para chamar a atenção dos mortos e dos vivos, além de afastar os maus espíritos. Os encomendadores costumam sair à noite, percorrendo as ruas e as casas da comunidade, cantando em voz alta e tocando os instrumentos. No último dia do ritual, eles se dirigem ao cemitério, onde cantam diante das sepulturas.

Os cânticos e ladainhas proferidos durante o ritual de recomendação das almas são manifestações de uma cultura oral e musical, que se transmite de geração em geração. Eles revelam aspectos da religiosidade, da identidade e da memória dos encomendadores, que mantêm viva uma tradição ancestral. Eles também expressam uma forma de solidariedade e de compaixão pelos mortos, que dependem das orações dos vivos para alcançarem o céu.

A análise desses cânticos e ladainhas envolvem aspectos regionais e culturais e podem sofrer alterações de acordo com a cultura de uma determinada região, dessa forma, tentarei extrair os significados de acordo com o ritual de recomendação das almas realizados no

amazonas, sem deixar de levar em conta as pesquisas já realizadas sobre o tema. Alguns exemplos de cânticos e ladainhas são:

- "Alma Santa": Um dos cânticos mais conhecidos e difundidos no Brasil, que começa com a frase "Alma santa, inocente / Que partiste deste mundo / Sem conhecer o que é mal". O refrão é "Senhor Deus de Misericórdia / Dai-lhes o eterno descanso".

O cântico Alma santa é um dos mais conhecidos e difundidos na tradição católica popular brasileira, sendo encontrado em diversas regiões do país, com variações de letra e melodia. Ele é composto por quatro estrofes de oito versos cada, seguidas de um refrão de quatro versos. A estrutura rítmica é ABAB CDCD / EFEF. A melodia é modal, com predomínio da escala de ré menor. O ritmo é binário, com acentuação no primeiro tempo de cada compasso. O cântico expressa a compaixão pelas almas que morreram sem pecado, como as crianças e os inocentes, e pede a Deus que lhes conceda o descanso eterno. O cântico também evoca a esperança da ressurreição, ao afirmar que as almas santas "vivem na glória" e "são bem-aventuradas".

O cântico Alma santa tem origem na Europa medieval e foi trazido ao Brasil pelos colonizadores portugueses, mantendo-se vivo em diversas manifestações religiosas populares, como a recomendação das almas, a via-sacra, o terço dos homens, entre outras. O cântico faz parte do repertório da música sacra brasileira, sendo considerado um patrimônio cultural imaterial. Ele revela aspectos da religiosidade, da identidade e da memória dos fiéis católicos, que reconhecem a santidade universal, que abrange todos os que seguiram a Cristo em sua vida. Ele também expressa uma forma de solidariedade e de compaixão pelos mortos, que dependem das orações dos vivos para alcançarem o céu.

O cântico Alma santa pode ser analisado sob diferentes perspectivas, como a histórica, a cultural, a teológica, a musical, entre outras. Cada uma dessas perspectivas pode contribuir para uma compreensão mais profunda e abrangente do significado e da importância desse cântico para a fé e a cultura do povo brasileiro.

- "Ladainha de Todos os Santos": Uma oração que consiste em uma série de invocações aos santos e anjos, seguidas da resposta "Rogai por nós". Por exemplo: "São Miguel, São Gabriel, São Rafael / Rogai por nós".

"Alma Santa": Este cântico é um dos mais antigos e populares da tradição católica popular brasileira, sendo encontrado em diversas regiões do país, com variações de letra e melodia. Ele é composto por quatro estrofes de oito versos cada, seguidas de um refrão de

quatro versos. O cântico expressa a compaixão pelas almas que morreram sem pecado, como as crianças e os inocentes, e pede a Deus que lhes conceda o descanso eterno.

A ladainha de todos os santos é uma oração da Igreja Católica que consiste em uma série de invocações aos santos e anjos, seguidas da resposta "Rogai por nós". Ela tem origem na Igreja primitiva, sendo usada nas procissões e nas celebrações dos mártires. Ela foi incorporada à recomendação das almas como uma forma de pedir a intercessão dos santos pelas almas do purgatório, que necessitam de orações para se purificarem e alcançarem o céu. A ladainha também expressa a comunhão dos santos, ou seja, a união espiritual entre os fiéis da Igreja triunfante (no céu), da Igreja padecente (no purgatório) e da Igreja militante (na terra).

A ladainha de todos os santos tem uma estrutura fixa, que segue a seguinte ordem:

- Pedido de perdão à Santíssima Trindade, seguido das invocações a:

* Nossa Senhora, a Virgem Maria

* Os Anjos

* Patriarcas e Profetas, incluindo São João Batista, concluindo com os cônjuges

Nossa Senhora e São José

* Os Apóstolos e discípulos do Senhor

* Mártires

* Bispos e Doutores da Igreja

* Padres e Religiosos Leigos

- Após a invocação dos santos, a ladainha conclui com uma série de súplicas a Deus para ouvir as orações dos fiéis.

A ladainha de todos os santos pode ser recitada em latim ou em português, dependendo da tradição local. Na versão da língua latina da ladainha, os nomes de um ou mais santos são cantados por um cantor ou coro, e a resposta da congregação é: Ora pro nobis (se é apenas um santo) ou Orate pro nobis (se houver mais de um santo). As duas respostas se traduzem em "rogai por nós". No entanto, é permitido personalizar a ladainha dos santos para um ritual fúnebre ou missa para os mortos, e isto foi feito durante o famoso enterro do Papa João Paulo II, em que a resposta foi Ora [te] pro eo, ou "Rogai por ele".

A ladainha é uma oração que revela aspectos da religiosidade, da identidade e da memória dos fiéis católicos, que reconhecem a santidade universal, que abrange todos os que seguiram a Cristo em sua vida. Ela também expressa uma forma de solidariedade e de compaixão pelos mortos, que dependem das orações dos vivos para alcançarem o céu.

O cântico também evoca a esperança da ressurreição, ao afirmar que as almas santas "vivem na glória" e "são bem-aventuradas". O cântico pode ser interpretado como uma forma de consolo para os enlutados, que sofrem pela perda de seus entes queridos, mas confiam na misericórdia divina.

"Bendito das Almas": Um cântico que louva a Deus e pede pela intercessão de Maria, José e outros santos em favor das almas. O refrão é "Bendito e louvado seja / O Santíssimo Sacramento / E as almas do purgatório / Tenham o eterno alento".

O cântico Bendito das Almas é um exemplo de bendito, que é um gênero musical religioso típico do Brasil, caracterizado pela alternância entre um solista e um coro, com refrões simples e repetitivos. O bendito das almas é composto por seis estrofes de quatro versos cada, seguidas de um refrão de quatro versos. O cântico louva a Deus e pede pela intercessão de Maria, José e outros santos em favor das almas do purgatório. O cântico também expressa a confiança na bondade de Deus, que perdoa os pecados e concede o eterno alento às almas.

O cântico Bendito das Almas tem origem na tradição católica popular portuguesa, sendo trazido ao Brasil pelos colonizadores e missionários, que o difundiram entre os indígenas e os africanos. O cântico faz parte do repertório da música sacra brasileira, sendo considerado um patrimônio cultural imaterial. Ele revela aspectos da religiosidade, da identidade e da memória dos fiéis católicos, que mantêm viva uma prática ancestral de oração pelos mortos. Ele também expressa uma forma de solidariedade e de compaixão pelos mortos, que dependem das orações dos vivos para alcançarem o céu.

O cântico Bendito das Almas pode ser analisado sob diferentes perspectivas, como a histórica, a cultural, a teológica, a musical, entre outras. Cada uma dessas perspectivas pode contribuir para uma compreensão mais profunda e abrangente do significado e da importância desse cântico para a fé e a cultura do povo brasileiro.

3.2. As vestimentas, instrumentos e simbologias

O ritual de recomendação das almas é uma expressão da religiosidade popular que se mantém viva em diversas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste e no Sul, porém muito presente no Norte. A prática que se realiza durante as noites da Quaresma e dia de finados, o período de quarenta dias que antecede a Páscoa, marcado pela penitência e pela conversão.

Nesse tempo, os fiéis católicos se dedicam à oração e à caridade, buscando a reconciliação com Deus e com o próximo.

Uma das formas de exercer essa caridade é rezar pelas almas do purgatório, que são aquelas que morreram em estado de graça, mas ainda precisam de purificação para entrar no céu. Segundo a doutrina católica, essas almas sofrem as penas do fogo, mas podem ser aliviadas pelas orações dos vivos. Por isso, os encomendadores ou recomendadores de almas saem pelas ruas ou pelos campos, batendo em portas ou cercas, e entoando cantos que invocam a misericórdia divina para os mortos.

O ritual tem uma forte dimensão simbólica, que envolve diversos elementos sonoros e visuais. Entre eles, destacam-se:

A matraca é um instrumento de madeira que produz um som estridente e serve para anunciar a chegada dos encomendadores e afastar os maus espíritos. Segundo Lima (2008), a matraca é um “símbolo da morte e da ressurreição de Cristo” (p. 35), pois substitui os sinos durante a Semana Santa, quando eles ficam em silêncio.

A matraca é um instrumento simples, geralmente feito de duas peças de madeira que são batidas uma contra a outra para produzir um som estridente. Este som serve para anunciar a chegada dos encomendadores, que são os participantes do ritual de recomendação das almas. Os encomendadores saem pelas ruas ou pelos campos durante as noites da Quaresma, batendo em portas ou cercas e entoando cantos que invocam a misericórdia divina para os mortos.

O som da matraca também tem a função de afastar os maus espíritos. Segundo as crenças populares, os espíritos malignos são atraídos pelo barulho e pela agitação, mas se assustam com o som estridente da matraca e fogem. Assim, a matraca protege os encomendadores e as casas por onde eles passam, criando uma barreira sonora contra as forças do mal.

Além disso, a matraca é um símbolo da morte e da ressurreição de Cristo. Durante a Semana Santa, os sinos das igrejas ficam em silêncio como sinal de luto pela morte de Jesus. Nesse período, a matraca substitui os sinos, anunciando as celebrações litúrgicas e convocando os fiéis à oração. O som da matraca lembra o sofrimento de Cristo na cruz, mas também antecipa a sua vitória sobre a morte na ressurreição.

Segundo Lima (2008), a matraca é um “símbolo da morte e da ressurreição de Cristo” (p. 35). Esta interpretação se baseia na teologia cristã, que vê na morte e ressurreição de Jesus o mistério central da fé. A morte de Jesus é vista como um sacrifício expiatório que redime a humanidade do pecado original, enquanto a sua ressurreição é vista como uma vitória sobre a morte que abre as portas do céu para todos os que creem nele.

Nesse sentido, o uso da matraca no ritual de recomendação das almas expressa a esperança na ressurreição dos mortos e na vida eterna. Ao bater a matraca, os encomendadores proclamam a sua fé na promessa de Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (João 11:25). Eles rezam pelas almas do purgatório, pedindo a Deus que as purifique dos seus pecados e as admita na sua glória.

Por fim, vale destacar que o ritual de recomendação das almas não é apenas uma prática religiosa, mas também uma manifestação cultural que reflete as crenças e os valores da comunidade onde é realizado. A matraca, com o seu som estridente e o seu simbolismo religioso, é um elemento importante desse ritual, que contribui para reforçar a identidade cultural e a coesão social do grupo.

O Sino ou campainha: A campainha, um pequeno sino que marca o ritmo dos cantos e também tem a função de chamar a atenção dos vivos e dos mortos. Para Santos (2010), a campainha é um “símbolo da comunicação entre o céu e a terra” (p. 47), pois representa a voz de Deus que convoca os fiéis à oração.

A campainha é um instrumento sonoro que desempenha um papel importante no ritual de recomendação das almas. Ela é usada para marcar o ritmo dos cantos que são entoados pelos encomendadores, dando uma cadência que facilita a participação dos presentes. Além disso, o som da campainha serve para chamar a atenção dos vivos e dos mortos, anunciando a presença dos encomendadores e convocando todos à oração.

O som da campainha é agudo e penetrante, capaz de ser ouvido a uma grande distância. Ele corta o silêncio da noite e se espalha pelo ar, alcançando os ouvidos dos vivos e, segundo a crença popular, também dos mortos. Assim, a campainha estabelece uma comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, criando uma ponte sonora que une essas duas realidades.

Para Santos (2010), a campainha é um “símbolo da comunicação entre o céu e a terra” (p. 47). Esta interpretação se baseia na teologia cristã, que vê na oração uma forma de comunicação com Deus. Através da oração, os fiéis expressam os seus sentimentos, as suas necessidades e os seus desejos, e recebem de Deus a sua graça e a sua misericórdia. Nesse sentido, o som da campainha representa a voz de Deus que convoca os fiéis à oração.

Além disso, a campainha também pode ser vista como um símbolo do chamado divino à conversão. Durante a Quaresma, os católicos são convidados a se arrepender dos seus pecados e a renovar a sua fé em Cristo. O som da campainha lembra esse chamado à conversão, incentivando os fiéis a se prepararem para a celebração da Páscoa.

O Berra-Boi: O berra-boi é um instrumento sonoro que desempenha um papel importante no ritual de recomendação das almas. Ele é feito a partir de um chifre de boi, que é esvaziado e polido para produzir um som grave e melancólico. Este som representa a voz das almas sofredoras, que clamam por misericórdia e anseiam pela libertação do fogo do purgatório.

O som do berra-boi é profundo e ressoante, capaz de ser ouvido a uma grande distância. Ele corta o silêncio da noite e se espalha pelo ar, alcançando os ouvidos dos vivos e, segundo a crença popular, também dos mortos. Assim, o berra-boi estabelece uma comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, criando uma ponte sonora que une essas duas realidades.

Para Silva (2012), o berra-boi é um “símbolo da angústia e da esperança” (p. 59). Esta interpretação se baseia na teologia cristã, que vê na oração uma forma de comunicação com Deus. Através da oração, os fiéis expressam os seus sentimentos, as suas necessidades e os seus desejos, e recebem de Deus a sua graça e a sua misericórdia. Nesse sentido, o som do berra-boi representa a voz de Deus que convoca os fiéis à oração.

Além disso, o berra-boi também pode ser visto como um símbolo do chamado divino à conversão. Durante a Quaresma, os católicos são convidados a se arrepender dos seus pecados e a renovar a sua fé em Cristo. O som do berra-boi lembra esse chamado à conversão, incentivando os fiéis a se prepararem para a celebração da Páscoa. O berra-boi, com o seu som grave e o seu simbolismo religioso, é um elemento importante desse ritual, que contribui para reforçar a identidade cultural e a coesão social do grupo.

A cruz: A cruz é um símbolo cristão que expressa a fé na ressurreição e na salvação das almas. Conforme Oliveira (2014), a cruz é um “símbolo da vitória e da redenção” (p. 71), pois remete ao sacrifício de Cristo que abriu as portas do céu para os pecadores.

A cruz é um dos símbolos mais conhecidos e universais do cristianismo. Ela representa o instrumento de tortura no qual Jesus Cristo foi crucificado e morto pelos romanos. No entanto, para os cristãos, a cruz não é apenas um símbolo de sofrimento e morte, mas também de ressurreição e vida.

A cruz expressa a fé na ressurreição de Jesus, que é o fundamento da esperança cristã na vida eterna. Segundo o Novo Testamento, Jesus ressuscitou ao terceiro dia após a sua morte e apareceu aos seus discípulos, confirmando a sua vitória sobre a morte. A ressurreição de Jesus é vista como uma antecipação da ressurreição dos mortos no fim dos tempos, quando todos os que crerem nele serão salvos e viverão para sempre com Deus.

Além disso, a cruz simboliza a salvação das almas, que é o objetivo final da fé cristã. De acordo com a doutrina cristã, todos os seres humanos são pecadores e merecem a

condenação eterna por causa do pecado original. No entanto, Deus enviou o seu Filho Jesus para morrer na cruz e pagar o preço dos nossos pecados. Por meio da sua morte e ressurreição, Jesus abriu as portas do céu para todos os que crerem nele e aceitarem o seu sacrifício redentor.

Conforme Oliveira (2014), a cruz é um “símbolo da vitória e da redenção” (p. 71). Esta interpretação se baseia na teologia cristã, que vê na morte e ressurreição de Jesus o mistério central da fé. A morte de Jesus na cruz é vista como uma vitória sobre o pecado e a morte, enquanto a sua ressurreição é vista como uma redenção que liberta os seres humanos da escravidão do pecado e lhes concede a vida eterna.

No ritual de recomendação das almas, a cruz tem um papel central. Ela é levada pelos encomendadores nas suas andanças noturnas, iluminada por velas que simbolizam a luz de Cristo. Os encomendadores rezam diante da cruz, pedindo a Deus que tenha misericórdia das almas do purgatório e as admita na sua glória. A cruz, com o seu simbolismo religioso e cultural, é um elemento importante desse ritual, que contribui para reforçar a identidade cultural e a coesão social do grupo.

A Vela: A vela, uma fonte de luz que simboliza a esperança e a iluminação espiritual. Segundo Costa (2016), a vela é um “símbolo da vida e da resplandecência” (p. 83), pois representa a alma que brilha na glória de Deus. A vela é um objeto comum, mas carregado de simbolismo no contexto religioso. Feita de cera e dotada de um pavio que é aceso, a vela produz luz e calor quando queima. Esta luz é um símbolo poderoso em muitas tradições espirituais, representando a presença divina, a iluminação espiritual e a esperança.

No ritual de recomendação das almas, a vela tem um papel central. Ela é acesa pelos encomendadores nas suas andanças noturnas, iluminando o caminho e afastando as trevas. A luz da vela simboliza a esperança na misericórdia divina para as almas do purgatório e na ressurreição dos mortos.

Além disso, a luz da vela também simboliza a iluminação espiritual. Assim como a luz física permite ver o mundo material, a luz espiritual permite ver a realidade divina. Através da oração e da meditação, os fiéis buscam essa iluminação, que lhes dá uma compreensão mais profunda da vida, da morte e do além.

Segundo Costa (2016), a vela é um “símbolo da vida e da resplandecência” (p. 83). Esta interpretação se baseia na teologia cristã, que vê na luz um símbolo da vida divina. Assim como a luz física é essencial para a vida no mundo material, a luz divina é essencial para a vida espiritual. A luz divina é a graça de Deus, que dá vida à alma e a faz brilhar na glória de Deus. No ritual de recomendação das almas, a vela representa essa vida divina que brilha nas almas dos justos. Ao acender uma vela pelos mortos, os encomendadores expressam a sua fé na vida

eterna e na comunhão dos santos. Eles rezam para que as almas do purgatório sejam purificadas dos seus pecados e brilhem na glória de Deus. A vela, com o seu brilho suave e o seu simbolismo religioso, é um elemento importante desse ritual, que contribui para reforçar a identidade cultural e a coesão social do grupo.

O terço: O terço é uma corrente de contas que auxilia na oração do rosário, uma das principais devoções marianas do catolicismo popular. De acordo com Souza (2018), o terço é um “símbolo da fé e da intercessão” (p. 95), pois remete à Virgem Maria e aos santos que rogam pelas almas.

O terço é um objeto de devoção muito comum no catolicismo, especialmente no catolicismo popular. Ele é composto por uma corrente de contas, que são usadas para contar as orações do rosário. O rosário é uma oração mariana que contempla os mistérios da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, através dos olhos de sua mãe, a Virgem Maria.

A oração do rosário é dividida em quatro conjuntos de mistérios: os mistérios gozosos, os mistérios luminosos, os mistérios dolorosos e os mistérios gloriosos. Cada conjunto de mistérios é composto por cinco dezenas, cada uma delas composta por um Pai Nosso, dez Ave Marias e um Glória ao Pai. Assim, o terço, que tem cinco dezenas, permite rezar um conjunto completo de mistérios.

O uso do terço na oração do rosário tem várias funções. Em primeiro lugar, ele ajuda a manter a concentração durante a oração, evitando a dispersão da mente. Em segundo lugar, ele permite seguir a sequência das orações sem se perder. Em terceiro lugar, ele materializa o tempo da oração, transformando-o em um espaço sagrado.

De acordo com Souza (2018), o terço é um “símbolo da fé e da intercessão” (p. 95). A fé é expressa através das orações do rosário, que são dirigidas à Virgem Maria e aos santos. A intercessão é representada pela mediação da Virgem Maria e dos santos junto a Deus em favor das almas.

No ritual de recomendação das almas, o terço tem um papel central. Ele é usado pelos encomendadores para rezar pelas almas do purgatório, pedindo a intercessão da Virgem Maria e dos santos para aliviar o seu sofrimento e acelerar a sua purificação. O terço, com o seu simbolismo religioso e cultural, é um elemento importante desse ritual, que contribui para reforçar a identidade cultural e a coesão social do grupo.

A vestimenta: A vestimenta branca dos Recomendadores de Almas, que inclui calça e camisa brancas, é um aspecto importante do ritual. Na tradição cristã, a cor branca é frequentemente associada à pureza, alegria e paz. É utilizada nos dias de Natal, Páscoa e nas comemorações de Jesus Cristo, da Virgem Maria e dos anjos e santos (não-mártires). Portanto,

pode-se inferir que a vestimenta branca dos Recomendadores de Almas pode simbolizar sua pureza de intenção e seu papel pacífico como intercessores pelas almas dos falecidos.

No entanto, é importante notar que o significado exato pode variar dependendo das crenças e práticas específicas da comunidade em questão. A interpretação acima é uma possibilidade baseada em tradições religiosas comuns, mas pode não ser universalmente aplicável a todos os Recomendadores de Almas.

3.3. A chamada das almas no cemitério

Conforme registrado por Oliveira (2017), no século XIX, registros de práticas penitentes incluem observações de Saint-Hilaire (1817) em Itabira e Serro/MG, onde penitentes batiam matracas. Na segunda metade do século, Melo Morais Filho descreveu práticas semelhantes, com penitentes vestidos de buréis brancos e cabeças encapuzadas com cogulas, saindo pelas ruas com instrumentos musicais e cantando de forma medonha. Essas práticas também foram observadas em Canudos/BA entre os seguidores de Antônio Conselheiro, conforme registrado por Euclides da Cunha em "Os Sertões". Além disso, em Natal/RN, Cascudo mencionou a ocorrência de tais práticas até cerca de 1856.

No século XX, os registros continuam em várias regiões do Brasil. Em Itanhaém/SP, Alceu Maynard Araújo testemunhou a representação de penitentes por migrantes nordestinos. Também foram noticiados penitentes em Ibipetuba/MG, Pilão Arcado e Xique-Xique/BA, Juazeiro/PE, Sergipe, Água Branca/AL e várias localidades do Cariri cearense. A qualidade mais primitiva das encomendações de almas é creditada aos penitentes, com ritos e crenças próprias.

Os penitentes resistem em áreas restritas, como o sertão do médio Rio São Francisco (região de Juazeiro/BA) e o Sertão do Cariri, no Ceará. A prática envolve penitência não apenas na forma de flagelação (hoje rara), mas também em jejuns e abstinências sexuais. Os penitentes possuem organizadores que orientam as práticas, e em alguns lugares, essa manifestação assume características quase seitas, com cunho apocalíptico e dual (bem X mal), coexistindo paralelamente ao catolicismo popular tradicional.

A manifestação das encomendações de almas, sem flagelação, é mais comum no centro-sul do Brasil, sendo rara no centro-oeste. Registros indicam a presença no Maranhão, especialmente em Alto Parnaíba, e sobrevive de forma típica no médio São Francisco, trecho baiano ao sul e no extremo norte de Minas Gerais. A prática é difundida em Minas Gerais, com

registros em várias localidades. No Rio Grande do Sul, é preservada em Soledade, com um ritual realizado por um grupo nas sextas-feiras da quaresma. Em São Paulo, a manifestação também é divulgada e documentada em várias localidades por diversos pesquisadores.

O ritual de recomendação das almas é uma prática religiosa que faz parte do catolicismo popular no Brasil e em Portugal. O objetivo desse ritual é rezar pelas almas dos mortos que ainda não alcançaram o céu, e pedir a sua intercessão junto a Deus para obter graças e favores. O ritual consiste em um grupo de pessoas, geralmente liderado por um rezador ou uma rezadeira, que percorre as ruas ou os cemitérios à noite, cantando orações e lamentações em tom melancólico e solene. O ritual é acompanhado por instrumentos como matracas, berra-bois, campainhas ou sinos, que servem para chamar a atenção das almas e afastar os maus espíritos. O ritual também envolve o uso de velas, flores, água benta e incenso, que são oferendas para as almas.

O ritual de recomendação das almas é realizado em diferentes épocas do ano, dependendo da região e da tradição local. Em alguns lugares, o ritual acontece durante a Quaresma, o período de 40 dias que antecede a Páscoa, especialmente nas sextas-feiras à noite. Em outros lugares, o ritual ocorre na Semana Santa, a semana que precede o Domingo de Páscoa, ou no Dia de Finados, 2 de novembro. Em alguns casos, o ritual pode ser feito em qualquer época do ano, quando há algum motivo especial para rezar pelas almas.

O ritual de recomendação das almas é realizado por pessoas que têm fé e devoção pelas almas dos mortos, e que acreditam na sua capacidade de interceder por elas junto a Deus. Essas pessoas podem ser membros de uma irmandade, uma associação ou uma confraria dedicada às almas, ou simplesmente fiéis que se reúnem para cumprir uma promessa ou um pedido. O ritual também pode contar com a participação de curiosos ou espectadores, que assistem ao cortejo dos encomendadores pelas ruas ou pelos cemitérios.

As pessoas que realizam ou assistem ao ritual de recomendação das almas reagem de diferentes formas diante dessa manifestação religiosa. Algumas pessoas sentem emoção, piedade, respeito ou medo pelas almas dos mortos. Outras pessoas sentem curiosidade, admiração ou estranhamento pela expressão cultural dos encomendadores. Há também pessoas que sentem indiferença, desprezo ou hostilidade pelo ritual, considerando-o como uma superstição ou uma heresia. O ritual de recomendação das almas é uma prática religiosa que revela aspectos da cultura e da identidade dos povos luso-brasileiros. É um ritual que expressa a crença na vida após a morte, na comunhão dos santos e na intercessão das almas. É também um ritual que reflete a diversidade e a criatividade das formas de vivenciar a fé e a religiosidade popular no Brasil e em Portugal.

Para compreender melhor o funcionamento do ritual de recomendação das almas, é preciso analisar os seus elementos constitutivos: os agentes, os cenários, os tempos, os ritmos, as linguagens e os símbolos. Cada um desses elementos contribui para dar sentido e significado ao ritual, bem como para estabelecer as relações entre os participantes e as almas.

Os agentes do ritual são as pessoas que realizam ou assistem à recomendação das almas. Eles podem ser divididos em dois grupos principais: os encomendadores e os assistentes. Os encomendadores são aqueles que lideram o ritual, cantando as orações e tocando os instrumentos. Eles são geralmente escolhidos por critérios de idade, experiência, conhecimento ou vocação. Os encomendadores podem ser homens ou mulheres, mas há casos em que há uma predominância de um gênero sobre o outro. Por exemplo, em algumas regiões do Brasil, como Minas Gerais e Goiás, os encomendadores são majoritariamente homens; já em outras regiões, como Pernambuco e Pará, as encomendadoras são majoritariamente mulheres. Os assistentes são aqueles que acompanham os encomendadores nas suas andanças pelas ruas ou pelos cemitérios, ou que ficam nas casas ou nas capelas onde o ritual é realizado. Eles podem ser fiéis que querem rezar pelas almas ou pedir algum favor, ou curiosos que querem ver ou ouvir o ritual. Os assistentes podem participar ativamente do ritual, respondendo às orações, acendendo velas, fazendo doações ou seguindo o cortejo; ou podem participar passivamente, apenas observando ou escutando o ritual.

Os cenários do ritual são os lugares onde o ritual é realizado. Eles podem ser públicos ou privados, urbanos ou rurais, sagrados ou profanos. Os cenários mais comuns são as ruas e os cemitérios, onde os encomendadores percorrem em busca das almas dos mortos. Esses cenários são públicos, pois estão abertos à circulação de pessoas e veículos; urbanos, pois estão inseridos no contexto da cidade; e profanos, pois não são consagrados a nenhuma divindade. No entanto, esses cenários também podem se tornar privados, rurais e sagrados, dependendo das circunstâncias. Por exemplo, em algumas regiões do Brasil, como o Nordeste, os encomendadores só entram nas ruas que têm autorização dos moradores; em outras regiões, como o Sul, os encomendadores vão até as roças ou as fazendas onde há sepulturas de familiares ou amigos; em outras regiões ainda, como o Norte, os encomendadores abençoam as ruas e os cemitérios com água benta e incenso, transformando-os em espaços sagrados. Outros cenários possíveis são as casas e as capelas, onde os encomendadores se reúnem para rezar pelas almas ou para receber as pessoas que querem participar do ritual. Esses cenários são privados, pois estão restritos aos convidados ou aos membros da irmandade; rurais ou urbanos, dependendo da localização; e sagrados, pois são dedicados ao culto das almas.

Os tempos do ritual são os momentos em que o ritual é realizado. Eles podem ser fixos ou variáveis, regulares ou ocasionais, sincrônicos ou diacrônicos. Os tempos mais comuns são as sextas-feiras à noite durante a Quaresma, a Semana Santa e o Dia de Finados. Esses tempos são fixos, pois seguem um calendário litúrgico; regulares, pois se repetem anualmente; e sincrônicos, pois coincidem com os tempos de outras manifestações religiosas. No entanto, esses tempos também podem se tornar variáveis, ocasionais e diacrônicos, dependendo das situações. Por exemplo, em algumas regiões do Brasil, como o Sudeste, os encomendadores podem fazer o ritual em qualquer época do ano, quando há algum motivo especial para rezar pelas almas; em outras regiões, como o Centro-Oeste, os encomendadores podem fazer o ritual apenas uma vez na vida, quando recebem uma revelação divina; em outras regiões ainda, como o Nordeste, os encomendadores podem fazer o ritual em diferentes horários do dia ou da noite, conforme a disponibilidade dos participantes.

Os ritmos do ritual são as formas como o ritual é realizado. Eles podem ser lentos ou rápidos, suaves ou intensos, uniformes ou variados. Os ritmos mais comuns são lentos, suaves e uniformes, pois correspondem ao tom melancólico e solene do ritual. No entanto, esses ritmos também podem se tornar rápidos, intensos e variados

O ritual tem uma forte carga simbólica, que expressa a fé, a devoção e a compaixão dos encomendadores pelas almas dos mortos. O uso do branco representa a pureza, a humildade e o respeito pelos mortos. O manto branco serve para cobrir o rosto dos encomendadores, que não devem ser reconhecidos pelos vivos nem pelos mortos, pois estão cumprindo uma promessa ou uma obrigação religiosa. A vela representa a luz de Cristo, que ilumina as trevas do pecado e da morte. O sino representa a voz de Deus, que anuncia a chegada dos encomendadores e chama a atenção dos mortos e dos vivos. A matraca e o berra-boi são instrumentos rústicos que produzem sons estridentes e ritmados, que servem para acompanhar os cânticos e as ladainhas, além de afastar os maus espíritos. Os cânticos e as ladainhas são orações que narram histórias bíblicas, invocam santos e anjos, pedem perdão pelos pecados e rogam pela salvação das almas.

Após visitarem as casas da comunidade, os encomendadores se dirigem ao cemitério, onde cantam diante das sepulturas. Eles também acendem velas nos túmulos, como uma forma de homenagear os mortos e de iluminar o seu caminho para o céu. Eles permanecem no cemitério até o amanhecer, quando retornam às suas casas. O ritual termina com um café da manhã coletivo, onde os encomendadores se confraternizam e partilham as suas experiências.

A origem do nome "Os Recomendadores das Almas": o termo "encomendar" significa "confiar", "entregar", "recomendar". Os recomendadores são aqueles que confiam as almas dos mortos à misericórdia divina, entregando-as nas mãos de Deus. Eles também recomendam as

almas aos santos e anjos, pedindo-lhes que intercedam por elas. O termo "encomendar" também remete à ideia de "encomenda", ou seja, um pedido ou uma encomenda feita por alguém. Os encomendadores são aqueles que fazem pedidos ou encomendas pelas almas dos mortos, seja por devoção, por promessa ou por obrigação.

OS Recomendadores escolhem as casas onde há pessoas falecidas, seja por parentesco, por amizade ou por conhecimento. Eles também visitam as casas onde há pessoas doentes, para pedir pela sua recuperação. Eles não visitam as casas onde há pessoas que não aceitam ou que não respeitam o ritual, para evitar conflitos ou desentendimentos. Eles também não visitam as casas onde há pessoas que praticam outras religiões, para respeitar a sua liberdade de crença.

A relação dos recomendadores com os familiares dos mortos: Os recomendadores são bem recebidos pelos familiares dos mortos, que agradecem pela visita e pela oração. Os familiares também oferecem alimentos e bebidas aos encomendadores, como uma forma de retribuição e de hospitalidade. Os familiares também se emocionam ao ouvir os cânticos e as ladainhas, que lembram os seus entes queridos. Os familiares também se sentem confortados e esperançosos ao receberem as velas, que simbolizam a luz e a salvação.

O ritual de recomendação das almas é uma manifestação cultural e religiosa que revela aspectos da identidade e da memória dos encomendadores das almas de Parintins. Eles mantêm viva uma tradição ancestral, que foi trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses e que se adaptou à realidade local. Eles também expressam uma forma de solidariedade e de compaixão pelos mortos, que dependem das orações dos vivos para alcançarem o céu.

Em Parintins o ritual de recomendação das almas acontece da seguinte forma, os rezadores, durante os dias da semana santa (quarta, quinta e sexta) iniciam o ritual de Recomendação das Almas a partir das 18h, trajados de seus uniformes (camisa branca, calça preta e com um manto sobre a cabeça). Com um sino em suas mãos, o Padre, como é chamado pelos recomendadores vai até o cemitério e toca a sineta, sinal que segundo eles serve para chamar as almas dos falecidos que estão ali no cemitério para dar início a procissão dos mortos.

No ritual da Encomendação das Almas, o padre é o líder do grupo de rezadores, sendo visto como um instrutor, pois é ele quem possui conhecimento das ladainhas e, portanto, exerce uma autoridade de "saberes" sobre o restante do grupo. No entanto, esses saberes sobre as rezas e regras rituais são compartilhados entre os integrantes do grupo, mas não em sua totalidade. O líder também é visto pelos integrantes do seu grupo como aquele que possui uma efetiva comunicação com as almas. Os

padres também possuem certas responsabilidades, como, por exemplo, definir as ladainhas que serão cantadas durante as noites de ritual e o itinerário do grupo (SOARES, 2013, p. 91 e 92)

Eles seguem em caminhada segurando velas acesas rumo as residências de familiares, amigos ou a quem solicita suas orações, logo iniciam as ladainhas como sete benditos e a cada bendito são oferecidos um pai nosso e uma ave-maria. A pesquisadora Mariana Soares (2013) afirma que a vela é um símbolo importante no ritual, pois há um rezador específico em cada grupo que é responsável por colocar e acender esse objeto ao pé do cruzeiro e na porta das casas. O papel desse integrante, além de rezar, é carregar as velas e o isqueiro nas noites de ritual. Ela teria a função de representar a luz para as almas dos mortos, segundo a maioria dos rezadores. Como já dizia Câmara Cascudo (2002), “a representação da vida humana por velas, lâmpadas é universal”.

Geralmente após as orações feitas nas residências, os donos da casa oferecem aos rezadores um café regional como forma de agradecimento, uma vez que essas orações acontecem ao longo da noite. Após os rezadores concluírem sua penitência, retornam ao cemitério a meia-noite da sexta-feira santa para devolver as almas e assim encerrar o ritual.

Segundo o aposentado Alberto de Oliveira, Recomendador de almas em Parintins, o ritual acontece em feriados católicos como na semana santa e dia de finados, orações e ladainhas são ofertadas as almas para elas encontrarem seu caminho. As vestimentas são importantes para o andamento da cerimônia: camisa branca, calça preta e uma toalha branca sobre a cabeça. Segundo Alberto de Oliveira “o branco significa a paz e os mortos se enterram de branco.”

Isso daí é uma demonstração que é a roupa da nossa penitência, porque é a cor da paz, tá fazendo aquele gesto de oração da paz então nós estamos em um momento de paz com os entes queridos e finados e também estamos pedindo nas nossas preces perdão. (OLIVEIRA, Alberto. Entrevista concedida a Helon Coelho e Yandrei Farias em 2018)

O aposentado ressalta que o último item citado acima é indispensável, pois a toalha sobre a cabeça evita que se possam visualizar os espíritos que estejam em volta, mantendo a concentração nas orações para não sofrer ataques de almas, já que elas agridem as pessoas desavisadas que não respeitam o bom andamento da recomendação.

A toalha branca que usamos na cabeça, é um gesto de respeito, a gente faz aquilo por que gente não quer ver remorso pra nem um lado, a gente põe a

toalha branca só espiando para a frente para a pessoa que tá com cristo com a vela acesa. Olhamos somente pra aquilo, então é um tipo de respeito e consideração no momento que estamos fazendo isso. (OLIVEIRA, Alberto. Entrevista concedida a Helon coelho e Yandrei Farias em 2018)

Os rituais realizados em Parintins priorizam as orações católicas durante o processo de recomendação, são recitadas sete orações do pai é nosso e mais sete ladainhas com letras que tratam de morte e ressurreição.

Segundo Mariana Soares (2013) o primeiro pedido é para Jesus Cristo, a quem os rezadores reverenciam, rezando e cantando durante as três noites da semana santa. O segundo pedido é para as almas benditas, que são aquelas que já estão perto de Deus. O terceiro tipo é para os pais e mães falecidos, que são as almas de todos os pais e todas as mães. Eles acreditam que as almas dos pais estão no céu. O quarto é para as almas necessitadas, que são aquelas que morrem devendo dinheiro, que furtam e que morrem pela mão dos outros, tal como cita seu Alberto, são as pessoas que morrem assassinadas por faca ou arma de fogo.

O quinto pedido é para as almas que morrem no rio; segundo o rezador Mário Jorge, “a alma mais penada é a que morre afogada. O sexto tipo é para as almas do fogo do purgatório, que os rezadores dizem ser os assassinos, sendo para muitos, o pior tipo de alma. O último é para as almas que tem pecado mortal e que ainda vagam pelo purgatório (indivíduos que cometem suicídio ou outro ato que o cristianismo considere um pecado imperdoável).

Alberto afirma também que se não houver uma boa relação com as almas, os participantes do ritual são importunados e até violentados pelos espíritos que estão em busca de salvação. Além do ritual de recomendação das almas que ocorre no feriado da semana santa, a prática também acontece durante o dia de finados. Os dois rituais não são realizados da mesma maneira, eles diferem em alguns aspectos que serão listados a seguir.

A recomendação de almas não é somente o ato de encomendar almas, mas também o gesto de relembrar dos entes queridos já falecidos como partes importantes de suas vidas. No dia 2 de novembro, o feriado católico apelidado de “dia de finados”, é a data de se lembrar destes entes, presenteando seus túmulos com flores e velas, um gesto de amor realizado anualmente. Acompanhei o grupo de Recomendadores de Almas batizado de “Caminhando com o Espírito Santo”, liderado por Mario Jorge (padre), Alberto de Oliveira (segunda voz), Adnelson Brasil (terceira voz) e Josémo Sarmento (baixo). Assinalamos melhor como estes fiéis, após várias décadas de penitência ainda cumprem suas obrigações de relembrar das almas por meio de canções em formas de ladainha.

O ritual no dia de finados tem início na capela principal do cemitério São José, no centro de Parintins, o grupo liderado por Mário Jorge e outros penitentes se reúnem no centro da capela para iniciar as orações, o sino é tocado indicando que o ritual vai começar, o sino chama não só os espíritos que estão no local, mas também as pessoas que visitam seus entes falecidos. Os sete benditos são entoados, oferecidos às almas de recém-falecidos que buscam encontrar seu caminho, bem como orações católicas que são cantadas no intervalo de cada bendito. A capela onde é realizado o ritual, além de ser um espaço privilegiado no cemitério, também abriga os restos mortais de padres e bispos que morreram seguindo suas vocações na cidade.

Em seguida, o grupo “Caminhando com o Espírito Santo” sai da capela onde estão os restos mortais de padres e bispos da cidade e seguem em direção ao túmulo de quem solicita as orações para seus entes falecidos. É por meio de cânticos e orações que eles recomendam as almas dos mortos, pedindo perdão ou rendição dos seus pecados e para que a família dos falecidos se sinta bem em relação ao destino final das almas.

O ritual de recomendação das almas: entre o sagrado e profano

A análise mais aprofundada das rezas no contexto do ritual de recomendação das almas destaca nuances significativas em sua função e significado, proporcionando uma compreensão mais abrangente da riqueza simbólica dessas práticas. Pedreira (2009), ao categorizar as rezas em "Benditos de entrada" e "Benditos hagilógicos", oferece uma estrutura que não apenas organiza, mas também revela as diversas camadas de significado associadas a essas expressões ritualísticas.

Os "Benditos de entrada" emergem como elementos introdutórios no início do ritual, possivelmente desempenhando um papel essencial na preparação do ambiente espiritual. Sua natureza inicial sugere uma função de abrir portas para a interação entre os encomendadores e as almas, estabelecendo uma atmosfera propícia para a comunicação entre os planos terreno e espiritual. Nesse sentido, essas rezas podem ser interpretadas como facilitadoras do contato inicial, promovendo uma transição suave para as práticas mais intensas que se desdobram ao longo do ritual.

Contrastando com os "Benditos de entrada", os "Benditos hagilógicos" emergem como elementos que transcendem a esfera puramente ritualística. Sua designação como "hagilógicos" sugere uma dimensão mais profunda e abrangente, apontando para significados que ultrapassam

os limites temporais e rituais. Essas rezas podem ser interpretadas como instrumentos que buscam equilíbrio na vida, proporcionando orientação espiritual para os encomendadores. Sua possível função na superação de vícios e na promoção da ordem no mundo espiritual sugere uma dimensão terapêutica e moral, elevando o ritual além de uma mera prática religiosa.

Dessa forma, as rezas revelam-se não apenas como fórmulas recitadas, mas como veículos intrincados de comunicação e significado no contexto do ritual. A categorização proposta por Carolina Pedreira permite uma análise mais refinada das funções dessas rezas, destacando não apenas sua diversidade, mas também sua capacidade de transcender o imediato, atuando como elementos que estabelecem e mantêm conexões espirituais duradouras e profundas entre os encomendadores e o mundo espiritual. Essa compreensão mais profunda das rezas enriquece a apreciação do ritual de recomendação das almas como uma prática cultural e espiritualmente rica.

Além disso, destaca-se a importância do canto/reza de pedido no contexto do ritual. Este não apenas estabelece procedimentos específicos, mas também serve como meio de comunicação entre os encomendadores e os devotos. A prática de pedir durante o ritual não é meramente uma formalidade, mas uma expressão de necessidades individuais e coletivas. Este componente do ritual reflete a intercessão ativa dos participantes em busca de benefícios a curto e longo prazo, ampliando a compreensão do papel dos rezadores na busca por uma relação equilibrada e benéfica com o mundo espiritual.

A compreensão da casa como um espaço simbólico de interação no ritual de recomendação das almas em Parintins encontra paralelos e conexões com as ideias apresentadas por Mircea Eliade (2018), em sua obra "O Sagrado e o Profano". Eliade explora a dicotomia entre o sagrado e o profano, destacando como determinados lugares e rituais adquirem significados sagrados, transcendendo sua função física e tornando-se veículos de experiências espirituais.

No contexto do ritual em Parintins, a casa, ao servir como ponto central de interação entre rezadores e moradores, transcende sua natureza material. Eliade (2018), argumenta que o sagrado é frequentemente associado a lugares específicos, e a casa, nesse contexto, transforma-se em um local sagrado onde as dimensões espirituais e sociais se entrelaçam. A comensalidade, expressa pela troca de alimentos e bebidas como sacrifício, assume um papel fundamental nessa transmutação do espaço físico para o sagrado.

A troca simbólica de alimentos e bebidas durante o ritual em Parintins reflete a concepção eliadiana de que o ato de sacrificar é uma ponte entre o mundo terreno e o divino. Eliade destaca que o sacrifício é uma forma de restaurar a comunicação entre os dois planos, e

a comensalidade observada no contexto do ritual não é apenas um gesto material, mas uma expressão simbólica desse sagrado, estabelecendo um vínculo entre os participantes e fortalecendo os laços sociais e espirituais.

Na prática de recomendação das almas, a profanidade pode ser associada aos aspectos não ritualísticos ou cotidianos do ambiente. Por exemplo, os momentos antes e depois do ritual, quando a casa não está sendo utilizada para as atividades sagradas, podem ser considerados como períodos profanos. Durante esses intervalos, a casa retoma sua função comum, servindo como um espaço para as atividades diárias dos moradores, desprovida da atmosfera sacralizada presente durante o ritual.

Além disso, a troca de alimentos e bebidas, que é uma prática de comensalidade simbólica durante o ritual, pode ter uma dimensão profana em seu sentido mais literal. Enquanto durante o ritual esses elementos são carregados de significado espiritual e transcendental, fora desse contexto, eles retomam seu valor ordinário como itens alimentares e bebidas comuns.

A dualidade sagrado-profano, como delineada por Eliade, sugere que a profanidade não é necessariamente negativa; é uma parte inevitável da experiência humana e muitas vezes complementa o sagrado. A alternância entre os momentos sagrados e profanos na casa durante o ritual contribui para a dinâmica ritualística, criando contrastes significativos que destacam a singularidade dos momentos sacralizados.

O autor também argumenta que o sagrado frequentemente se manifesta em rituais que marcam a repetição de eventos míticos primordiais. No caso do ritual de recomendação das almas, a casa, como espaço central, torna-se um lugar onde a repetição ritualística conecta os participantes não apenas ao presente, mas também às tradições ancestrais. A convergência entre o sagrado e o profano na casa, durante o ritual, enraíza a prática na continuidade histórica e mítica, proporcionando uma experiência que transcende o tempo linear.

Dessa forma, ao entrelaçar as observações sobre a casa como espaço simbólico no ritual de recomendação das almas em Parintins com as ideias de Mircea Eliade sobre o sagrado, percebemos uma convergência na compreensão de como determinados espaços e práticas adquirem significados transcendentais. A casa, nesse contexto, não é apenas um local físico, mas um ponto de convergência entre o sagrado e o profano, onde a troca simbólica e a repetição ritualística se tornam expressões palpáveis da busca pela comunicação com o divino. Ao explorar a rica tradição dos cânticos e ladainhas no contexto do ritual de recomendação das almas em Parintins, torna-se evidente que essas expressões musicais não são simplesmente elementos ornamentais, mas narrativas carregadas de significados profundos. Cada cântico, seja "Alma Santa," "Ladainha de Todos os Santos," ou "Bendito das Almas," desempenha uma

função crucial na construção da identidade religiosa e cultural dos encomendadores. A transmissão oral dessas composições ao longo do tempo não apenas preserva a autenticidade do ritual, mas também se torna um veículo essencial para a continuidade da tradição de geração em geração.

Esses cânticos não são apenas expressões artísticas; eles encapsulam a fé, a devoção e a solidariedade do grupo de encomendadores. Cada palavra entoada e melodia compartilhada não só conecta os participantes ao divino, mas também serve como um meio de comunhão entre os vivos e os mortos. As letras desses cânticos, muitas vezes transmitidas oralmente, tornam-se veículos de transmissão de conhecimento, crenças e valores intrínsecos à prática ritualística.

A musicalidade desses cânticos não é apenas um acompanhamento sonoro; é uma expressão emocional e espiritual que eleva a experiência do ritual a um nível mais profundo. O som das matracas, o toque dos sinos e os melancólicos sons do bera-boi não são apenas ruídos, mas componentes essenciais que elevam a atmosfera do ritual, conectando os participantes não apenas entre si, mas também com o plano espiritual.

Dessa forma, a transmissão musical e oral desses cânticos não apenas assegura a preservação da tradição, mas também contribui para a coesão cultural da comunidade. A repetição dessas composições ao longo do tempo cria uma espécie de memória coletiva, fortalecendo os laços culturais entre as gerações e garantindo que a prática do ritual de recomendação das almas seja não apenas uma manifestação do passado, mas uma expressão viva e contínua da identidade cultural do grupo.

Portanto, ao examinar mais detalhadamente a importância desses cânticos e ladainhas, percebemos que eles transcendem seu papel como simples elementos musicais. Eles são testemunhas da devoção, veículos da tradição e agentes da coesão social, garantindo que o ritual de recomendação das almas em Parintins permaneça não apenas como um evento religioso, mas como uma expressão cultural intrinsecamente entrelaçada na tapeçaria da identidade brasileira.

A análise mais ampla do contexto histórico e geográfico do ritual de recomendação das almas, remontando ao século XIX, pode ser enriquecida ao considerar os conceitos de tradição e modernidade de Émile Durkheim (1999) e Eric Hobsbawm (1997). Durkheim, em sua abordagem sociológica, destaca a importância da tradição como um elemento coesivo que fortalece os laços sociais em uma comunidade. Ao observar a persistência dessas práticas penitentes em regiões específicas, como o sertão do médio Rio São Francisco e o Sertão do Cariri, percebemos a resiliência da tradição como um meio de preservar a identidade cultural e religiosa em face das mudanças sociais.

Hobsbawm (1997), por sua vez, contribui com a ideia de "invenção das tradições", argumentando que muitas práticas consideradas antigas são, na verdade, construções recentes moldadas para atender às necessidades contemporâneas. No entanto, ao considerar a diversidade regional e as características quase seitas, apocalípticas e dualistas presentes nessas práticas, podemos questionar a aplicabilidade direta do conceito de "invenção das tradições". Esses elementos sugerem uma continuidade mais orgânica e autêntica com as raízes históricas e culturais dessas comunidades, desafiando a ideia de que o ritual é meramente uma construção moderna para atender às demandas do presente.

A flexibilidade intrínseca na tradição, evidenciada pelas diferentes épocas do ano em que o ritual é realizado, alinha-se com a visão de Durkheim (1999) sobre a tradição como um fator dinâmico que se adapta às necessidades da comunidade. As práticas específicas durante a Quaresma, Semana Santa e Dia de Finados demonstram uma capacidade de ajuste às variações sazonais e eventos litúrgicos, indicando a relevância contínua do ritual ao longo do tempo.

A exploração da relação entre os rezadores e as almas em rituais de três noites destaca a crença na promoção de ordem no mundo dos falecidos em troca de benefícios, como saúde e proteção. Essa dinâmica reflete a interconexão entre a dimensão espiritual e as necessidades práticas da comunidade, evidenciando a função social e moral da tradição. Durkheim argumenta que a religião desempenha um papel crucial na coesão social, proporcionando valores comuns e um senso de pertencimento. O ritual de recomendação das almas, ao incorporar benefícios tangíveis, sustenta essa visão, demonstrando como as práticas religiosas podem simultaneamente atender às necessidades espirituais e sociais.

Em suma, ao aplicar as perspectivas de Durkheim (1999) e Hobsbawm (1997), à análise do ritual de recomendação das almas, podemos perceber como a tradição persiste e se adapta em resposta às mudanças sociais e culturais. Essa prática não é apenas uma relíquia do passado, mas uma expressão dinâmica que continua a desempenhar papéis significativos na coesão social e na preservação da identidade cultural dessas comunidades ao longo do tempo.

4. CAPÍTULO III – TRAJETÓRIA DE VIDA DOS RECOMENDADORES DE ALMAS

4.1. O “padre” chefe do grupo

Apresentação

Mário Jorge é um indivíduo de origens modestas, dedicado à comercialização de gelados pelas vias de Parintins, uma localidade no interior do estado do Amazonas. Contudo, reserva consigo um conhecimento pouco difundido: ele é um praticante de intercessões pelas almas, um rezador profissional dotado da capacidade de interceder pelos falecidos. Oriundo de uma família católica, desde tenra idade, Mário Jorge foi instruído nos preceitos da oração e da fé. Criado ouvindo os relatos de seu avô, igualmente um praticante de intercessões pelas almas, absorveu os ensinamentos e as tradições desse antiquíssimo ritual.

A prática da recomendação das almas compreende visitas a cemitérios ou residências onde houve óbitos, com o propósito de orar por essas almas, pleiteando a benevolência divina para que sejam acolhidas no paraíso ou libertas do purgatório. Os praticantes dessa prática acreditam possuir o poder de influenciar o destino dessas almas, seja para o bem ou para o mal, a depender das intenções e da fé de quem reza.

Mário Jorge acumula mais de seis décadas como praticante de recomendação pelas almas, atualmente liderando o grupo de rezadores denominado "Caminhando com o Espírito Santo". Reconhecido como o líder eclesiástico do grupo, detém amplo conhecimento das ladainhas, orações, cânticos e ritos da intercessão pelas almas. Além disso, é incumbido de conduzir o ritual, zelando pelo seu desenvolvimento adequado e pelo respeito aos vivos e aos mortos.

O grupo congrega-se em ocasiões especiais, como a Páscoa, o Dia de Finados e o Dia de Santos Famosos, para realizar a intercessão pelas almas. Também atendem aos pedidos de particulares que os convocam para orar pelos seus entes queridos falecidos. Deslocam-se até residências ou às regiões rurais de Parintins, onde comunidades ribeirinhas preservam essa tradição.

Mário Jorge expressa que ser um recomendador pelas almas é uma missão confiada por Deus, praticada por amor e caridade. Alega ter testemunhado muitos milagres através de suas preces, vivenciando a presença de anjos e santos ao seu lado. Afirma ter estabelecido contato com almas falecidas, algumas das quais lhe teriam expressado gratidão pela sua intervenção.

Relata uma experiência na qual intercedia por uma alma penitente no purgatório, pedindo a Deus sua absolvição e ascensão ao paraíso. Nesse momento, narra a visão de uma luz resplandecente no cemitério, acompanhada de uma voz suave que lhe expressou agradecimento: "Obrigado, meu filho, você me salvou".

Considera esse reconhecimento divino como a sua maior recompensa, assinalando que sua prática auxilia as almas a encontrarem paz e salvação. Desconsidera as adversidades da vida, como o calor intenso ou a chuva, e manifesta o desejo de prosseguir vendendo seus gelados e conduzindo suas orações até o dia em que Deus o chame para junto de Si, confiante de que, nesse momento, será acolhido por numerosas almas no paraíso.

Mário Jorge: O Recomendador de Almas

Meu nome é Mário Jorge Araújo dos Santos e tenho 65 anos. Sou aposentado e tenho atuado como um "Recomendador de Almas" desde que eu tinha 15 anos. Tudo começou quando eu morava com meus pais. Durante o período da quaresma, meu pai costumava sair para rezar nas casas de amigos e vizinhos. Com 15 anos, comecei a acompanhá-lo e fiquei fascinado pelo que ele fazia. Com o tempo, adquiri prática e compreensão. Conforme amadureci, continuei a rezar ao lado do meu pai, sempre que ele era convidado. Ele me desafiou a fazer uma das vozes nas rezas, seja durante a quaresma ou nas ladainhas para os santos, cada uma exigindo tons e alturas vocais específicas.

Meu pai me incumbiu de entoar a terceira voz em uma das casas, e graças a Deus, consegui desempenhar essa tarefa. Com o passar dos anos, meu pai faleceu, e para preservar sua tradição, decidi assumir a responsabilidade. Convidei alguns amigos para rezar comigo, e felizmente, eles aceitaram o convite. Até hoje, continuamos cumprindo essa penitência, aproveitando o dom que Deus nos deu para realizar essas rezas, seja para as almas ou durante a quaresma.

Não estou aqui para me destacar, mas graças a Deus e com a ajuda divina, me tornei um rezador profissional, ao lado dos meus amigos. Seja para rezar pelas almas santas, recitar ladainhas para os santos ou participar de festas de arraial, onde levantamos mastros decorados com oferendas, estamos preparados. Hoje, estou feliz e satisfeito, especialmente desde que me mudei para Parintins. Fiz amizade com colegas daqui e juntos formamos um grupo que continua a tradição, levando adiante o que aprendi com meu pai.

A Recomendação de Almas

Sim, considero-me um Recomendador de Almas. Pratico esse ritual desde os meus 15 anos de idade, e hoje tenho 70 anos. Se vocês são bons em matemática, podem calcular quantos anos devoção e rezas eu acumulei ao longo desse tempo, seja para as Santas Almas, São Paulo, São Pedro, São Lázaro ou qualquer outra imagem. Como mencionei, comecei a rezar a alguns anos e continuo até hoje. É uma prática que aprecio e que realizo junto com meus amigos. Quando não sei algo, eles me ensinam, e com a ajuda deles, continuamos a levar adiante essa tradição. Tenho muita vontade de seguir rezando, cumprindo o dom que Deus me deu, e honrando a missão que meu pai também cumpria. Com a graça de Deus, estamos navegando nessa jornada.

Nós, os Recomendadores de Almas, temos uma devoção especial pelas almas. Deixe-me compartilhar uma história para ilustrar nosso compromisso. Durante a semana santa, especificamente nos dias da quaresma, ou seja, quarta, quinta e sexta-feira, aqueles de nós que são rezadores, os recomendadores de almas, sentem a obrigação de cumprir uma penitência em honra a essas almas. Se negligenciarmos essa prática, sentimos um profundo desconforto. As almas não nos permitem ficar em paz, e qualquer sinal de remorso nos assombra. Às vezes, sentimos sua presença até balançando a rede em que descansamos. Para evitar esse desconforto, costumamos colocar um pano sobre nossas cabeças e saímos para rezar.

O nosso sistema de ritual é assim: quando visitamos as casas para realizar nossas rezas, começamos colocando um pano na cabeça assim que chegamos à residência do anfitrião. Esse ato simboliza o início da oração em honra das almas. É uma demonstração da devoção direta que temos por elas, e se deixarmos de cumprir esse compromisso, sentimos que elas nos cobram.

Para ilustrar ainda mais, considere a seguinte situação: digamos que, por acaso, eu trabalhe com alguém e lhe deva uma quantia de dinheiro ou algum outro tipo de favor. Se, em algum dia, eu não cumprir meu compromisso, a pessoa pode sentir minha ausência e pode até buscar uma explicação ou me cobrar pelo que lhe devo. Assim é o nosso compromisso com as santas Almas durante o período da quaresma. Primeiramente, é uma questão de devoção a Deus, já que acreditamos que essas almas estão no purgatório, próximas a Deus. Cada um de nós tem entes queridos, como pais, mães, primos, padrinhos, e todos temos uma responsabilidade moral de honrar esses compromissos durante esse tempo de penitência. Quando cumprimos essa penitência, sentimos que somos bem recebidos pelas almas, e isso nos enche de alegria e satisfação por cumprir esse dever.

Quando nos preparamos para realizar a penitência e a reza em honra das Santas Almas, usamos uma vestimenta especial, que chamamos de nossa "farda". Ela é um símbolo importante do nosso compromisso com esse ritual. Além disso, também usamos uma pequena sineta, que desempenha um papel significativo no início das orações. Antes de começarmos a recitar as preces, soamos a sineta como um convite para as pessoas ao nosso redor. Isso sinaliza que estamos prestes a iniciar a cerimônia e convidamos aqueles presentes a se juntarem a nós.

Para ter uma ideia mais concreta de como realizamos o ritual, quando nos preparamos para iniciar a reza em honra das almas, começamos chamando-as no início. À medida que os dias da quaresma avançam e a data se aproxima do final desse período de penitência, fazemos uma entrega simbólica em homenagem a elas. Isso faz parte do nosso procedimento e é uma maneira de cumprir nosso compromisso com as almas e encerrar o ritual de forma apropriada.

Recomendadores e a igreja católica

O nome do nosso grupo é "Caminhando com o Espírito Santo." Temos recebido apoio da Igreja Católica, pois somos pessoas comprometidas com essa prática e não paramos de honrar nossos compromissos. A igreja frequentemente nos convida para participar de festas e celebrações especiais, e costumamos ouvir esses convites através do rádio ou de outros meios de comunicação. Quando somos convidados, estamos sempre prontos para responder ao chamado. Temos nossas fardas e sabemos como nos apresentar de maneira adequada à sociedade durante essas ocasiões. Estamos comprometidos em continuar essa tradição com o apoio da igreja e com a disposição de cumprir nosso dever.

Com relação ao tempo em que realizo essas práticas, há uma crença entre os mais antigos de que, para cumprir adequadamente essa devoção, devemos rezar continuamente por sete anos. Após esses sete anos, se desejarmos continuar, podemos fazê-lo, mas não há uma obrigação estrita. Acredito que todos nós do grupo já tenham completado esses sete anos iniciais, pois o tempo passou, e essa é uma tradição que apreciamos e respeitamos. Além disso, contamos com um forte apoio da Igreja Católica, o que é reconfortante.

No entanto, para que possamos nos alinhar melhor com a igreja e formalizar nossa associação, tivemos discussões recentes entre os membros do grupo. Concluímos que é importante procurar a paróquia, especialmente porque vivemos próximos à Igreja de São Sebastião. Pretendemos apresentar nosso grupo à paróquia, e estamos dispostos a dar um nome como "Grupo Caminhando com Cristo" ou "Grupo Caminhando com o Espírito Santo," pertencente à Paróquia de São Sebastião, sempre que houver convites para novenas ou festas.

Isso nos permitirá estar mais alinhados com a igreja e, assim, ficarmos seguros e reconhecidos. Já conversei com o padre Irineu Brandão, que me orientou a ir até a paróquia. Planejo fazê-lo em breve, e ele demonstrou interesse em conhecer cada um de nós pessoalmente e até mesmo abençoar nossas fardas. Isso reforçará nossa conexão com a Paróquia de São Sebastião, e estamos muito gratos pelo apoio que recebemos da Igreja Católica.

O que é a Recomendação das Almas?

Eu gostaria de explicar o significado do nome "Recomendadores de Almas". Essa tradição é um sistema antigo, praticado desde os primórdios da fé. Acredito que essa prática existe desde os primórdios da humanidade, pois desde que me entendo por gente, já vi pessoas realizando esse tipo de ritual.

O nome "Recomendadores de Almas" refere-se à ação de recomendar e orar pelas almas daqueles que faleceram. É uma tradição que merece muito respeito, pois envolve a devoção e a crença em algo divino. Não se trata de rezar para as almas de forma que elas nos prejudiquem ou nos castiguem, como algumas superstições podem sugerir. Pelo contrário, é uma maneira de demonstrar carinho e cuidado pelas almas em sua jornada espiritual.

Acredita-se que, ao cumprir essa penitência e realizar essas orações no momento apropriado, evita-se que aconteçam eventos desagradáveis. É uma forma de manter a harmonia espiritual e cumprir um dever religioso. Para aqueles de nós que estão acostumados a realizar essas práticas, não cumprir essa penitência no tempo adequado pode nos deixar em uma situação desfavorável, onde coisas negativas podem ocorrer. Portanto, realizamos esses rituais com respeito e dedicação para manter nosso compromisso espiritual e evitar possíveis consequências negativas.

Quanto ao meu cântico favorito durante o ritual de recomendação das almas, é uma questão interessante. Quando chegamos a uma casa, especialmente durante as três noites da quaresma (quarta, quinta e sexta-feira), a cena é geralmente a mesma. As pessoas na casa estão quietas, geralmente já deitadas e dormindo, em companhia de suas famílias. Eu, acompanhado por cinco companheiros, incluindo Mário Jorge, seu Alberto, Adinelson, seu Jósemo e até mesmo o seu Waldir, que reside em Pascoal Alágio, todos pertencentes ao nosso grupo, nos aproximamos da casa.

Nesse momento, utilizamos uma sineta para anunciar nossa presença e iniciar o ritual. Começamos com um trecho de cântico que é algo como um chamado para a procissão dos

mortos. A música nos une e nos prepara para começar a recitar as orações em nome das almas. Pedimos as bênçãos divinas e oferecemos nossas preces em prol dessas almas.

Não sei se tenho um cântico favorito, pois todos eles têm um propósito espiritual especial. São entoados com devoção e fé, e cada um deles contribui para a experiência significativa do ritual. Portanto, não é tanto a melodia específica que importa, mas o poder espiritual e a intenção por trás de cada cântico que tornam essa prática especial e significativa para mim.

3.2. Seu Alberto e o remorso na descontinuidade da recomendação das almas

Apresentação

Alberto de Oliveira é um homem de fé e tradição. Ele nasceu nas Ilhas das Guaribas, um arquipélago fluvial no rio Amazonas, onde aprendeu a cultivar a terra e a pintar as cores da natureza. Aos 40 anos, ele se mudou para Parintins, uma cidade famosa pelo festival folclórico do Boi-Bumbá, onde se estabeleceu como agricultor e pintor. Mas o que mais chama a atenção em sua vida é o seu ofício de rezador e recomendador de almas, uma prática milenar que consiste em rezar pelos mortos e pelos vivos que sofrem algum mal. Seu Alberto é um dos poucos que ainda mantém essa tradição viva em Parintins, onde ele visita as casas das pessoas que o procuram para pedir sua intercessão. Ele diz que aprendeu a rezar com seu pai, que também era rezador, e que sente uma grande satisfação em poder ajudar os outros com suas orações.

Seu Alberto não está sozinho nessa missão. Ele conta com o apoio e a companhia de sua esposa, que também tem um vasto conhecimento sobre as rezas, ladainhas e orações, e que é a segunda voz dos cânticos que eles entoam juntos. Eles formam uma dupla harmoniosa e sincera, que transmite paz e confiança aos que os escutam. Seu Alberto também tinha um filho, que era portador da síndrome de Down, e que faleceu há alguns anos. Ele era o seu orgulho e a sua alegria, e o acompanhava nas rezas desde pequeno. Seu Alberto diz que o seu filho era um anjo enviado por Deus, e que agora está no céu olhando por ele e por sua esposa.

Seu Alberto é um exemplo de humildade, simplicidade e generosidade, que preserva a cultura e a espiritualidade do seu povo. Ele é apenas mais outra pessoa comum, mas com uma missão extraordinária.

Missão como Recomendador de Almas

Eu sou Alberto, agricultor de longa data, nascido nas Ilhas das Guaribas, e há 36 anos escolhi Parintins como minha casa e sem dúvida, me considero um recomendador de almas. Essa missão começou quando eu tinha 15 anos. Naquela época, meu irmão, que era considerado maduro com seus 22 anos, relutava em me levar para acompanhar as rezas noturnas. No entanto, eu era determinado e persisti em minha decisão desde os meus 10 anos. Foi somente aos 13 anos que consegui convencê-lo a me permitir acompanhá-lo. Em nossa comunidade, essa tradição era seguida por muitas pessoas naquela época e continua até hoje.

Agora, com 69 anos de idade, nunca interrompi essa missão. Parar significaria uma lacuna na continuidade dessa tradição, algo que não me faz sentir bem, como mencionou meu amigo Mário anteriormente. Parece que fomos escolhidos por Deus para desempenhar esse papel. Ambos, assim como meu irmão Jósemo e nosso amigo Adinelson, não são viciados em álcool ou tabaco. Continuamos a tradição, cumprindo-a com grande respeito e alegria. Considero uma bênção realizar essa missão.

Recentemente, fomos convidados a realizar a oração das santas almas em Caburi, nas comunidades de Santa Terezinha e São Francisco do Palhau. A comunidade providenciará o transporte para nos buscar, levar-nos e trazer-nos de volta. Para nós, essa oportunidade é extraordinária, e a única despesa que incorremos é o dízimo, que pagamos com profundo amor. Sentimos grande entusiasmo em cumprir essa missão espiritual.

Apoiadores na Igreja e na Comunidade

No que diz respeito ao apoio da igreja, como meu colega Mário mencionou, não recebemos apoio direto da instituição. Contudo, contamos com o apoio de muitas pessoas católicas nas comunidades que visitamos. A maioria delas aprecia as orações e o som que ecoa pelas ruas durante nosso ritual. Tentamos realizar nosso ritual na cidade por dois anos, mas enfrentamos dificuldades devido ao barulho e à interferência de bares e música alta.

Por outro lado, nas comunidades do interior, a recepção é muito mais calorosa. Somos calorosamente acolhidos, e as pessoas nos respeitam e apoiam. Em cada casa que visitamos, somos oferecidos café e comida. Embora valorizemos essas ofertas, nossa missão não se baseia nelas, mas sim em cumprir nossa missão espiritual. Acreditamos que é um dever compartilhar

o que temos, e ao sermos recebidos de braços abertos, nos sentimos ainda mais abençoados. É assim que nossa missão espiritual continua a prosperar.

O Ritual na Semana Santa

Na Semana Santa, realizamos um ritual de grande significado, onde expressamos nossa devoção e respeito pelas almas e pela Paixão de Cristo. Essa cerimônia especial ocorre durante a sexta-feira santa, uma das datas mais importantes do calendário religioso. Tradicionalmente, somos convidados pelas paróquias locais, como a Catedral de Parintins, para participar dessa oração sagrada e contribuir com nossa devoção.

Nossa participação começa com a entoação de cânticos específicos. Eu, como membro do grupo e um dos integrantes do coro, canto a segunda voz. Mário lidera a primeira voz, e meu meio-irmão assume a terceira voz, enquanto nosso amigo Adinelson é responsável pela quarta voz, conhecida como o baixo. Essa combinação de vozes é crucial para criar um ambiente espiritualmente significativo durante a oração.

O Ritual da Sexta-Feira Santa é conduzido com grande solenidade, e as palavras cantadas ganham um tom particularmente comovente nesse momento. Através dos versos e das melodias, compartilhamos nossa fé e nossa devoção, expressando nosso respeito pelas almas e nossa profunda ligação com a Paixão de Cristo.

O Futuro da Tradição

Quando refletimos sobre o futuro dessa tradição, não o fazemos com medo, mas com um senso de responsabilidade e um toque de nostalgia. A tradição dos recomendadores de almas tem raízes profundas em nossa cultura, mas está gradualmente desaparecendo. Quando era mais jovem, testemunhei muitos grupos de recomendadores de almas, com até seis equipes operando na cidade. Comecei a fazer parte dessa tradição quando tinha apenas 13 anos, enquanto muitos outros integrantes das equipes eram bem mais velhos, com idades entre 30 e 40 anos.

O que tornava essa tradição tão especial era a competição amigável entre as equipes. Quando as equipes se encontravam, geralmente durante a oração do encontro, os membros das equipes menores podiam se juntar às equipes maiores, fortalecendo ainda mais o número de orações realizadas. No entanto, com o passar dos anos, a maioria dos membros mais antigos da

tradição faleceu, o que resultou em uma gradual diminuição no número de equipes e na perda de interesse de jovens em se envolver nessa prática espiritual.

Em relação ao apoio da Igreja Católica, é importante mencionar que embora muitos membros da comunidade valorizem nossa contribuição, não recebemos apoio direto da instituição religiosa. A tradição dos recomendadores de almas é algo que se realiza por devoção e amor, e nossa motivação provém de nossa fé e crenças pessoais.

Uma Experiência na Catedral

Passamos muitas noites juntos, cantando e rezando. No entanto, com o passar do tempo, muitos dos membros do grupo faleceram e o grupo acabou se dissolvendo. Agora, estou preocupado que a tradição possa desaparecer completamente se a nova geração não se interessar por ela. Tenho cinco filhos, todos já adultos, mas nenhum deles mostrou interesse em continuar a tradição. Isso me faz pensar que talvez a prática da recomendação das almas possa acabar em breve, especialmente sem o apoio da igreja católica.

No dia 7 de maio, nós, um grupo de devotos, fomos à catedral para realizar uma celebração especial - a Ladainha. Esta é uma antiga oração católica que é recitada em latim. A Ladainha é uma forma de oração que tem sido parte da tradição católica há séculos e é algo que valorizamos profundamente. Naquela noite, havia cerca de 70 pessoas presentes na missa. Quando fomos chamados para iniciar a Ladainha, esperávamos que mais pessoas se juntassem a nós. Infelizmente, isso não aconteceu. Foi um momento triste para nós, pois esperávamos que mais pessoas valorizassem e participassem dessa antiga tradição.

Após a celebração, eu e meu amigo Mário compartilhamos nossa tristeza sobre a situação. No entanto, concordamos que devemos aceitar a vontade de Deus. Mesmo que as pessoas não valorizem essas antigas tradições, continuaremos a preservá-las e praticá-las. A Ladainha que cantamos é uma antiga Ladainha em latim. É uma oração muito bonita e emocionante. Em algumas comunidades, as pessoas se emocionam ao ouvi-la. Infelizmente, nem todas as comunidades valorizam essa tradição.

Um Episódio no Paraná do Macaco

Outra experiência marcante ocorreu quando visitamos a comunidade do Paraná do Macaco. Lá, fomos calorosamente recebidos e nossa oração emocionou tanto a nós quanto à

comunidade. No entanto, um ano depois, não conseguimos fazer a viagem devido a desentendimentos com o proprietário do barco que nos levaria. Essa situação foi desapontante, pois perdemos a oportunidade de compartilhar nossa devoção com aquela comunidade.

Essas experiências ilustram o desafio enfrentado por nossa tradição. Estamos cientes de que, se a falta de interesse e envolvimento dos jovens continuar, a prática dos recomendadores de almas pode desaparecer completamente. No entanto, permanecemos comprometidos em cumprir nossa missão com amor e dedicação, mantendo viva a chama dessa tradição profundamente enraizada em nossa cultura.

Significado

Esse ritual tem um profundo significado e representa a nossa fé, devoção e a crença em algo maior. É como acreditar em uma dança tradicional, como o carimbó, ou nas práticas religiosas atuais, como o axé. No caso da recomendação das almas, acreditamos na existência das almas daqueles que já faleceram. Através do ritual, expressamos nossa devoção, entoando cânticos e fazendo orações em louvor a essas almas. Para nós, a recomendação das almas é um ato de fé e entrega. Acreditamos que, ao realizar essas orações, estamos cumprindo nosso dever espiritual de recomendar essas almas ao cuidado de Deus. É um ato de amor e devoção que fazemos regularmente, e nossa fé nos guia nesse processo.

O ritual da recomendação das almas é uma parte essencial de nossa tradição e cultura. É uma maneira de manter viva a memória daqueles que partiram e de cumprir nossa missão espiritual. Além disso, é uma forma de transmitir essa tradição às gerações mais jovens, para que eles possam continuar esse legado espiritual. Portanto, é mais do que um simples ritual; é uma expressão de nossa fé, devoção e respeito pelas almas daqueles que já se foram.

Para nós, a recomendação das almas é como uma jornada espiritual que nos conecta com o divino e com nossos entes queridos que já faleceram. É uma prática que nos traz conforto e nos faz sentir que estamos cumprindo nosso papel como fiéis e devotos. Se vocês, jovens, se unissem a nós, poderiam experimentar a beleza e a importância desse ritual, tornando-se uma parte valiosa dessa tradição espiritual. A recomendação das almas é uma prática que nos mantém unidos como uma comunidade alegre e devota, e esperamos que ela continue a ser transmitida de geração em geração, para manter viva essa bela tradição espiritual que é o Penitentes das Santas Almas. É uma honra estar compartilhando essa conversa com vocês e falando sobre algo que é tão significativo para nós.

Usamos uma toalha branca sobre a cabeça e ela tem um significado importante no ritual. Ela é um símbolo de respeito e reverência. Quando colocamos essa toalha branca sobre a cabeça, é como se estivéssemos direcionando nossa atenção e respeito para o momento sagrado da recomendação das almas. Fazemos isso como um gesto de consideração para garantir que nossa mente e coração estejam focados nesse ato de devoção.

Além disso, a vestimenta branca, incluindo a camisa branca e a calça branca, representa a paz. A cor branca é frequentemente associada à paz e à pureza. Nesse contexto, vestimos roupas brancas como uma demonstração de nossa paz interior e também como um pedido de paz para as almas daqueles que já faleceram.

A recomendação das almas é uma ocasião em que buscamos paz espiritual e pedimos perdão. Portanto, as vestimentas brancas e a toalha na cabeça são símbolos dessa paz e reverência que levamos para o ritual. Tudo isso faz parte de nossa tradição e cultura, e é uma forma de mostrar nosso respeito por esse momento especial.

O senhor que trabalha com as almas, já teve alguma experiência onde viu ou sentiu a presença das almas?

Olha, nós realmente temos algumas experiências nesse sentido. Quando nos reunimos para rezar à noite e estamos totalmente imersos na oração, às vezes, se estivermos cheios de fé e acreditando no que estamos fazendo, podemos ouvir vozes ou sons distintos, como uma voz diferente da nossa enquanto estamos rezando. É uma experiência peculiar, e, embora possa ser difícil de acreditar, consideramos que, através da intervenção de Deus e do Espírito Santo, essas vozes nos trazem mensagens ou significados. É algo que nos conecta com as almas e nos faz refletir profundamente.

Normalmente, ao chegar nas casas das pessoas para fazer nossas recomendações, antes mesmo de chegarmos, às vezes, percebemos que os animais que latem já estão dando sinais de aviso. É como se eles soubessem que algo está chegando antes de nós. E às vezes, o aviso é tão intenso que, se não os afastarmos, eles podem até atacar, então temos que lidar com esses desafios quando chegamos. São experiências que fazem parte de nossas tradições e histórias, mas que também mostram o quanto é importante mantermos essa prática viva.

Também compartilhamos uma experiência interessante durante nossas viagens de canoa. Antes de chegarmos a uma casa, os animais locais parecem perceber nossa chegada. “Os animais já dão aviso lá que já chegou alguém antes de nós”, observamos.

Há também uma história intrigante sobre um bode preto que aparece todos os anos em uma casa específica durante nossas orações. O bode se deita onde o dono da casa faz fumaça e desaparece no final das orações. “Teve gente que foi conosco para saber se era verdade. Ele só foi acreditar na hora que ele viu o animal lá”, compartilhamos.

O significado disso, no entanto, permanece um mistério para nós. “O que significa isso? Isso eu não sei te dizer”, admitimos. Essas são as histórias e experiências que compartilhamos como grupo de rezadores. Valorizamos nossas tradições e rituais, e é triste para nós pensar que essas práticas podem acabar um dia. “É triste se acabar, é muito triste”, lamentamos.

A importância de preservar essa tradição é enorme. Essas experiências nos conectam com nossos entes queridos que já se foram, e nossa devoção a elas é o que nos guia. Além disso, nossa fé e a continuidade dessas práticas ajudam a fortalecer nossa comunidade. No entanto, a tristeza é que, com o tempo, vemos o declínio dessa tradição, especialmente entre os jovens, que muitas vezes não compreendem totalmente o significado por trás das músicas e rituais que realizamos. É essencial que mantenhamos viva essa tradição para futuras gerações, para que elas também possam experimentar a beleza e a profundidade dessa prática espiritual.

3.3. Leonir Cavalcante e a preservação do ritual de recomendação das almas

Seu Leonir Cavalcante, de 79 anos de idade é um homem que vive entre dois mundos: o visível e o invisível. Ele caminha pelas ruas de Parintins, uma cidade no coração da Amazônia, com simplicidade e discrição. Poucos sabem que ele é um dos últimos recomendadores de almas da região, um ofício que aprendeu com seu pai e que exerce desde jovem. Ele é capaz de rezar pelos mortos e pelos vivos, invocando os santos e as ladainhas com uma voz firme e serena. Ele é procurado por aqueles que sofrem de algum mal físico ou espiritual, que buscam alívio e consolo em suas orações.

Mas seu Leonir não vive apenas da reza. Ele também trabalha como vigia, prestando serviços em alguns locais que precisam de sua presença. Ele não tem um contrato formal, nem um salário fixo. Ele recebe o que lhe dão, e se contenta com o pouco que tem. Ele não se importa com o dinheiro, nem com o reconhecimento. Ele se sente feliz em poder ajudar as pessoas com seu dom, e em manter viva uma tradição que está se perdendo no tempo.

Seu Leonir é um homem simples, calmo, mas que possui um conhecimento gigantesco sobre a reza aos santos, ladainhas e a recomendação de almas. Ele é um guardião da cultura e da espiritualidade do seu povo. Ele sabe de cor as orações e os cânticos que aprendeu com seus

antepassados, e que transmite para os seus filhos e netos. Ele tem uma fé inabalável, que o sustenta nas horas difíceis e o inspira nas horas alegres.

Seu Leonir é um homem que transita entre dois mundos, mas que nunca perde a sua essência. Ele é fiel aos seus princípios, aos seus valores e à sua história. Ele é honesto, humilde e generoso, sempre disposto a compartilhar o seu saber e o seu amor. Ele é respeitado e admirado por aqueles que o conhecem de verdade, e que reconhecem a sua importância para a comunidade.

Ele não se confunde nem se perde nessa dualidade. Ele sabe quem ele é, de onde ele veio e para onde ele vai. Ele sabe que a sua missão é rezar pelas almas, tanto as que partiram quanto as que ficaram. Ele sabe que a sua reza é um ato de caridade, de esperança e de gratidão. Ele sabe que a sua reza é uma forma de arte, de expressão e de comunhão.

Sr. Leoni, poderia nos falar um pouco sobre sua trajetória e sua participação nas tradições religiosas da região?

Leoni Cavalcanti: Claro, com prazer. Minha vida sempre foi marcada por minha dedicação à religião. Desde muito jovem, trabalhei nas comunidades, atuando como catequista e sendo presidente de um clube de oração, além de fazer parte da congregação de Mariana. Naquela época, eu também costumava rezar a Ladainha durante as festas dos Santos, como as pastorinhas no período natalino. A Ladainha é uma forma de oração e homenagem a Santos e entidades religiosas.

Parece que você tem uma longa história de envolvimento religioso. Poderia nos explicar mais sobre o significado da Ladainha e o que representam as pastorinhas?

Claro. A Ladainha é uma das práticas religiosas que celebramos com grande devoção. Ela envolve rezas e homenagens aos Santos e às almas queridas que faleceram. Nas festas das pastorinhas, nós homenageávamos a simplicidade e a devoção. A Ladainha rezada no dia 24 de dezembro é uma forma de honrar as pastorinhas e o Menino Jesus, lembrando o verdadeiro significado do Natal.

Isso é muito interessante. E como você continua sua missão religiosa hoje em dia?

Leoni Cavalcanti: Mesmo com a passagem do tempo, continuo dedicado a essa missão religiosa. Recebo convites para participar de celebrações religiosas, como a Ladainha em homenagem aos Santos promesseiros. Durante a Semana Santa, eu me reúno com colegas para realizar a recomendação das almas. Começamos no cemitério e percorremos diferentes bairros durante toda a semana, terminando a recomendação no cemitério novamente na Sexta-feira Santa. É uma tradição que nos une e nos mantém conectados à nossa fé.

É notável o seu compromisso com essas tradições. Poderia nos explicar o significado dos cânticos cantados no ritual e sua importância nas celebrações da Semana Santa?

Leoni Cavalcanti: Certamente. Os cânticos são uma parte fundamental de nossas celebrações durante a Semana Santa. Eles remetem à morte e paixão de Jesus Cristo, e são hinos que cantamos para honrar essa época do ano. Os cânticos são antigos e carregam um profundo significado espiritual para nós. É uma forma de recomendar as almas através da paixão e morte de Jesus Cristo, uma tradição que continua viva. Durante as celebrações, os cânticos nos lembram do sacrifício de Cristo por nossos pecados e de Sua ressurreição, trazendo esperança e renovação espiritual.

Sua dedicação e comprometimento são admiráveis. Como você enxerga o futuro dessas tradições e práticas religiosas?

Leoni Cavalcanti: É importante manter essas tradições vivas, mas é triste notar que muitos jovens não estão familiarizados com essas práticas e seu significado. Por isso, convido colegas e devotos a participar das celebrações e a continuar essa herança espiritual. No entanto, é um desafio, e espero que as futuras gerações compreendam a beleza e a profundidade dessas práticas e as mantenham vivas. As tradições religiosas são uma parte importante de nossa identidade e cultura, e é essencial preservá-las para as gerações futuras.

Sr. Leoni, você mencionou a importância de homenagear os Santos e as almas dos entes queridos durante as celebrações. Como é o sentimento e a atmosfera durante a Ladainha e a recomendação das almas?

Leoni Cavalcanti: Durante a Ladainha e a recomendação das almas, a atmosfera é de profundo respeito e devoção. Essas práticas têm raízes históricas profundas em nossa cultura

religiosa e são momentos de conexão espiritual intensa. Acreditamos que os Santos, que são representações da santidade e virtude, e as almas dos finados, que são entes queridos que partiram, estão presentes conosco, no céu. A devoção e o respeito mútuo entre nós e essas entidades celestiais são palpáveis e geram uma sensação de alegria e satisfação em nossos corações.

É notável sua devoção e alegria em manter essas tradições vivas. Como você vê o papel dos jovens nessas celebrações e na preservação das práticas religiosas?

Leoni Cavalcanti: Com certeza, a preservação dessas tradições religiosas é essencial, e os jovens desempenham um papel crucial nesse processo. No entanto, é um desafio, pois muitos jovens hoje em dia não estão tão familiarizados com essas práticas. É por isso que é vital que os mais velhos, como eu, convidem os jovens a se envolverem nessas celebrações e ensinem a eles o significado e a beleza por trás delas. Espero que as futuras gerações compreendam a importância dessas tradições e as mantenham vivas. As práticas religiosas são uma parte fundamental de nossa cultura e identidade, e é essencial transmiti-las adiante para garantir que não se percam com o tempo.

O senhor também mencionou o terço e sua devoção à Virgem Maria. Como o terço e a devoção à Virgem Maria desempenham um papel em sua vida religiosa?

Leoni Cavalcanti: O terço e a devoção à Virgem Maria desempenham um papel central em minha vida religiosa. O terço é uma ferramenta importante de devoção. É uma maneira de meditar sobre os ensinamentos de Cristo e, ao mesmo tempo, honrar a Virgem Maria, que desempenhou um papel fundamental na história da nossa fé. O mês de outubro é dedicado a Nossa Senhora do Rosário, e nesse período, reforçamos nossa devoção por meio do terço. A Virgem Maria é um exemplo de fé e devoção, e sua presença em nossas práticas religiosas nos ajuda a fortalecer nossa espiritualidade e aprofundar nossa conexão com a fé.

O senhor poderia nos explicar como ocorre o ritual de recomendação das almas no Dia de Finados?

Leoni Cavalcanti: Certamente. O ritual de recomendação das almas no Dia de Finados é uma tradição religiosa que envolve uma profunda devoção às almas dos falecidos. Começa

no cemitério, onde nos reunimos para iniciar as orações. Durante a semana, percorremos diferentes bairros da cidade, sempre fazendo orações e recomendações das almas. O período culmina na Sexta-feira Santa, quando encerramos no cemitério da cidade. Durante esse tempo, rezamos a Ladainha dos Santos e também fazemos orações pelas almas dos padres, bispos e outros entes queridos que faleceram. A recomendação das almas é uma maneira de homenagear aqueles que partiram, expressar nossa devoção a eles e lembrar de suas vidas. É um ato de respeito e amor aos que já se foram.

Durante a Semana Santa, iniciamos uma penitência no cemitério. Este é um ato de penitência que realizamos para honrar e rezar pelas almas que partiram. Começamos no cemitério e seguimos em silêncio para as casas, sem conversar. Chegamos nas casas onde as velas estão acesas e tocamos o sino. Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria pelas almas no purgatório, pelas almas no inferno e pela morte e paixão de nosso Senhor Jesus Cristo.

Dependendo da casa, eles podem continuar rezando enquanto nós ficamos do lado de fora em penitência. Quando terminamos as sete Ave Marias e os dez Pai Nossos, abrimos o sacramento e rezamos a poderosa oração das mães. Na Sexta-feira Santa, rezamos o hino da Sexta-feira Santa.

Por volta das 11h, vamos ao cemitério para encerrar a penitência à meia-noite. Depois disso, cada um retorna para sua casa. Se alguém decidir não participar, isso depende dele. Antigamente éramos 77 companheiros que rezavam juntos, mas com o tempo alguns adoeceram, se mudaram ou faleceram, e agora somos apenas quatro.

Ninguém mais realiza essa prática porque os companheiros não querem mais. Mas recentemente, eu e um amigo decidimos retomar essa tradição durante a próxima Semana Santa. Vamos começar no cemitério e seguir para diferentes bairros em diferentes dias da semana. Na Sexta-feira Santa, vamos visitar cinco casas antes de retornar ao cemitério para encerrar a penitência.

Essa é uma antiga tradição da Semana Santa que honra as almas dos mortos e reflete sobre a morte e paixão de Jesus Cristo. Depois de visitar as casas na Sexta-feira Santa, por volta das 11h, nos dirigimos ao cemitério. Este é o local onde encerramos nossa penitência à meia-noite. É um momento de reflexão e respeito, um final simbólico para nossa jornada de oração e penitência.

Após o encerramento no cemitério, cada um de nós retorna para sua casa. É um momento de silêncio e contemplação, onde cada um pode refletir sobre a experiência da Semana Santa e o significado da penitência que realizamos. Apesar disso, a tradição não morreu

completamente. Recentemente, eu e um amigo decidimos retomar essa prática durante a próxima Semana Santa. Planejamos começar no cemitério e seguir para diferentes bairros em diferentes dias da semana.

Na Sexta-feira Santa, planejamos visitar cinco casas antes de retornar ao cemitério para encerrar a penitência. Esta é uma antiga tradição da Semana Santa que honra as almas dos mortos e reflete sobre a morte e paixão de Jesus Cristo. Essa tradição é uma parte importante da nossa fé e cultura. É uma maneira de nos conectarmos com nosso passado e honrar aqueles que vieram antes de nós. E mesmo que o número de participantes tenha diminuído ao longo dos anos, o espírito dessa tradição continua vivo em nossos corações.

Como o senhor mantém vivo a tradição de recomendar as almas?

Leoni Cavalcanti: A tradição de recomendar as almas é sustentada pela devoção à Virgem Maria, que nos inspira a continuar rezando, cantando e compartilhando conhecimento uns com os outros. Isso é algo que aconteceu comigo e que, até hoje, permanece vivo em nossos corações, graças a Deus. A cada ano, nos reunimos no cemitério para celebrar Todos os Santos e as almas. Essa prática nos enche de satisfação e alegria, contagiando todos os que participam, e até aqueles que observam ficam felizes.

Embora existam riscos ao descermos ao cemitério, não deixamos que isso nos impeça de nos dirigir às sepulturas e oferecer nossas preces. Aqui, no interior do Amazonas, dedicamos esse momento especial a todas as almas presentes. Após cumprirmos nossos rituais, acendemos velas e rezamos no Cruzeiro, antes de retornar às nossas casas. Esse compromisso é o que temos mantido ao longo dos anos, e agradecemos a Deus por isso. Mesmo com a crescente tendência de práticas virtuais, reconhecemos a importância de envolver as pessoas mais idosas.

É lamentável saber que algumas das pessoas que costumavam recitar as preces já nos deixaram. No entanto, mantemos a esperança de que novas gerações possam aprender a tradição e continuar perpetuando-a. Se jovens e moças puderem aprender as preces, a tradição nunca morrerá, mesmo quando aqueles que costumavam recitar não estiverem mais entre nós. A devoção é resiliente e persiste, dependendo da vontade das pessoas de aprender a rezar. No entanto, reconhecemos que o futuro é incerto.

Enquanto completamos meio século de devoção em março, permanece uma incógnita se, daqui a alguns anos, ainda estaremos aqui para rezar essas preces. No entanto, se jovens rapazes e moças se interessarem e aprenderem, nossa tradição terá a continuidade assegurada. Caso contrário, aceitamos que todas as tradições têm um ciclo, mas a oração e a devoção nunca

deixam de existir. Continuaremos a lembrar e honrar a recomendação das almas ao longo de nossas vidas.

Fico satisfeito ao ver como todos vocês vieram para esta entrevista, demonstrando o interesse em manter viva a tradição que nos foi transmitida pelos Santos das Almas. Essa missão é algo que vocês continuam ano após ano, garantindo que nunca se extinguirá. Todos nós, inclusive eu, encontramos satisfação nessa perpetuação da devoção, e estou alegre por participar desta conversa.

Senhor, o senhor tem uma boa relação com as Almas durante o ritual; o senhor já viu algumas delas?

Durante os rituais em que recomendamos as almas, não tive a experiência de ver ou sentir a presença direta das Almas. Nossa concentração está inteiramente voltada para a recitação das preces e a tradição que temos mantido ao longo dos anos. A recomendação das almas ocorre de forma mais solene durante os enterros, quando realizamos nossas preces e entregamos a alma à mão de Deus. Acreditamos que a pessoa falecida partiu para um plano melhor, onde intercede por nós. Portanto, nossas práticas se concentram em recordar e honrar suas memórias por meio de orações, missas e preces. Dessa forma, as Almas podem encontrar consolo, e nós seguimos adiante em nossa jornada.

Lembro-me de quando vivia com meus pais, e eles nunca se assustaram com o fato de eu passar pelo cemitério à noite. Eles costumavam me perguntar se eu via algo incomum ou sentia presenças estranhas, mas eu sempre respondia com sinceridade que não via ou sentia nada fora do comum. Embora eles manifestassem surpresa com minha calma, eu mantinha a convicção de que não havia motivos para temer. Continuava com meu caminho, fazendo minhas recomendações para as almas ao entrar no cemitério após as 10:00 da noite.

Trabalhei na comunidade por quatro anos, e durante o dia, tudo transcorria com normalidade. No entanto, à noite, quando concluía minhas atividades, voltava para casa e, nos domingos de manhã, fazia questão de realizar essa prática. Algumas pessoas da comunidade demonstravam admiração pela minha rotina, mas eu sempre lhes dizia que, com fé, não nos deixamos desanimar. É fundamental manter uma fé viva e fervorosa, em vez de nos deixarmos dominar pelo medo. Acredito que as almas daqueles que partiram agora estão em um lugar muito melhor, distante dos problemas terrenos, e que estão intercedendo por nós através de suas preces no Paraíso eterno

Acredito que nossa devoção nos guia, e é crucial que continuemos a fazer o que é certo. Em nossa comunidade, não nos sentimos perseguidos por ninguém, e essa mesma proteção divina se estende a todos os lugares, inclusive na cidade, onde a maldade pode estar presente. Se mantivermos nossa devoção, nossas orações e nossa conexão com Deus e Jesus Cristo, podemos enfrentar desafios sem temer sermos atacados. É como diz a Bíblia: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Essa fé nos fornece uma proteção que nos guia em nossa jornada. Além disso, o sinal da Cruz, símbolo do nosso batismo, renova nossa fé e nos liberta de males. Portanto, é nosso dever manter viva a tradição das orações, assegurando que a devoção nunca se extinga, e que possamos enfrentar qualquer desafio com fé e coragem.

O ritual de recomendação das almas: entre a tradição e a modernidade

A sobrevivência desse ritual na modernidade é marcada por desafios, como a diminuição no número de praticantes e o declínio do interesse dos jovens. No entanto, a resiliência dos recomendadores de almas é evidente na busca ativa por estratégias para envolver as novas gerações e garantir a continuidade dessas práticas únicas. A relação entre tradições populares e instituições religiosas também é explorada, revelando uma dinâmica complexa de coexistência e colaboração.

Ao explorar a trajetória de vida e as experiências de recomendadores de almas na região amazônica, torna-se claro que essa prática não é apenas uma relíquia do passado, mas uma expressão dinâmica da cultura e espiritualidade locais. A reinvenção consciente dessas tradições, em resposta aos desafios contemporâneos, destaca a relevância contínua do ritual de recomendação de almas no panorama cultural e espiritual do Amazonas.

A obra "A Invenção das Tradições" de Eric Hobsbawn (1997), em colaboração com Terence Ranger, apresenta uma análise fascinante sobre a construção e institucionalização de tradições nos séculos XIX e XX. Hobsbawn introduz o conceito de "Tradição Inventada", destacando que muitas tradições consideradas antigas são, na verdade, recentes e resultam de processos conscientes de construção.

O termo "Tradição Inventada" abrange práticas reguladas por regras, que buscam absorver valores e normas de comportamento por meio da repetição, promovendo uma continuidade com o passado. Mesmo revoluções e movimentos progressistas, segundo Hobsbawn (1997, p. 9 - 10), muitas vezes referem-se a situações anteriores para estabelecer sua legitimidade:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabelecem com enorme rapidez. (...) Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através de repetição quase que obrigatória (Hobsbawn, 1997, p. 9 – 10).

A distinção entre "tradição" e "costume" é essencial no entendimento proposto por Hobsbawn. Enquanto a tradição busca invariabilidade, o costume permite inovações e mudanças, embora deva manter alguma semelhança com o precedente. A decadência do costume, por sua vez, pode impactar a tradição associada.

O autor ressalta que as sociedades pós-Revolução Industrial sentiram a necessidade de inventar ou desenvolver novas rotinas e convenções com maior frequência. Essas novas práticas, ao se tornarem eficazes, transformam-se em hábitos, embora a imutabilidade possa afetar a capacidade de lidar com situações imprevistas.

A relação entre redes de convenção, rotina e tradições inventadas é explorada por Hobsbawn. Ele destaca que as redes de convenção e rotina não são tradições inventadas, pois suas funções e justificativas são técnicas, não simbólicas ou rituais.

Ao considerar a sobrevivência do ritual de recomendação das almas na modernidade, é possível aplicar os conceitos de Hobsbawn. A análise deve examinar se esse ritual se enquadra em uma tradição genuína, baseada em práticas enraizadas no passado, ou se é uma tradição inventada, criada para atender a necessidades contemporâneas. A relação entre costume e tradição também pode ser explorada para assinalar como a mudança ou decadência do ritual pode impactar a tradição mais ampla à qual está associado.

Na análise da sobrevivência do ritual de recomendação das almas na modernidade, à luz dos conceitos de Eric Hobsbawn sobre a invenção das tradições, é fundamental examinar se esse ritual se enquadra em uma tradição genuína ou se representa uma tradição inventada para atender às necessidades contemporâneas.

Se o ritual tem raízes profundas e autênticas, relacionadas a práticas enraizadas no passado, poderíamos considerá-lo uma tradição genuína. No entanto, se a recomendação das almas foi introduzida ou modificada recentemente, em resposta a circunstâncias específicas da modernidade, há indícios de que ela pode se enquadrar no conceito de tradição inventada.

A análise deve explorar os elementos simbólicos e rituais do ritual, identificando se essas práticas têm uma base histórica autêntica ou se foram criadas e institucionalizadas

recentemente. Além disso, é crucial examinar as regras que regulam o ritual. Se essas regras são aceitas abertamente ou tacitamente, buscando absorver valores e normas de comportamento por meio da repetição, isso fortaleceria a argumentação de que se trata de uma tradição inventada.

A relação entre costume e tradição também deve ser considerada. Se o ritual é um costume mutável, sujeito a inovações e adaptações, ele se alinha mais com a definição de costume de Hobsbawn. Em contraste, se o ritual é caracterizado por invariabilidade, buscando preservar práticas específicas sem permitir alterações significativas, ele se aproxima mais da concepção de tradição apresentada pelo autor.

A decadência ou mudança no ritual de recomendação das almas pode impactar a tradição mais ampla à qual está associado. Se o costume enfraquece, isso pode afetar a tradição, especialmente se a comunidade ou grupo que pratica esse ritual passa por transformações sociais, culturais ou religiosas.

Em suma, a análise da sobrevivência desse ritual na modernidade, à luz dos conceitos de Hobsbawn, oferece uma perspectiva valiosa para compreender se as práticas culturais e rituais têm raízes autênticas no passado ou se são construções conscientes para atender às demandas contemporâneas. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas entre tradição, costume e inovação nas práticas culturais.

Além disso, é relevante examinar o contexto social, cultural e religioso em que o ritual de recomendação das almas se insere na modernidade. Se a prática persiste como parte integrante da identidade e coesão social de uma comunidade, isso pode indicar sua natureza genuína. Por outro lado, se a recomendação das almas é promovida ou adaptada como resposta a mudanças específicas na sociedade moderna, como desafios contemporâneos ou movimentos culturais, isso fortalece a perspectiva de que se trata de uma tradição inventada.

A compreensão da relação entre a tradição e as transformações sociais é fundamental. Hobsbawn destaca que as sociedades que emergiram após a Revolução Industrial foram compelidas a inventar ou desenvolver novas rotinas e convenções com maior frequência. Se o ritual em questão surgiu ou foi modificado nesse contexto, é possível que tenha sido moldado por exigências sociais e não por uma continuidade orgânica com o passado.

Ademais, o papel das convenções e rotinas no processo de invenção das tradições deve ser considerado. Se o ritual de recomendação das almas se transformou de uma convenção técnica em um hábito imutável, isso pode indicar uma tentativa de conferir uma aura de tradição sólida a uma prática que, inicialmente, poderia ser mais flexível.

Por fim, é crucial avaliar se o ritual serve como um meio de lidar com situações imprevistas ou originais na sociedade moderna. A capacidade de adaptação do ritual para atender às necessidades em constante evolução pode revelar sua função pragmática e sua resposta às demandas da contemporaneidade.

Em resumo, a análise da sobrevivência do ritual de recomendação das almas na modernidade à luz dos conceitos de Hobsbawm oferece um quadro interpretativo valioso para compreender a dinâmica entre autenticidade histórica e adaptação consciente. Considerar a interação entre tradição, costume e inovação permite uma apreciação mais profunda das práticas culturais em um contexto em constante transformação.

A análise dos relatos dos recomendadores de almas em Parintins à luz das ideias de Eric Hobsbawm sobre a invenção das tradições revela uma interessante dinâmica entre autenticidade histórica e adaptação consciente dessas práticas espirituais.

Os relatos de Mário Jorge, Alberto de Oliveira e Leonir Cavalcante destacam a longevidade e a continuidade das tradições da recomendação das almas. A persistência ao longo de décadas, transmitida de geração em geração, enfatiza a autenticidade percebida dessas práticas, alinhando-se com a ideia de tradições genuínas de Hobsbawm. O compromisso pessoal e a devoção dos praticantes, como evidenciado por Mário Jorge, são elementos que contribuem para a autenticidade da tradição.

Contudo, a análise também revela aspectos de adaptação e reinvenção das tradições. O enfrentamento de desafios contemporâneos, como a falta de interesse dos jovens, a dificuldade de realizar rituais na cidade e a busca por apoio da Igreja Católica, demonstra uma consciente adaptação às mudanças sociais e institucionais. Esses esforços para superar obstáculos são congruentes com a noção de tradições inventadas de Hobsbawm, onde a reinvenção é uma resposta a situações novas.

A relação entre os recomendadores de almas e a Igreja Católica destaca uma coexistência dinâmica entre tradições populares e instituições religiosas. Essa dinâmica é evidente na busca de formalização da associação com a paróquia local, revelando uma colaboração entre diferentes esferas culturais e religiosas. Esse diálogo entre tradições locais e instituições religiosas reflete uma complexidade na interação entre práticas culturais autênticas e influências externas.

A preservação e transmissão das tradições espirituais como uma missão recebida de Deus, mencionada por Mário Jorge, adiciona uma dimensão de sacralidade à prática. Essa justificação divina confere uma legitimidade adicional à continuidade das tradições, destacando a interseção entre o sagrado e o cultural.

Os elementos simbólicos presentes nos rituais, como as vestimentas, sinetas e cânticos, também contribuem para a construção de significados e para a transmissão da tradição. A ênfase na importância do compromisso e continuidade ao longo dos anos, mencionada por Mário Jorge e Leonir Cavalcante, ressalta a necessidade de preservar não apenas as práticas em si, mas também o comprometimento pessoal e espiritual dos praticantes.

A análise dos relatos dos recomendadores de almas em Parintins à luz dos conceitos de Hobsbawm revela uma interação complexa entre tradição autêntica e invenção consciente. A persistência ao longo do tempo e a adaptação a desafios contemporâneos refletem uma dinâmica de preservação cultural que busca equilibrar a autenticidade histórica com as demandas da sociedade em constante mudança.

A análise das práticas dos recomendadores de almas em Parintins à luz dos conceitos de Eric Hobsbawm sobre a invenção das tradições também destaca a interconexão entre a espiritualidade, as dinâmicas sociais contemporâneas e a busca por uma identidade cultural. A compreensão dessas práticas transcende simplesmente a preservação de rituais; ela abrange a construção de significado, a coesão social e a adaptação a um contexto em constante evolução.

Ao explorar a dualidade entre o tradicional e o contemporâneo na vida de Leonir Cavalcante, percebemos um esforço consciente para equilibrar as práticas religiosas antigas com as realidades modernas. Essa dualidade sugere uma forma de reinvenção das tradições, onde os recomendadores de almas buscam manter a relevância de suas práticas em um mundo que está em constante transformação.

O destaque dado à Semana Santa como um período central para o ritual de recomendação das almas revela não apenas a ligação com tradições cristãs, mas também a capacidade de adaptar essas práticas ao calendário litúrgico, reforçando a ideia de reinvenção consciente. A presença de cânticos durante essas celebrações não apenas enfatiza a dimensão espiritual, mas também destaca a riqueza simbólica incorporada nessas tradições.

A relação entre os recomendadores de almas e a comunidade local, especialmente nas áreas rurais, revela uma dinâmica peculiar. Enquanto nas cidades enfrentam desafios e resistência, nas comunidades rurais encontram apoio e aceitação. Essa variação na recepção indica não apenas uma resistência à mudança, mas também a capacidade dessas tradições de se adaptarem a diferentes contextos sociais.

A abordagem de Alberto de Oliveira sobre a continuidade da missão como um recomendador de almas destaca a importância da transmissão intergeracional dessas práticas. O reconhecimento dos desafios, como a diminuição no número de equipes e o declínio do interesse dos jovens, ressalta a necessidade de inovação e de estratégias para envolver as novas

gerações. Nesse sentido, a reinvenção das tradições não é apenas uma resposta a desafios externos, mas também uma estratégia interna para garantir a perpetuação das práticas.

A proteção espiritual e a fé mencionadas por Leonir Cavalcante oferecem uma perspectiva adicional sobre como essas tradições servem não apenas como elementos culturais, mas também como fontes de apoio emocional e espiritual em face das incertezas da vida. Essa dimensão transcendental adiciona uma camada mais profunda à compreensão da reinvenção das tradições, indicando que essas práticas não são apenas respostas pragmáticas, mas também fontes de significado e consolo.

Ao considerar o texto de Schweickardt (2000), que aborda a presença de rezadores em Manaus e suas práticas mágico-religiosas, é possível especular sobre a adaptação desses recomendadores de almas à modernidade. Nas últimas décadas, temos testemunhado mudanças notáveis nos padrões de crenças e práticas espirituais, impulsionadas pelo avanço tecnológico, globalização e secularização.

No contexto da modernidade, os recomendadores de almas se deparam com desafios significativos para preservar suas práticas tradicionais em um ambiente cada vez mais influenciado por valores secularizados. Em uma sociedade que muitas vezes prioriza a ciência e a racionalidade, a aceitação de práticas consideradas mágicas ou supersticiosas pode ser impactada negativamente.

Entretanto, esses praticantes têm demonstrado resiliência ao explorar maneiras de se adaptar à contemporaneidade. Ao integrar elementos modernos em suas práticas e redefinir suas funções conforme as necessidades espirituais da comunidade, os recomendadores de almas podem estar incorporando novas formas de sobreviver no mundo moderno.

A persistência desses recomendadores, nesse contexto, pode ser compreendida à luz da busca constante por significado e transcendência na modernidade. Em um mundo complexo e secularizado, as pessoas procuram orientação espiritual e conforto em práticas que oferecem um sentido mais profundo e que conectam a uma dimensão além do materialismo cotidiano.

Além disso, ao explorar o tema da morte e da cura espiritual praticados pelos recomendadores de almas na modernidade, podemos assinalar melhor como esses aspectos se entrelaçam com os desafios enfrentados por esses praticantes contemporâneos.

Ao lidar com questões relacionadas à morte, os recomendadores de almas podem ser considerados guardiões de tradições espirituais, fornecendo consolo e orientação diante do desconhecido. Num cenário em que o medo da morte muitas vezes é obscurecido por avanços tecnológicos e pela busca incessante por prolongar a vida, esses praticantes ressaltam a importância de considerar a dimensão espiritual e a transcendência para além do corpo físico.

A cura espiritual, intrinsecamente presente nas práticas dos recomendadores de almas, pode ser interpretada como uma resposta à busca contemporânea por significado e bem-estar integral. Em um mundo marcado por estresse, ansiedade e isolamento, a cura espiritual oferece uma abordagem prática para o cuidado da mente, do corpo e da alma.

No entanto, esses praticantes podem enfrentar desafios ao apresentar suas práticas de cura espiritual em um ambiente onde intervenções médicas convencionais muitas vezes são priorizadas. A integração de abordagens espirituais à saúde requer uma reconciliação entre tradições antigas e as expectativas da medicina moderna.

A persistência dos recomendadores de almas pode ser entendida como uma resposta contínua à necessidade de encontrar significado e conforto diante da morte. Suas práticas oferecem uma via de cura que transcende a esfera física, abordando aspectos emocionais e espirituais frequentemente negligenciados no paradigma médico convencional.

Dessa forma, a interconexão entre o tema da morte, a cura espiritual e a atuação dos recomendadores de almas na modernidade destacam não apenas os desafios enfrentados por esses praticantes, mas também a relevância contínua de suas práticas em um contexto onde as dimensões espirituais da existência coexistem com avanços científicos e tecnológicos.

Portanto, a análise das práticas dos recomendadores de almas em Parintins à luz dos conceitos de Hobsbawm (1997) e Schweickardt (2000), destaca a complexidade dessas tradições, que incorporam elementos de autenticidade histórica, adaptação consciente e busca de significado espiritual. A reinvenção das tradições não é apenas uma estratégia para a sobrevivência, mas uma expressão dinâmica da interseção entre a cultura, a espiritualidade e a evolução social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise abrangente deste estudo destaca a riqueza da tradição da recomendação das almas na Amazônia, enfatizando a importância cultural e religiosa dessa prática. Além disso, evidencia os desafios de marginalização que os praticantes enfrentam em um contexto de mudança social e diminuição do interesse entre os mais jovens. A análise destaca a importância do respeito pela diversidade religiosa e cultural, bem como da promoção da tolerância para evitar a marginalização dessas tradições religiosas. Isso ressalta a necessidade de compreender e valorizar as práticas religiosas tradicionais, reconhecendo o papel que desempenham na preservação da identidade e da herança cultural.

É importante destacar a relevância mais ampla da prática de recomendação das almas na Amazônia e nas regiões circundantes. Essas tradições religiosas populares não são únicas no Brasil, mas podem ser encontradas em todo o mundo, muitas vezes fora do escopo das religiões dominantes. A marginalização das práticas religiosas tradicionais, como a recomendação das almas, é um fenômeno global que se relaciona com a predominância das religiões majoritárias e o desaparecimento gradual das tradições espirituais mais antigas. Isso pode levar a uma perda significativa de conhecimento, cultura e identidade. Portanto, a compreensão e valorização dessas práticas espirituais podem desempenhar um papel crucial na preservação da diversidade cultural e religiosa.

A análise também nos lembra da importância de promover o diálogo inter-religioso e a tolerância religiosa. A marginalização de práticas religiosas menos conhecidas ou populares pode resultar em preconceitos e mal-entendidos. Portanto, a educação sobre as diferentes tradições religiosas e espirituais é fundamental para superar essa marginalização e promover o respeito mútuo.

Além disso, é relevante considerar os desafios contemporâneos enfrentados por essas tradições religiosas, especialmente no contexto de mudanças sociais e tecnológicas. A globalização e a influência da cultura dominante podem afetar a perpetuação dessas práticas. Como observado nos capítulos analisados, a nova geração muitas vezes não tem interesse em continuar essas tradições. Portanto, a adaptação e a integração de elementos contemporâneos podem ser necessárias para manter essas práticas relevantes e atrativas para as gerações mais jovens.

A prática de recomendação das almas e outras tradições religiosas similares também levanta questões mais amplas sobre a relação entre a religião, a cultura e a identidade. As crenças religiosas e espirituais desempenham um papel central na construção da identidade de

uma comunidade ou indivíduo. Portanto, a marginalização dessas práticas pode afetar a maneira como as pessoas se relacionam com sua cultura, história e herança espiritual.

Este estudo destaca tanto a importância cultural e religiosa dessas tradições quanto os desafios de marginalização que os praticantes enfrentam. A compreensão dessas práticas é fundamental para promover a tolerância religiosa, preservar a diversidade cultural e espiritual e garantir que as tradições mais antigas não se percam no tempo. Além disso, é essencial considerar a adaptação dessas práticas às mudanças sociais e culturais contemporâneas, a fim de garantir sua continuidade nas próximas gerações.

É importante abordar a resistência dos rezadores de almas em face da marginalização de suas práticas. Os capítulos discutidos fornecem insights sobre como esses praticantes mantêm viva uma tradição religiosa apesar dos desafios. A resistência manifesta-se de várias maneiras:

Persistência e Devoção: Os rezadores, como Mário Jorge, Seu Alberto, e Seu Leonir, demonstram uma profunda devoção à prática da recomendação das almas. Eles se veem como guardiões de uma tradição significativa e consideram sua missão religiosa como um dever sagrado. A continuidade dessas práticas é impulsionada por sua fé e compromisso.

Transmissão Geracional: Os rezadores frequentemente tentam passar seus conhecimentos e tradições religiosas para as gerações mais jovens. Apesar da falta de interesse dos jovens em algumas ocasiões, esses líderes espirituais reconhecem a importância de envolver a juventude e garantir que a tradição não seja perdida com o tempo.

Busca por Reconhecimento: Em muitos casos, como mencionado no capítulo III, os rezadores buscam o reconhecimento da Igreja Católica, uma instituição religiosa mais amplamente aceita. Essa busca de reconhecimento pode ser vista como uma estratégia para ganhar apoio e preservar a tradição, demonstrando a disposição dos praticantes em adaptar-se às dinâmicas religiosas mais abrangentes.

Mudanças Adaptativas: Os rezadores também mostram flexibilidade ao adaptar suas práticas aos tempos modernos. A incorporação de elementos contemporâneos, como o uso de microfones e alto-falantes para ampliar suas vozes, exemplifica a disposição de se ajustar às necessidades da era atual, mantendo ao mesmo tempo os elementos essenciais de suas tradições.

Comunidade e Coesão Social: A prática da recomendação das almas desempenha um papel importante na coesão das comunidades locais. Os grupos de rezadores formam redes de apoio e solidariedade e contribuem para a manutenção das relações comunitárias. Essa coesão social fortalece a resistência contra a marginalização.

Além disso, é importante observar que a própria tradição da recomendação das almas se baseia na intercessão pelas almas dos mortos, buscando sua redenção e salvação. Portanto, a prática em si é um ato de resistência contra a escuridão e o sofrimento que a morte representa, reforçando a importância do papel dos rezadores na comunidade.

Em uma análise mais ampla, a resistência desses rezadores reflete a importância da manutenção de tradições religiosas e culturais únicas em um mundo em constante transformação. Ao enfrentar a marginalização e o declínio no interesse pelas práticas espirituais tradicionais, esses indivíduos buscam preservar sua identidade, cultura e crenças.

A resistência dos rezadores de almas é um aspecto fundamental que emerge da análise dos capítulos, demonstrando que, apesar dos desafios e da marginalização de suas práticas religiosas, esses indivíduos estão dispostos a lutar para manter viva uma tradição que consideram crucial para suas vidas e comunidades. A análise reforça a importância de valorizar e respeitar as diversas práticas religiosas e culturais, reconhecendo seu papel na rica tapeçaria da diversidade humana.

Renovação Ritualística: Para manter viva a tradição, muitos rezadores mostram disposição para ajustar suas práticas, tornando-as mais atrativas para as gerações mais jovens. Isso pode incluir a incorporação de elementos contemporâneos, como a música moderna, enquanto ainda mantêm os elementos essenciais das rezas e das vestimentas tradicionais. A renovação ritualística demonstra a flexibilidade dessas práticas para se adaptar às mudanças culturais.

Comunicação e Visibilidade: A publicação dessas histórias e práticas em textos como o que estamos analisando é uma forma de ampliar a visibilidade das tradições religiosas locais. Isso pode aumentar a conscientização pública e o entendimento sobre essas práticas e, em última instância, promover a tolerância religiosa e o respeito pelas crenças e tradições locais.

Potencial para Coexistência: Os rezadores não veem suas práticas como mutuamente exclusivas em relação às crenças católicas mais convencionais, mas sim como uma extensão das mesmas. Eles frequentemente mencionam que suas ações de recomendar as almas são uma forma de caridade e solidariedade, valores que se alinham com a ética cristã. Essa compreensão pode potencialmente promover a coexistência pacífica entre diferentes tradições religiosas na região.

Construção de Identidade: Para muitos rezadores, a prática da recomendação das almas é uma parte fundamental de sua identidade. Eles se veem como guardiões das tradições de seus antepassados e acreditam que essa herança espiritual é uma parte inextricável de quem são. Essa forte ligação com a identidade impulsiona sua resistência.

Recursos Comunitários: Os grupos de rezadores frequentemente se apoiam mutuamente e recebem apoio da comunidade local, incluindo apoio financeiro e logístico. Essa rede de apoio é crucial para manter suas práticas, fortalecendo sua capacidade de resistir à marginalização.

Em última análise, a análise desses capítulos revela que a resistência dos rezadores de almas não se manifesta apenas na preservação de suas práticas religiosas, mas também na capacidade de se adaptar, comunicar e reivindicar um espaço para suas tradições nas complexas paisagens religiosas e culturais em que operam. Eles demonstram uma profunda conexão com sua fé e identidade, e sua luta para manter viva sua tradição é, em última instância, uma forma de resistência cultural, espiritual e social.

Esse estudo aborda as complexas dinâmicas envolvidas na prática de recomendar almas, incluindo sua origem, significados religiosos e culturais, os desafios de marginalização que enfrentam e a notável resistência demonstrada por aqueles que mantêm viva essa tradição. Mostra como essas práticas religiosas não podem ser compreendidas isoladamente, mas devem ser vistas em um contexto mais amplo de diversidade religiosa e cultural, destacando a importância da tolerância, compreensão e respeito mútuo em sociedades multiculturais e multirreligiosas.

Dessa forma, o estudo destaca a importância da preservação das tradições religiosas e culturais únicas que compõem a rica tapeçaria da diversidade humana e a necessidade de reconhecimento e apoio para aqueles que buscam manter essas tradições vivas, apesar dos desafios que enfrentam.

6. REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe, 1914 – 1984. **A história da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias/** tradução Priscila Viana de Siqueira. – [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 2012.
- BOURDIEU, P **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. S.A., 1989. 298 p. ISBN 972-29-0014-5.
- CAMPOS, PE. Manuel. A Decadência do Catolicismo Popular na região Parintinense. **Reencarnação ou Ressurreição: Uma decisão de Fé**, [s. l.], p. 108-117, 1995.
- COSTA, Ana. **A Morte e a Educação: saberes do Ritual de Encomendação das Almas na Amazônia**. Orientador: Dr^a. Denise de Souza Simões Rodrigues. 2012. 185 p. Dissertação (Mestre em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012. Disponível em: https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/06/ana_cristina_lima_da_costa.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.
- CAVALCANTE, Leonir. Entrevista concedida a Yandrei Farias. Parintins, NOV – 2018
- DURKHEIM, Émile. **A Divisão do Trabalho Social**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2018
- ELIAS, NORBERT, 1897 – 1990. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer/** Norbert Elias; tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- EUFRÁSIO, Vinícius e ROCHA, Edite - **O ritual de Encomendação das Almas: aspectos de uma prática luso-brasileira** - XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – B. Horizonte – 2016. Disponível em < encurtador.com.br/htIM3> acesso em 17 de setembro, às 17:30h.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

- GALVÃO, Eduardo (1957). **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas**. Brasileira, número 284. São Paulo: Companhia Editora Nacional, págs. 01-37.
- GALVÃO, Pedro. **Filosofia: uma introdução por disciplinas**. In: CUOCO, Agnaldo Portugal. Filosofia da religião. – (Extra - coleção) ISBN 978-972-44-1706-6
- GEERTZ, Clifford – A interpretação das culturas/ Clifford Geertz – 1 ed., 1. reimpre. – Rio de Janeiro: LTC, 2008
- HOSBAWN, Eric e RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. – Tradução de Celina Cavalcante – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997
- JORDÃO, VIEIRA FRANCISCO. **A religião sob o ponto de vista filosófico**. Revista Filosófica de Coimbra - n.º 4 - vol . 2 (1993). pp. 295-311
- JORGE, Mário. Entrevista concedida a Yandrei Farias. Parintins, NOV - 2018
- LIMA, Deborah. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO TERMO CABOCLO: SOBRE ESTRUTURAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO MEIO RURAL AMAZÔNICO. **Novos Cadernos NAEA**, Pará, v. 2, ed. 2, p. 1 - 28, 1999. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3125/1/Artigo_ConstrucaoHistoricaTermo.pdf. Acesso em: 1 out. 2023.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica. Uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.
- MALISKA, Marcos. MAX WEBER E O ESTADO RACIONAL MODERNO. **Revista Eletrônica do CEJUR**, [s. l.], n. 1, ed. 1, p. 1-14, 2006. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiukpaczKiCAxVaj5UCHX1mCv0QFnoECA4QAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.ufpr.br%2Fcejur%2Farticle%2Fdownload%2F14830%2F9954&usg=AOvVaw1BULntdMEB2_SmLwPIN0ef&opi=89978449. Acesso em: 8 jun. 2022.
- MARQUETTO, Rut Maria Friedrich - **A Relação Entre a Tradição e a Modernidade no Contexto da Feira Popular e dos Free Shops em Rivera/Uy**; Universidade Federal do Paraná – Paraná – 2009. Disponível em <goo.gl/o7wCDv> acesso em 16 de novembro de 2017 às 18h:47min
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia** / Raymundo Heraldo Maués. — Belém: Cejup, 1995.
- MAUSS, Marcel – **Sociologia e antropologia**/ Tradução Paulo Neves – São Paulo: Cosac Naify, 2003.

- NASCIMENTO, Mara Regina do. - **Religiosidade e Cultura Popular: Catolicismo, Irmandades e Tradições em Movimento** - Faculdade Católica de Uberlândia; Uberlândia – 2009. Disponível em <goo.gl/CXLY7E> acesso em 16 de novembro de 2017 às 18h:35min
- OLIVEIRA, Alberto. Entrevista concedida a Yandrei Farias. Parintins, NOV - 2018
- PEDREIRA, Carolina. **REZA NÃO É MÚSICA: A LAMENTAÇÃO DAS ALMAS NA CHAPADA DIAMANTINA**. Universidade de Brasília, Brasil, p. 1-39, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/15532/9211>. Acesso em: 6 set. 2023.
- PEREIRA, José Carlos – **O encantamento da sexta-feira santa: Manifestações do catolicismo no folclore brasileiro**. – São Paulo/ Annablume, 2005.
- SILVA, Deuzair José da. **A (RE) INVENÇÃO DO FIM [manuscrito]: lugares, ritos e secularização da morte em goiás no século XIX/** Deuzair S586r José da Silva. – 2012
- SOARES, Mariana Pettersen - **Almas e Encantados: uma cosmologia sobre o mundo dos mortos na região do Baixo Amazonas** - Universidade Federal Fluminense - Niterói, 2013. Disponível em: <http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/Mariana-Pettersen-Soares.pdf>> acesso em 02 de julho, às 16:00h
- SILVA, Deuzair. **A (RE)INVENÇÃO DO FIM: Lugares, ritos e secularizações da morte em Goiás no século XIX**. Orientador: Dra. Maria Borges. 2012. 299 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- SILVA, Giuslane; JÚNIOR, Sérgio. **A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM MICHEL**
- SOUZA, Ricardo Luiz de. - **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular** / Ricardo Luiz de Souza. – Natal: IFRN, 2013. 160p.
- SUESS, Paulo. **O catolicismo popular no Brasil: Tipologia de uma religiosidade vivida**. São Paulo: Edições Loyola, 1979. 210 p.
- SCHWEICKARDT, J. C. **Magia e religião na modernidade: os rezadores em Manaus**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira: o que é, como se faz**. 4 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- WEBER, Max. **Conceitos Sociológicos Fundamentais**. Tradução Artur Mourão. Covilhã: Lusofia: Press, 2010.